

Golpe de teatro no Tribunal de Albufeira

Al Awad revela verdadeira identidade: chamo-me Mohamed Hussein Rachid, sou estudante de engenharia e nasci há 23 anos em Jerusalém

Autêntico «golpe de teatro» no Tribunal de Albufeira quando esta manhã o suposto Al Awad, após uma ligeira interrupção da audiência pedida pela defensora oficiosa, Fátima Pontes, revelou a sua

verdadeira identidade, dizendo chamar-se Mohamed Hussein Rachid, ser estudante de Engenharia, de nacionalidade palestina, e ter nascido há 23 anos em Jerusalém. Recorde-se que,

desde que fora detido pela Polícia Judiciária, no quarto 507 do Hotel Fenix, em Lisboa, o presumível assassino de Sartaul, vinha-se identificando como Youssif Al Awad, de 26 anos, solteiro, natural de Fass e residente em Casa-

blanca. O passaporte apresentava-o como negociante. A sessão desta manhã ficou ainda marcada pela presença no Tribunal de Albufeira de uma mulher de trinta e poucos anos que se identificou à

porta como representante da viúva de Sartaul e que disse ter uma declaração para fazer. A mulher, de nacionalidade tunisiana, disse aos elementos da Segurança chamar-se Michèle Portehardt e ter uma credencial para falar em nome

da viúva do dirigente da OLP assassinado em Montechoro. Soube-se, finalmente, que o Tribunal irá convocar para depor o secretário de Sartaul, Abu Eischeh, ferido no atentado.

Pág. 7



As Avenidas que caem

«Com crescente frequência, lá vem a notícia no jornal: um prédio na Avenida x ruuiu esta madrugada, obrigando à evacuação de x famílias, etc, etc».

Amanhã, no «Diário de Lisboa», o primeiro de uma série de três artigos do arq. José Pedro Martins Barata. Porque caem os prédios, como se poderia evitar que caiam.

Encontro Soares-Mota Pinto previsto para amanhã

Debate sobre aborto só depois de Março — pretende o PSD

O PSD vai propor, amanhã, ao PS o adiamento da discussão parlamentar sobre o aborto para depois de Março. Isto é, para depois do seu Congresso de Braga. A decisão foi tomada pela Comissão Permanente social-de-

mocrata, realizada na sexta-feira passada e será transmitida amanhã a Mário Soares, durante a «cimeira» entre os dois partidos.

Entretanto, segundo uma resolução da Assembleia Regional

dos Açores publicada hoje no «Diário da República», é recomendada por aquele órgão açoriano à Assembleia da República, a «não votação de legislação permissiva da interrupção voluntária da gravidez, sem que

os legítimos representantes do povo dos Açores sejam ouvidos em termos vinculativos no que respeita à sua vigência na Região Autónoma dos Açores».

Pág. 5

GNR suspeita de fogo de origem criminosa

Fábrica de cortiça destruída pelas chamas em Alhos Vedros

Um incêndio de suspeitas criminosas, ao que afirmou ao «DL» um porta-voz da GNR, destruiu quase completamente a fábrica Coral Corticeira Algarvia, Lda no concelho de Alhos Vedros. O sinistro, detectado cerca das 4 e 30 desta madrugada e que só seria dominado por volta do meio-dia, reduziu a escombros e cinzas

toda a maquinaria e ainda blocos de aglomerado branco e folhas decorativas que já estavam embaladas para serem enviadas como encomenda para o estrangeiro.

De acordo com informações recolhidas pela nossa reportagem junto de chefe António Gonçalves, dos Bombeiros Voluntários

do Montijo, no combate às chamas participaram cerca de setenta homens pertencentes não só à sua corporação como ainda aos departamentos do Barreiro, Moita e Alcochete. A mesma fonte referiu-nos que os prejuízos se elevam a alguns milhares de contos e que na fábrica destruída trabalhavam noventa operários.

Por iniciativa do «Grupo de Contadora»

Países da América Central aprovam plano de pacificação
Em Havana, Fernando Moran propôs mediação de Espanha

Págs. centrais

Cessou 'operação' sul-africana contra Angola

A África do Sul anunciou o termo da operação militar contra a República Popular de Angola, encetada no dia 6 do mês passado e anunciou a retirada dos efectivos envolvidos nessa acção. Segundo os sul-africanos, os objectivos fixados foram atingidos, embora fontes dos EUA refiram que desta vez Pretória não teve um êxito tão seguro como noutras incursões. Ao mesmo tempo em entrevista concedida à TV do seu país, o primeiro-ministro sul-africano, «Pick» Botha, declarou-se disposto a travar um diálogo directo com a SWAPO, dirigida por Sam Nujoma.

Págs. centrais

Hoje:

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais

Perspectivas de degelo entre Leste e Oeste?



Rogério Ribeiro: um pintor com compromisso

Situación do socialismo chileno (Fim)

Reunificação e presença de Salvador Allende

A irradiação histórica do falecido presidente socialista Salvador Allende (1970-73), derrubado pelas forças armadas a 11 de Setembro de 1973, constitui um dos factores decisivos na perspectiva duma reunificação do Partido Socialista Chileno.

Com efeito, a pouco mais de uma década do seu derrube, a sua figura ressurgiu com extraordinária força, tanto nos sectores populares como entre a juventude e os intelectuais chilenos, notam porta-vozes partidários.

A revista da oposição «Análisis», que é editada pela Academia de Humanismo Cristão, acaba de publicar um perfil de Allende em três edições consecutivas, que se esgotaram rapidamente, o que obrigou a constantes reedições.

A IPS entrevistou os mais importantes dirigentes socialistas chilenos do momento, Ricardo

Lagos, da Aliança Democrática (AD-oposição), e Manuel Allmeyda, líder do Movimento Democrático Popular (MDP), sobre a situação do socialismo no Chile, as posições ideológicas, tentativas de reunificação e a figura de Allende.

Em relação às tentativas de reunificação, Lagos disse que «começaram há dois anos e agora foi estabelecida uma modalidade de trabalho através do primeiro comité de ligação, o que deu lugar, em Abril de 1983, à constituição do Comité Político de Unidade. Em Setembro último, acrescentou, «este comité adquiriu as características de Partido Socialista do Chile, constituindo-se um comité central e uma comissão política, os máximos órgãos de direcção do partido neste momento».

«Obviamente — precisou —, através deste mecanismo, outros sectores vão poder ser incorporados».

Allmeyda afirma que o Partido Socialista do Chile, membro do MDP, «está empenhado na unidade socialista. Para isso propôs a iniciativa de criar uma mesa socialista onde se discutam os problemas da unidade, tanto do socialismo histórico como das tendências cristãs socialistas».

«Pensamos que a unidade do Partido Socialista do Chile com facções do socialismo histórico, incluindo algumas do CPU é possível para formar um grande partido socialista revolucionário que, sem dúvida, expressaria a vontade política das maiorias socialistas», sublinhou o líder do MDP.

No que respeita à «unidade com os socialistas de origem cristã, pensamos que isso deve ser feito a médio prazo», afirmou Allmeyda.

A figura de Allende tem para ambos os dirigentes socialistas entrevistados um grande significado histórico.

Lagos exprimiu à IPS que «a visão do que ocorreu no Chile nesta década de regime militar, e a percepção que se tem do presidente Allende e do seu governo, é muito mais clara no estrangeiro do que no Chile».

E explica que isso acontece porque «no Chile caricaturizou-se e denegiu-se durante dez anos», e só «uma verdade emergiu», enquanto a «outra verdade está oculta».

«No entanto — afirma —, creio que o povo chileno conhece a outra verdade» e recorda a manifestação maciça da oposição levada a cabo em 18 de Novembro passado no parque O'Higgins, em Santiago, na qual milhares de trabalhadores e estudantes transportavam grandes fotos de Allende.

«Quando no parque O'Higgins vimos o rosto de Allende empunhado por tantas mãos — disse Lagos —, demo-nos conta de que a outra verdade está a emergir com força».

«Não tenho a menor dúvida de que o presidente Allende vai ser considerado, no futuro, como um dos maiores presidentes do Chile», sublinhou.

«E para isso vai influir, não só a forma heróica como deu a sua vida em defesa dum determinado sistema de governo, mas também a sensação existente no povo de que durante o seu governo socialista teve dignidade, respeito, decoro, e foi favorecido com um importante melhoramento socioeconómico».

O dirigente socialista do MDP, expressa por seu turno que «em primeiro lugar, é profundamente animador para nós constatar como a figura do presidente socialista Salvador Allende tem vindo a crescer nos últimos meses».

Allmeyda destacou que a cada dia que passa se recorda com maior clareza o significado do governo do presidente assassinado:

«Neste momento, a sua figura constituiu-se num símbolo de luta do nosso povo pelo restabelecimento da democracia no Chile».

«Creio — afirmou — que o legado político de Allende, de unidade da esquerda chilena, de unidade dos partidos representativos da classe operária deste país e o legado político de unidade sindical, estão hoje plenamente vigentes».

Segundo Allmeyda, tal legado de Allende «deve constituir a base sobre a qual deve fundar-se a luta popular contra a ditadura».

«O legado de Allende é o que o Partido Socialista do Chile reconhece, legado esse que lhe permitiu juntamente com outras forças — comunistas e independentes de esquerda —, constituir o Movimento Democrático Popular», concluiu Allmeyda.

Luis Alberto Jara - (IPS)

A alarmante recrudescentência do paludismo

Claire Brisset

Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

A criação de uma vacina contra o paludismo nunca pareceu tão próxima. A competição científica e industrial também nunca foi tão intensa. O congresso que se reuniu recentemente em Annecy, sob a iniciativa conjunta da Fundação Mérieux, do Instituto de Parasitologia de Grenoble, e da Universidade do Illinois, nos Estados Unidos, mostrou a necessidade de um maior esforço. Primeira doença mundial, o paludismo ameaça... 40% da população do planeta.

Quase dois mil milhões de seres humanos vivem hoje em zonas onde há paludismo. Este número aumenta incessantemente. Os doentes são, ao que se pensa, duas vezes e meia mais numerosos do que em 1968, data em que a Organização Mundial de Saúde reconheceu que a «erradicação» empreendida treze anos antes tinha fracassado e que era preciso imaginar outras estratégias. Claro que as avaliações estatísticas do paludismo são aporísticas e temporárias. A Índia, por exemplo, declarava sessenta mil casos em 1962, quatro milhões em 1982. Quantos, hoje?

Várias certezas, no entanto. O paludismo representa hoje a primeira causa de mortalidade infantil no mundo, e, provavelmente, uma das primeiras de mortalidade dos adultos. Ele constitui um dos principais freios ao desenvolvimento económico. A situação agrava-se de ano para ano.

Porquê? Em primeiro lugar porque as campanhas maciças de erradicação lançadas durante os anos 1950, na euforia que se seguiu à descoberta do D.D.T. (dicloro-difenil-tricloroetano) para, depois de algum êxito, depois fracassaram.

Os mosquitos tornavam-se «resistentes» aos insecticidas, incluindo os sucessores do D.D.T. As aplicações maciças tinham, ao mesmo tempo, degradado o meio ambiente e seleccionado categorias de mosquitos capazes de resistir eficazmente aos produtos tóxicos.

Alguns anos depois surgiu um novo fenómeno igualmente alarmante: a resistência do próprio parasita, desta vez no organismo humano, aos medicamentos contra o paludismo, feitos durante a Segunda Guerra Mundial, para substituir o quinine natural. A um tempo curativos e preventivos, estes medicamentos, cujo chefe de fila é a cloroquina, eram eficazes, praticamente sem efeitos secundários e não muito caros.

Hoje, essa dupla resistência adquiriu proporções gigantescas: nascida no Extremo-Oriente, principalmente no Vietname, durante a guerra, atacou várias partes da Ásia e da América Latina, e atingiu a África Oriental. Ela opõe-se, não só a uma prevenção eficaz, mas também ao tratamento dos doentes, que se revela num número crescente de casos, francamente inoperante.

Umhas vinte equipas ao trabalho

Daí a recente renovação da investigação em várias direcções: trata-se, ao mesmo tempo, de criar novos medicamentos e de acelerar a descoberta de uma vacina.

Encontrar novos medicamentos activos não é coisa fácil. Durante estes últimos anos a investigação americana testou mais de 200 000 novas moléculas, seleccionou algumas e tem hoje esperança em dois produtos. O primeiro, a mefloquina (1) poderia ser comercializada a partir de 1984. Tal como a cloroquina, é a um tempo curativa e preventiva. Mas já surgiram resistências a este novo produto. A indústria procura proteger o segundo, a halofantrina (2) do aparecimento de resistências.

Resta uma substância há longo tempo conhecida na China, o qinghaosu, na qual os investigadores estão a trabalhar. No estado actual dos conhecimentos, ela apresenta, no entanto, vários inconvenientes: a sua eliminação é rápida, portanto a sua eficácia é de fraca duração. Manifestamente, a investigação não gastou todos os caminhos possíveis no domínio medicamentoso.

A gravidade crescente do problema, o número dos casos mor-

tais, a tomada de consciência, pelos países do Terceiro Mundo, dos entraves que o paludismo impõe ao seu desenvolvimento, e pelos países industrializados do risco de «importação» da doença, estimularam fortemente a criação de uma vacina que, há alguns anos, se acelerou. Tratar-se-á da primeira vacina antiparasitária humana. Neste ponto, o ano crucial foi 1976, quando, pela primeira vez, dois investigadores do Rockefeller Institute de Nova Iorque, os doutores W. Trager e J. B. Jensen, conseguiram cultivar *in vitro* o parasita, condição prévia para todo o trabalho para a criação da vacina.

Depois disso, surgiram vários caminhos. Os principais têm em vista obter uma protecção vacinal contra as formas sanguíneas da doença, o que bloquearia a evolução do ciclo parasitário e constituiria, ao mesmo tempo, uma prevenção e um tratamento.

Ao todo, mais de vinte equipas trabalham na realização de tal vacina, especialmente nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na Austrália e em França, onde as principais investigações estão a ser feitas pelo Instituto Mérieux e pelo Instituto Pasteur.

Os trabalhos que o Instituto Mérieux está a efectivar, são feitos, neste domínio, com as equipas do professor Miodrag Ristic, na universidade do Illinois, e do professor Pierre Ambroise-Thomas, em Grenoble. Eles foram fortemente estimulados pela criação recente, pelo professor Ristic, de uma vacina contra uma doença parasitária animal, próxima do paludismo, a babesiose, um produto que o Instituto Mérieux vai comercializar em 1984 (3).

Para a feitura da vacina contra o paludismo humano, os três parceiros utilizam o mesmo método clássico da cultura *in vitro* do parasita e purificam os produtos que ficam à tona dessas culturas, e que contêm partículas vacinantes. Alguns macacos já foram imunizados através desse método. Resta purificar mais ainda o produto e, sobretudo, passá-lo do animal para o homem. Depois virá o estágio da produção industrial da vacina que poderá ser feita por

vias clássicas ou recorrendo aos novos métodos das manipulações genéticas.

Os investigadores do Instituto Pasteur trabalham directamente no próprio parasita. Eles procuram identificar a proteína parasitária que desencadeia a resposta imunitária. Esta proteína, já «meio» purificada, em Paris, é testada em «macacos-esquilos» no Instituto Pasteur de Cayenne. Estas investigações já utilizam as técnicas da divisão celular para obter o parasita. A ideia é fazer com que, de futuro, este seja produzido por bactérias, isto é, através das manipulações genéticas.

De um modo geral, o colóquio de Annecy permitiu criar directivas claras no domínio da luta antipaludismo. Convm agora, não só continuar a acelerar as investigações sobre a vacina e sobre novos medicamentos, mas também reforçar a luta contra o mosquito-vector, fortemente negligenciada há mais de uma década. Também é necessário, para evitar o aparecimento de novas resistências, renunciar à quimioterapia de massas e tratar sistematicamente todos os acesos febris, retomar a formação, um tanto abandonada, de jovens paludólogos, e melhorar mais ainda o conhecimento epidemiológico da doença.

É para dar resposta ao objectivo de um renovo da investigação sob todos estes aspectos do paludismo, que acaba de ser criada em Annecy, a Fundação Laveran. Ela tem em vista definir os meios de «controlo» do paludismo. Controlo e já não erradicação: um objectivo menos irrealista e mais de acordo com os múltiplos rostos de uma doença contra a qual se julgou por várias vezes nos últimos trinta anos, ter encontrado a arma absoluta.

(1) Laboratórios Hoffmann-Laroche.

(2) Laboratórios Smith, Kline e French.

(3) Tratar-se-á, um primeiro tempo, de uma vacina para cães. As babesioses formam um grupo de doenças animais, particularmente frequentes entre os bovinos, os cavalos, os carneiros, os porcos e os cães. São transmitidas por carraças.



Segundo as Nações Unidas

População mundial ultrapassará os seis mil milhões no ano 2000

● Cidade do México e Xangai: as cidades mais povoadas no início do século XXI

A população mundial será superior a seis mil milhões no ano 2000, sendo África e a América Central, as regiões que terão maior aumento demográfico, segundo foi anunciado na quinta-feira.

O departamento de população das Nações Unidas, autor do relatório, disse que a Europa, a União Soviética e a América do Norte serão, por essa ordem, as áreas em que o aumento populacional será menor nos anos que faltam para o fim do século.

O aumento em número de habitantes será particularmente sentido na Cidade do México, que com os seus actuais 17 milhões de habitantes é a terceira mais povoada do mundo, mas passará a ser a primeira no ano 2000, com quase 28 milhões de pessoas.

Xangai será das metrópoles mais afectadas pelo aumento demográfico, passando do quarto para o segundo lugar das maiores cidades, com 16,5 milhões de habitantes no ano 2000.

São Paulo e Buenos Aires continuarão nos dez primeiros lugares e o Rio de Janeiro será no fim do século a décima cidade mais povoada.

Por contraste, a zona metropolitana de Nova Iorque (hoje no segundo lugar da lista, com 18 milhões) passará ao sexto lugar, ao passo que Tóquio-Yokohama

(até agora em primeiro lugar) passará para o terceiro.

Quanto a população por área, a Ásia será a terceira região com maior aumento percentual de habitantes.

Segundo as projecções demográficas da ONU, a população africana passará de 513 para 851 milhões, com um aumento de 65,9 por cento até ao ano 2000.

A América Latina, actualmente com 390 milhões, atingirá os 564 milhões, com um aumento de 44,6 por cento.

A região mais povoada, a Ásia, crescerá de 2730 para 354 milhões de habitantes, com um aumento de 30,5 por cento.

A América do Norte passará de 259 para 302 milhões de habitantes, com um aumento de 16,6 por cento, a União Soviética de 272 para 309 milhões, com 16,6 por cento de aumento, e a Europa aumentará em 4,5 por cento, de 489 para 511 milhões de pessoas.

A influência do crescimento da população do Terceiro Mundo reflectir-se-á na lista das cidades povoadas.

Los Angeles, Londres e Paris, que são das dez cidades mais povoadas da actualidade, serão substituídas no fim do século por Bombaim, Calcutá e Jacarta.

O mundo capitalista será representado na lista por Nova Iorque.

política de A a Z

Quem vai pensar e organizar o centenário de Raul Proença?

Da vida de Raul Proença não encontramos memória viva nas Caldas da Rainha. Existe uma rua; existe uma lápide. Sabe-se que o filho de Jaime Augusto de Carvalho Proença e de Elisa da Nazaré Sangreman nasceu em determinada casa no dia 10 de Maio de 1884, mas ninguém recorda os seus primeiros passos, os primeiros gestos, as primeiras palavras. Pelo próprio Raul Proença sabemos ter sido para o periódico «Círculo das Caldas» que, sob a impressão dos acontecimentos da guerra anglo-boer, encheu «o primeiro linguado», e que essas primeiras linhas de prosa jornalística foram escritas «ai por 1900 ou 1901, lamentando o agravo da Inglaterra, mas prevendo o triunfo da Inglaterra».

Teria 16, ou 17 anos, Raul Proença quando, nas Caldas da Rainha, inicia a sua carreira de escritor público logo vocacionado para o interesse por problemas que transcendiam o local e o pessoal. A esse «primeiro linguado» para o «Círculo das Caldas» sucedem-se as colaborações nos mais diversos órgãos, uns de difusão regional, outros com impacto à escala nacional: «Democracia do Sul» (de Montemor-o-Novo), «Semana Alcobacense» (de Alcobaca), «O Heraldo» (de Tavira); «O Republicano» (de Alcobaca), «A República» (de Lisboa), «Vanguarda» (de Lisboa). Até que, em 1910, ao lado de António José de Almeida, Proença será o mais assíduo colaborador da revista «Alma Nacional».

No «Círculo das Caldas», publicará Raul Proença o seu trabalho (escolar) sobre «A Teoria de Malthus». É uma série de sete artigos iniciada no n.º 467 e que saiu à luz do dia, arrastadamente, de Agosto de 1904 a Fevereiro de 1905. Tinha 20 anos. O seu primeiro livro, um livro de versos, intitulado «Os SINOS», sairá, em Alcobaca, dos prelos da Tipografia e Papeleria de António M. d'Oliveira (1907-1908). Proença tem 24 anos. Aos 26 escreve os artigos de «Alma Nacional». Usa o pseudónimo Varius. Depois assina com o seu nome. Alguma prosa terá saído anónima.

O que surpreenderá o leitor é a maturidade intelectual, a preparação cultural, a vertebração dos argumentos, o rasgo ideativo do jovem escritor. Quando, nos últimos anos da sua vida, breves melhoras da pertinaz doença que o atingira na década de 30 permitem a esperança do seu pleno regresso ao combate de ideias, ineverente, acutilante, luminoso, num balanço da sua actividade escreveu: «O primeiro número da Seara Nova é de 15 de Outubro de 1921. Datam de 18 de Outubro de 1931 os meus últimos artigos. Uma campanha intensa, dirigida por um certo número de ideias fundamentais. Repassando hoje pelas olhos a produção desse tempo, noto nela, acima de tudo, dum certo número de postulados iniciais, que eram os postulados da democracia liberal e socialista; em segundo lugar, uma quase perfeita, se não perfeita unidade mental, através de toda essa fase».

Do artiguinho publicado no «Círculo das Caldas» às colaborações na revista «Alma Nacional», do que deixou impresso nas páginas de «A Águia» ao que escreveu na «Seara Nova», considerava Raul Proença que era patente uma coerente e uma «corrente ideativa». Citamos as suas palavras: «São sempre as mesmas convicções essenciais que lhes constituem o substrato e o arcaboço. É uma unidade evidente, e cada vez mais una. O meu espírito não era uma bússola doida à procura de um pólo magnético, um móvel em busca dum equilíbrio. Houve evolução, com continuidade nas ideias: uma evolução a partir dos mesmos princípios e da mesma génese inicial».

Dirá Proença que «uma intensificação e aceitação das mesmas tendências originais», excluía quaisquer «influências espúrias, ou um servil espírito de imitação, menos ainda um acomodatismo ou um interesseiro conformismo com os poderes ou as influências dominantes, a Moda, a Finança, os Partidos...»

O artigo de apresentação da Seara Nova continua a ser uma referência que nos aproxima do real pensamento de Proença: «A Seara Nova representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos, mas não da vida política, para que se erga, acima do circo onde se debatem os interesses das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional».

Este esforço não partidário — a Seara Nova repudiaria sempre que a confundam com um partido político — não poderá ser considerado alheamento militante da acção política. Por um lado, os homens da Seara Nova: «Serão poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes». Por outro lado: «sob o ponto de vista político, a Seara Nova enfileira na extrema-esquerda da República». Os seareiros, segundo o que Proença escreve, com concordância e aplauso de quantos o acompanhavam nas páginas da revista, são republicanos, são democratas, são socialistas. Ou como ele dizia em 1923, num texto sobre a «remodelação» da direcção da Seara Nova, no qual elogia rasgadamente António Sérgio: «Continuaremos a ser republicanos de tendência socialista...»

Também Proença foi — como Sérgio — um mestre de civismo. A um texto publicado na Seara Nova, dominado o país pela ditadura militar, ele vivendo no exílio parisiense de beira da crise fatal, juntou a seguinte nota: «A atitude normal do português é a atitude que espera sempre o milagre. E quase nenhum deles se convenceu ainda de que os milagres, para serem feitos, têm de começar por ser feitos por nós próprios».

Antes e depois de 1910, na escalada de Monsanto, na revolta de 3 de Fevereiro no Porto, na sua militância e na sua escrita na Seara Nova, Raul Proença não esperou o milagre, acreditou na acção de um escol intelectual militante empenhado numa «vida política activa». E passou à acção que desafiava as cóleras do Poder e dos poderosos, pela pena como panfletário clandestino e clandestino furtou-se às garras dos repressores. O escritor público foi o panfletário, o conspirador, o agente de ligação, o revolucionário exilado.

E duro lhe foi o exílio, por razões morais e materiais, primeiro em Madrid, depois em Paris.

Em Maio dia 10, completa-se um século sobre a data do seu nascimento. Quem irá chamar a si a comemoração do centenário? Os jornalistas, os escritores, os bibliotecários, o Governo? Só a Casa da Cultura das Caldas da Rainha?

Não é este o momento de dar balanço às comemorações do centenário de António Sérgio e de marcar os desvios e omissões, os silêncios, as ausências... E não é esta, também, a ocasião para propor o que entendemos que não poderá deixar de ser feito a propósito do centenário de Jaime Cortesão. Mas dos três seareiros é Raul Proença, não esquecendo a sua obra na Biblioteca Nacional e esse livro de devoção que foi o «Guia de Portugal», aquele que ficou crucificado, apesar da vocação para a reflexão do «essencial», nas suas páginas políticas.

Não terá o presente medo de um homem que exaltadamente viveu «para preparar a geração do futuro, a grande geração acolhedora e livre, a geração que saberá amar e revoltar-se, a geração que saberá escolher e permitir»?

ponto a ponto



O catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Alvaro Júlio da Costa Pimpão, faleceu sexta-feira e foi sepultado sábado, em campa rasa no cemitério de Santo António dos Olivais, nesta cidade.

Costa Pimpão sucumbiu a um acidente vascular cerebral, aos 81 anos de idade. Era natural de Coimbra e iniciou os estudos liceais no Liceu do Funchal, donde transitou para os liceus da Figueira da Foz e Viseu dos quais viria a ser reitor.

MALDONADO GONELHA, Leonel Fadigas e Almerindo Marques presidiram, em Pombal, a uma reunião de militantes socialistas preparatória do Congresso Distrital de Leiria do Partido Socialista. O Congresso realiza-se a 11 de Fevereiro, em Peniche, conforme ficou decidido no encontro.

No decurso da reunião aderiu ao PS João Dinis do Carmo, administrador do hospital distrital de Pombal, que analisou aspectos da nova carta hospitalar, oriunda do Ministério da Saúde. De passagem por Leiria, o ministro Gonelha anunciou para 85 o início da construção do novo hospital local.



AS duas religiosas portuguesas que durante mais de três meses estiveram em poder da UNITA chegaram já a Lisboa — informou a Congregação Teresiana. Vindas de Madrid, onde estavam desde sexta-feira, as missionárias Celeste Seara e Adelaide Gonçalves foram aguardadas no aeroporto pela irmã provincial da sua congregação, Carmen Gomara, por outras religiosas e por parentes.

A Assembleia Distrital do Porto do PSD deliberou «manifestar público apreço» à acção do ministro da Educação, José Augusto Seabra, e «manifestar-lhe todo o apoio político» — foi divulgado por aquela estrutura partidária.

Em comunicado distribuído, revela-se que a deliberação foi «aprovada por unanimidade» na reunião da Assembleia Distrital do PSD na passada sexta-feira, devido à «injusta e lamentável campanha» que se «tem vindo a verificar contra José Augusto Seabra enquanto ministro da Educação».



A Confederação Nacional das Associações de Famílias (CNAF) lançou, a nível nacional, a campanha «escreve uma carta, salva uma vida», inserida num movimento de oposição à legalização do aborto.

A carta é dirigida ao presidente da Assembleia da República e aos deputados e a CNAF apela «a todas as famílias e aos cidadãos portugueses» para que adiram à campanha «tomando posição firme contra a legalização do aborto e em defesa do direito à vida».

Vizela e Eça de Queirós

Maria José Pacheco (*)

DIZIA o nosso Eça de Queirós, com aquele sentido de humor que encontramos frequentemente nos seus escritos, que a história é uma velhota que se repete sem cessar.

Eça quis ilustrar a semelhança de acontecimentos que se repetiram em épocas diferentes e sobre os quais incidiu a sua luneta crítica.

Embora nos deliciemos frequentemente com a prosa queirósiana, não concordamos com a visão repetitiva da história, crendo antes na evolução contínua da humanidade no caminho do progresso moral e material e da paz.

Contudo, acontecimentos recentes do nosso País parecem dar razão a Eça de Queirós, por serem a repetição a papel químico de outros que ocorreram há umas boas dezenas de anos e dos quais só a história guarda memória.

A chamada questão de Vizela pode ser um exemplo adequado

para mostrar que a história se repete, quase debaixo dos nossos olhos, por vezes, ilustrando de algum modo a justeza do dito do nosso brilhante e excepcional escritor.

Como todos sabem, as gentes de Vizela encetaram recentemente uma vigorosa campanha para conquistar a sua autonomia municipal, um justo anseio por que se batem há muitos, muitos anos, contra a oposição daqueles que defendem uma estratificação administrativa que, servindo exclusivamente os seus interesses, contraria a vontade de populações que querem gerir os seus próprios destinos.

Os argumentos de que se servem os adversários de Vizela resumem-se à chamada unidade vimaranense, ao temor da redução da importância político-administrativa de Guimarães, na pretensa manipulação do povo de Vizela, cujos interesses não seriam melhor defendidos através de um município próprio. O pedido da criação do concelho de Vizela seria, enfim, fruto da

ambiçao de alguns.

Ora, demo-nos ao trabalho, há pouco tempo, de percorrer as páginas de um antigo semanário denominado «Echos de Guimarães», que se publicava naquela cidade, em 1914, há 70 anos, portanto.

Com grande surpresa, ficámos a saber que nesse ano de 1914 uma deputação de «cavalheiros de Vizela... foram de peregrinação até Lisboa pedir a criação dum concelho a dois passos desta cidade» de Guimarães. A pretensão desses cavalheiros «não representava uma aspiração dos povos das 17 (sic) freguesias que pretendiam desanexar, mas sim o desejo de meia dúzia de pessoas que aos interesses de todos antepunham os seus».

No fundo, os argumentos de os adversários da independência de Vizela utilizavam há 70 anos são os mesmos de que lançam mão, actualmente, os mesmos adversários. É caso para dizer que a história se repete!

Numa segunda-feira de Abril

de 1914, «reuniram no edifício da Câmara (de Guimarães) todas as colectividades com sede nesta cidade e muitas outras pessoas para resolverem a maneira de defenderem a integridade do concelho de Guimarães novamente (sic), ameaçada com a criação dum concelho em Vizela». A assembleia foi elucida «dos passos dados pela Câmara no sentido de contrariar a formação do novo concelho».

Recordamo-nos todos, certamente, das reuniões que houve, há poucos dias, em Guimarães, para defender a integridade do concelho, com a proclamação de que «Vizela é nossa». A história repete-se!

Para sustentar a causa de Guimarães, foi constituída, nesse ano de 1914, uma comissão de defesa da integridade do concelho, que deve ser a correspondência aproximada da comissão que se constituiu agora para sustentar que Guimarães não pode consentir a autonomia de Vizela. A história repete-se!

Na quarta-feira seguinte,

realizou-se um «imponentíssimo comício», no teatro D. Afonso Henriques, a convite da Associação Comercial. A transcrição, que se segue, é elucidativa:

«Assumiu a presidência o sr. Eduardo Almeida que, depois de expor o fim da reunião, disse que Guimarães não podia nem devia de forma alguma assistir de braços cruzados ao desmembramento do nosso concelho.

«Disse que na câmara... expusera a sua maneira de pensar sobre tão importante assunto. Um dos pontos principais a assentar é, sem dúvida, disse S. Ex.ª, pedir perante as instâncias superiores que na conclusão da reforma do Código Administrativo sejam respeitados determinados concelhos».

Têm antecedentes no passado as manobras, a que assistimos, contra a lei-quadro dos municípios. A história repete-se! O curioso é que os políticos já então trabalhavam na sombra, e na Capital, contra as pretensões da população de Vizela.

Na já referida reunião promo-

vida pela Associação Comercial de Guimarães, o sr. presidente da câmara leu um telegrama, recebido de um deputado, «que a assembleia recebeu com indescritível entusiasmo». Qual o texto desse telegrama? Ei-lo, a seguir:

«Tendo conseguido Directório (do Partido Republicano Português) desinteressar-se projecto Vizela não será aprovado esta legislatura».

Sendo bem conhecidas as vicissitudes dos projectos da criação do concelho de Vizela e da lei-quadro dos municípios, na actual Assembleia da República, por virtude de manobras e combinações partidárias, é de recear que venha a dizer-se que a história se repete.

Para finalizar, notamos que a coacção moral era já arma que os influentes de Guimarães não se dignavam usar para travar os anseios das gentes do vale do Vizela.

Na verdade, e a fazer f... pelo já

Continua na pag. 18

Entre o apoio
e o repúdio...

Candidatura de Soares divide PSD

«Mário Soares é o candidato ideal às presidenciais para que o País continue aprofundado e para que Portugal e o regime democrático se continuem a aprofundar na presente crise» — disse ontem, em Coimbra, o vice-presidente da Comissão Política do PSD daquele distrito, Jaime Ramos.

Em Portimão, por sua vez, José Vitorino, presidente da Comissão Política do Algarve do PSD, dizia igualmente ser «im-pensável» o apoio dos sociais-democratas à candidatura de Soares a Belém.

Jaime Ramos e José Vitorino, cada um a seu modo, defenderam também a apresentação, por parte do PSD, de um candidato próprio às eleições presidenciais, no âmbito das decisões do Congresso de Montechoro.

As declarações destes dois dirigentes do PSD surgiram como resposta a afirmações do presidente da Comissão Política do PSD de Coimbra, Alexandre Gouveia, que havia, durante o fim-de-semana, defendido «como conveniente ao regime», o apoio dos sociais-democratas à candidatura de Mário Soares.

Jaime Ramos, que é ainda presidente da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, afirmou igualmente que «o candidato proposto pelo PSD tem de ter uma capacidade para vencer e derrotar os concorrentes às próximas eleições presidenciais».

O candidato do PSD — adiantou — tem de personificar a esperança numa sociedade melhor, construída sobre o pensamento social-democrata e que se oponha frontalmente ao actual situationismo do regime.

Socialistas ganham duas Juntas de Freguesia

O PS, que detinha a maioria simples, venceu ontem com maioria absoluta as eleições para a Junta de Freguesia de Santa Luzia, no concelho de Ourique, distrito de Beja.

OPS obteve 171 votos (61 por cento) e a APU 106 (39 por cento), registando-se ainda um voto nulo e um branco. PS e APU foram as duas únicas forças partidárias concorrentes a estas eleições e encontravam-se inscritos nos cadernos eleitorais 423 cidadãos. Registou-se uma abstenção da ordem dos 65,9 por cento.

As eleições antecipadas em Santa Luzia foram provocadas pela demissão em bloco dos autarcas do PS, que alegaram não estarem a receber o necessário apoio da Câmara de Ourique, cuja maioria é APU.

O PS venceu também as eleições para a Junta de Freguesia da localidade das Furnas, ilha de São Miguel.

A lista socialista, encabeçada por António Oliveira Galante, ganhou as eleições com 338 votos, e os outros dois partidos concorrentes, o CDS e a APU obtiveram, respectivamente, 195 e 31 votos.

O cabeça de lista dos centristas era Dinarte de Oliveira e o do Povo Unido, José Francisco Machado.

Dos 1386 eleitores inscritos votaram apenas 44 por cento, registando-se um índice de abstenções na ordem dos 56 por cento.

Os socialistas substituíram na Junta de Freguesia o PSD, anteriormente maioritário naquele órgão autárquico das furnas.

Portugal adere ao Banco Africano de Desenvolvimento

Portugal acaba de formalizar a sua adesão ao Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), através da assinatura do respectivo acordo de constituição e do depósito dos instrumentos de adesão, o que teve lugar na sede da Organização das Nações Unidas em Nova Iorque.

A adesão de Portugal ao Banco Africano de Desenvolvimento vem na sequência da associação do nosso país ao Fundo Africano de Desenvolvimento (FAD), ocorrida em Maio de 1982. Estas duas instituições financeiras têm como objectivo a mobilização e canalização de recursos para projectos de desenvolvimento económico e social no continente africano e a participação de Portugal torna possível a intervenção de técnicos e

empresários portugueses nesse esforço de desenvolvimento.

É regra do grupo BAD/MFAD a prática de concursos internacionais, abertos a empresas ou entidades dos países seus associados, para empreendimentos e trabalhos de consultoria a realizar através dos respectivos financiamentos. Por isso, a participação de Portugal nestes dois organismos facultará às empresas e consultores nacionais o acesso aos concursos abertos no âmbito dos empréstimos financiados pelo grupo em África.

O BAD, que tem a sua sede em Abidjan, na Costa do Marfim, foi criado em 1964, mas só em 1982 foi tornada estatutariamente possível a admissão de países não regionais. O FAD, que é gerido pelo próprio

banco, veio a ser criado em 1972, desde logo com a possibilidade da associação de países não-africanos. Os seus empréstimos visam financiar empreendimentos nos países regionais e com menores recursos económicos.

A participação do nosso país no BAD traduz-se, inicialmente, na tomada de 1008 acções, cada uma no valor de 10 000 direitos de saque especial, ou seja, o equivalente neste momento a um pouco mais de 1 milhão de contos. Será de notar, ainda, que a quota negociada somente implicará, em princípio, a liberação de 1/4 do seu valor. O montante a pagar ao banco — ao câmbio actual, aproximadamente 260 000 contos — será liquidado em cinco anuidades iguais, a primeira das

quais vencível no prazo de 30 dias a contar da data em que o presidente do BAD anunciar que Portugal satisfizesse todas as condições para adesão.

Naturalmente, a participação de Portugal destes dois organismos reveste-se de grande interesse, em virtude da possibilidade de estreitamento das relações com os países africanos, incluindo os de expressão portuguesa e pela efectiva abertura de oportunidades para as empresas portuguesas.

A divulgação dos concursos internacionais financiados por estas duas instituições, bem como a de todas as informações sobre a actividade das mesmas, está a cargo do Gabinete para a Cooperação Económica Externa, do Ministério das Finanças e do Plano.

Visita de Jaime Gama a Bagdad

Ministro da “pontapé de saída” na capital iraquiana

O ministro dos Negócios Estrangeiros declarou à ANOP, em Bagdad, que é preciso «dar o pontapé de saída nas relações entre Portugal e o Iraque».

Jaime Gama falava ao enviado da agência portuguesa de notícias já depois de ter chegado à capital iraquiana para uma visita oficial de três dias. O titular do MNE foi recebido no aeroporto de Bagdad pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque, Tareq Aziz.

Nas suas declarações à ANOP, Jaime Gama afirmou que a cooperação portuguesa com o Iraque não é só tarefa do Governo, mas também de diversas empresas. Sublinhou ainda que «Portugal pode agora lançar bases sólidas para dar novo impulso às relações entre os dois países».

Esta visita permitirá desbloquear situações específicas da cooperação», concluiu o ministro.

O chefe da diplomacia portuguesa teve já hoje de manhã, ou terá ainda de tarde uma reunião com Tareq Aziz, no Ministério Iraquiano dos Negócios Estrangeiros. Ao mesmo tempo reuniu-se ou reunirá a delegação portuguesa à comissão mista luso-iraquiana, no Minis-

tério do Plano em Bagdad, com o objectivo de delinear esquemas de actuação na cooperação a desenvolver entre os dois Estados.

De acordo com a ANOP, os três representantes das empresas portuguesas que foram de Lisboa começaram já a ter contactos com entidades do Iraque.

Um gesto de boa vontade...

Causou enorme estranheza em Lisboa a notícia, segundo a qual diplomatas portugueses andaram a pedir às autoridades governamentais do Iraque e do Kuwait, acreditadas nestes países, que pagassem a estadia a três jornalistas de Lisboa que iam acompanhar o ministro dos Negócios Estrangeiros na sua visita a Bagdad e ao Al-Kuwait.

Dos três jornalistas que seguiram com Jaime Gama, apenas conseguiram apurar a identidade de Cartaxo e Trindade, da ANOP (que já foi adido comercial em Bagdad), em relação ao qual as cúpulas do MNE dispensam a maior atenção, por o considerarem uma competência em assuntos árabes.

O presidente da Petrogal iniciou ainda ontem alguns contactos oficiais.

Cooperação

A comissão mista luso-iraquiana reúne-se pela terceira vez desde que foi assinado o

acordo de cooperação económica, comercial e técnico entre Portugal e o Iraque, em 1977. O ministro Jaime Gama, nas suas declarações, reconhece que a cooperação entre os dois países tem sido limitada por culpa das duas partes. Por isso, está interessado em dar-lhe nova dinâmica e oportunidades às empresas portuguesas apostadas no Mercado Comum.

Com o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros viajaram representantes de empresas ligadas ao turismo desportivo, produtos farmacêuticos e, ainda, do núcleo das indústrias da defesa da Associação Industrial Portuguesa e jornalistas.

No programa da visita de Jaime Gama estão previstas entrevistas com o ministro do Plano e o primeiro vice-primeiro-ministro, Taha Ramadhan, mas não consta qualquer contacto com os trabalhadores portugueses (cerca de cinco mil) que se encontram no Iraque.

Segundo o enviado da ANOP, Portugal está a negociar em Bagdad um novo contrato para 1984 da compra de petróleo ao Iraque. No ano passado o nosso país comprou a Bagdad mais de 150 milhões de dólares de petróleo.

O Conde de Barcelona jantou sábado em Belém

O conde de Barcelona e esposa, pais do rei Juan Carlos de Espanha, jantaram no sábado, no Palácio de Belém, com o Presidente Ramalho Eanes, que formulou o convite aproveitando a estadia do conde de Barcelona em Portugal, onde passou o fim do ano.

As relações entre Portugal e Espanha têm passado por um período de grandes dificuldades no plano prático e ao nível da actuação dos executivos dos dois países, mas é conhecido o empenho que o soberano espanhol sempre tem manifestado para que essas relações se estreitem o mais possível, tal como acontece também com o Presidente Ramalho Eanes.

O conde de Barcelona era portador de uma mensagem de Juan Carlos para Eanes, na qual eram sublinhadas as boas relações entre os dois países.

CDS sente-se perseguido pelo clientismo do bloco central

O CDS sente-se perseguido pelo «Bloco Central» e na sequência de uma reunião da sua comissão política emitiu um comunicado no qual refere que «verifica com preocupação a situação de militantes e dirigentes do CDS, que são vítimas do sectarismo e clientelismo do “Bloco Central”».

Nesta perspectiva, aquele órgão centralista decidiu manifestar a sua solidariedade a aqueles militantes e dirigentes e criar uma comissão para analisar as situações que acaba de denunciar.

Os centristas denunciam também o que definem como «as tentativas de desestabilização do regime democrático», que se vêem traduzindo em «processos de concessão de prioridade a questões aviltantes para a sociedade portuguesa como são os ataques de personalidades do “Bloco Central” e da Maçonaria à Igreja e à liberdade de ensino, como é a nova tentativa de despenalização do aborto, a insidiosa distribuição partidária dos lugares públicos».

Quanto à questão do aborto, a comissão política do CDS reiterou ao grupo parlamentar «a rejeição de qualquer alteração ao Código Penal relativa ao aborto e a oposição a qualquer tentativa que afecte a dignidade e a missão de instituições nacionais como a Igreja e as Forças Armadas».

A comissão política do CDS definiu também as linhas de orientação a curto prazo, enquanto partido de oposição democrática alternativo ao sistema do «Bloco Central», e nesse sentido «recomendou a continuidade da acção parlamentar desempenhada pelo CDS e reconheceu que nas previsíveis condições da vida política portuguesa para os próximos meses se impõe a preparação de uma alternativa de governo sob a direcção do líder do partido, Lucas Pires».

População reteve comboio

Encerrada no passado dia 1, a estação de Avureiro, próximo de Mirandela (linha do Tua), voltou a conhecer grande movimentação durante o dia de ontem, devido a uma manifestação de protesto da população daquela freguesia, contra o encerramento. Manifestação que levou, ainda, à retenção do comboio, com destino ao Porto, durante cerca de meia-hora.

A via só foi aberta, depois de um diálogo prolongado com o pessoal da CP que prometeu ir apresentar o problema à respectiva administração.

Refira-se, a propósito, que a Câmara de Mirandela já tomou, em devido tempo, as medidas que se impunham, designadamente através de telegramas que enviou ao Primeiro-Ministro, ao ministro do Equipamento Social e à administração da CP.

Saliente-se, ainda, o facto de a GNR ter estado no local onde a composição esteve retida.

MDP/CDE acusa Governo de lesar interesses dos portugueses

Num comunicado de fim-de-ano, o Secretariado Nacional do MDP/CDE, através de um comunicado ontem divulgado, considera que o agravamento da situação económica do País, é o que ressalta do ano findo e obre condições ainda mais desfavoráveis para a vida dos portugueses em 1984, ao mesmo tempo que acusa o Governo de ter comprometido gravemente o futuro do País, ao submeter-se às condições impostas pelo FMI.

Na perspectiva do MDP/CDE o Governo, embora tentando justificar as suas medidas com a difícil situação financeira, «não segue uma orientação meramente conjuntural e tem visado a alteração de estruturas da nossa sociedade no sentido mais lesivo para a grande maior-

ria dos portugueses».

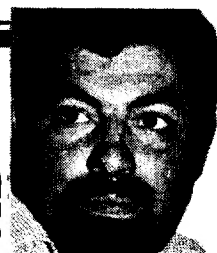
O comunicado salienta como exemplos dessa política «a abertura de novos e lucrativos sectores aos grandes capitais estrangeiros e nacionais (para o que foram concedidas recentemente ainda maiores facilidades), a par do estrangulamento do sector empresarial do Esódo, das dificuldades levantadas na zona de intervenção da Reforma Agrária, das alterações nas relações e nas condições de trabalho, dos condicionamentos impostos à Comunicação Social no sentido de a controlar mais estreitamente, entre tantos outros aspectos».

O MDP/CDE acusa o Governo de dizenho apoiar a iniciativa privada, não só não ter ultrapas-

sado as dificuldades dos empresários que desejam desenvolver uma actividade normal, «como tem — directa ou indirectamente — dado apoio aos que actuam no quadro especulativo e com mira no lucro fácil. A sua política tem como principal objectivo a reconstituição dos grandes grupos económicos do tempo do fascismo, agora associado como grande capital internacional, como ilustram exemplarmente as últimas decisões de lhes entregar todo o comércio de trigo através da destruição da PECA. Assim, ao mesmo tempo que actua contra os interesses da população laboriosa, em que deveria apoiar-se para fazer sair o País da profunda depressão em que se encontra, o Governo actua contra os interesses dos

pequenos e médios empresários, bem como dos que desejariam desenvolver uma actividade normal e contribuir para o nosso crescimento económico».

Noutra passagem o MDP/CDE sublinha que o mal-estar e o descontentamento social, a par do isolamento político do Governo, que têm vindo a acentuar-se, «colocam cada vez mais agudamente as exigências de uma alternativa democrática», e considera que a aproximação das eleições presidenciais «desenvolverá uma dinâmica favorável a este objectivo, permitindo em devido tempo ultrapassar o impasse político a que num futuro não muito afastado conduzirá a inevitável falência da actual coligação governamental».

PEDRO
CID

Projecto sobre o aborto:

PSD vai pedir novo adiamento

O PSD vai propor ao PS que adie para depois de Março a votação na Assembleia da República do projecto de lei de despenalização do aborto. A decisão foi tomada na reunião da Comissão Permanente dos sociais-democratas de sexta-feira de manhã e deve ser comunicada oficialmente a Mário Soares no decisivo encontro de amanhã com o prof. Mota Pinto. Ao que nos disseram vários dirigentes do PSD, o pedido de adiamento não obedece a nenhuma estratégia pré-definida, nem mesmo a qualquer nova tática. O «substrato» poderá ser o Congresso, mas só na aparência, porque, na realidade, Mota Pinto prossegue a política de adiamento em que se tem vindo a deixar enredar desde que é vice-Primeiro-Ministro.

A situação política no seio do Governo e dos partidos da coligação é neste momento de grande confusão. Sendo certo o esvaziamento progressivo da imagem do Executivo, parece haver da parte dos centros vitais de decisão (Mota Pinto e Mário Soares) um impasse até agora inultrapassável. O jornalista tem fundadas razões para dizer que Mário Soares e Mota Pinto estão de certa forma isolados das direcções políticas dos seus partidos. Os dois homens querem reduzir a remodelação ministerial à substituição de uns quantos secretários de Estado. Os estados-maiores do PS e do PSD desejam uma reestruturação com mais amplitude, que abranja entre dois a quatro Ministérios. No mínimo os ministros da Educação e do Equipamento Social têm de ser substituídos, mas se quiser realmente imprimir-se uma nova dinâmica ao Governo, a remodelação deve abranger também os Ministérios da Agricultura e da Indústria. Neste último, Veiga Simão tem dado ultimamente provas de megalomania incompatíveis com o País que somos — dizia-nos esta madrugada um dos dirigentes que tem acompanhado o desenrolar deste «filme» e que conhece como poucos os bastidores da coligação. Tudo depende agora, em última análise, do entendimento ou desentendimento dos dois líderes máximos da coligação.

Os gastos de José Augusto Seabra e a teimosia de Mota Pinto

Um dos pontos nevrálgicos da situação governamental diz respeito ao Ministério da Educação. Os dados da questão não se alteraram, mas vale a pena recapitulá-los, adicionando-lhes as últimas informações que pudemos apurar:

Consumada a demissão dos secretários de Estado (numa atitude conjunta, o que é politicamente significativo se se atender a que pertencem a partidos diferentes), Mário Soares admite, pela primeira vez, substituir Seabra. A isto se opõe tenazmente Mota Pinto, razão pela qual ao longo deste fim-de-semana o ministro da Educação desenvolveu múltiplos contactos com vista a preencher as vagas deixadas pelos secretários de Estado demissionários. Em meios de Lisboa e do Porto dizia-se mesmo que Seabra poderia ter convidado Cerqueira Correia que, por coincidência, é um dos administradores da RTP em conflito com Palma Ferreira. A informação chega-nos de várias vias e não podemos testar a sua real consistência. No entanto é de assinalar que o PS decidiu não dar nenhum secretário de Estado para o Ministério enquanto Seabra for o seu titular. Nas estruturas do PSD, José A. Seabra também não dispõe de apoios significativos para além de Mota Pinto. Aliás, o vice-Primeiro-Ministro viu-se confrontado com numerosas e fortes reticências dos seus pares da Comissão Permanente do PSD, as quais podem subir de tom na reunião da Comissão Política de depois de amanhã. É por isso que a questão Seabra ainda não é líquida — dizia-nos um dos membros dessa direcção colegial dos sociais-democratas.

Entretanto, vieram ao nosso conhecimento o montante das despesas avultadas feitas pelo ministro José Augusto Seabra, aparentemente sem justificação plausível. Pudemos confirmar uma astronómica conta de telefone até 30 de Setembro (320 contos), sabendo-se que muitas das chamadas foram feitas para França e para o Brasil; uma muito avultada soma de despesas de almoços (mais de quinhentos contos entre Junho a Dezembro); 456 contos de aluguer de Hotel (referenciando-nos as nossas fontes ser verdade que J.A. Seabra prescindira do subsídio de alojamento). Numa recente deslocação a Paris, o ministro da Educação terá gasto mais 200 contos para além das despesas de representação, importância suportada pelas verbas públicas sem justificação cabal.

O jornalista não tem dúvidas da veracidade destes números e publica-os sem receio de ser desmentido, mas obviamente, não põe aqui em causa a honorabilidade pessoal do ministro. O que se entende necessário, até porque tais verbas constituem motivo de escândalo nas estruturas do Ministério, é uma explicação transparente, sobretudo e principalmente da verba de 200 contos gasta para além das despesas de representação. E como a democracia implica transparência, e como o ministro é uma figura pública, os seus actos eventualmente mais controversos têm que ser justificados, quanto mais não seja por um imperativo de pedagogia democrática, tantas vezes defendida pelo próprio ministro.

É disso que se fica à espera.

Ángelo Correia apoia Mota Pinto?

O prof. Mota Pinto pediu ao eng. Ângelo Correia que lhe reunisse «tópicos» para a sua moção de estratégia que vai elaborar para apresentar ao próximo Congresso do PSD. A revelação foi feita pelo próprio Mota Pinto na reunião da Comissão Permanente a que já aqui aludimos. A moção deve ficar concluída no próximo fim-de-semana. Mota Pinto, pode ter um lindo enterro se confiar em Ângelo Correia — ironia do importante dirigente do PSD, que nos facultou a informação.

Enquanto isto, sabíamos que Helena Roseta não deverá, em princípio, apresentar nenhuma moção, ficando na expectativa, sobretudo perante a intensa movimentação que a partir de agora se vai desencadear no seio dos sociais-democratas.

Conselho Directivo elegu novos órgãos

UEDS critica a direcção do PS por causa de António Vitorino

A apreciação do «caso António Vitorino» transformou-se na questão central do Conselho Directivo Nacional da UEDS realizado no sábado em Lisboa, para além das eleições marcadas na ordem de trabalhos.

Aquele órgão que se reuniu pela primeira vez após a IV Convenção informou, em comunicado, que a decisão do dirigente e deputado do partido de integrar o Governo terá «necessariamente de culminar» no seu afastamento. Afirma o documento que a decisão de António Vitorino «é um acto de carácter estritamente pessoal» e assumido «à margem do partido, da sua direcção e das orientações estatutárias a que estão submetidos os militantes».

Conforme tem sido noticiado, António Vitorino deverá ser o novo secretário de Estado para

os Assuntos Parlamentares, na sequência da remodelação governamental que está em marcha.

O Conselho Directivo da UEDS esclarece que a participação de António Vitorino no Governo «não constitui qualquer comprometimento da UEDS, que mantém inalterada a sua posição de distanciamento e não apoio à coligação PS-PSD». No comunicado «lamenta-se a atitude do PS», cuja direcção «ao ignorar a UEDS ao longo de todo este processo, violou os mais elementares princípios de ética política, não contribuindo desta forma para a manutenção de um clima de diálogo entre os dois partidos».

Vitorino à espera de Lopes Cardoso

Esta manhã contactámos com An-

tónio Vitorino. E pusemos-lhe a questão: «já abandonou a UEDS?» O previsível novo secretário de Estado furtou-se à resposta, dizendo que ainda não tinha lido o comunicado do Conselho Directivo. De qualquer forma, adiantou que a questão irá ficar resolvida ao longo desta semana. Antes de prestar declarações sobre o assunto, António Vitorino pretende, como disse, falar com o eng.º Lopes Cardoso. Quando? «O mais brevemente possível».

Novos órgãos eleitos sábado

Entretanto no sábado, o Conselho Directivo da UEDS ao qual faltou António Vitorino, procedeu à eleição da Comissão Política Nacional e do Secretariado Executivo Nacional. Para o primeiro órgão foram eleitos doze elementos da «maioria» e oito da «minoridade». A comissão política ficou assim constituída: Lopes Cardoso, César Oliveira, Lopes Mendonça,

João Paulo Oliveira, Joel Hasse Ferreira, Brás Pinto, Fernanda Lopes Cardoso, Rui Santos, Leiria Pinto, Kalidás Barreiro, Brandão de Brito e Joaquim Martins, pela «maioria»; e Rui Namorado, António Guedes, Francisco Pessegueiro, Jorge Novais, Ernesto Costa, Vítor Nunes, Ismael Mendens e Manuel Ferreira, pela «minoridade».

Lopes Cardoso foi reeleito primeiro secretário do partido e Octávio Cunha, eleito presidente do Conselho Directivo Nacional. Durante a reunião de sábado foram ainda fixados os critérios que presidirão à eleição dos seus membros pelas estruturas regionais, em número de 25. Destes elementos serão depois eleitos cinco, os quais completarão a comissão Política Nacional.

Relativamente à questão da unificação da Esquerda Democrática e Socialista, processo que a UEDS pretende mover, de acordo com a decisão tomada na IV Convenção, não houve qualquer debate na reunião de sábado.

Não nos limitamos a exportar Apoiamos a exportação

Embalamos produtos
e também embalagens

Sempre acrescentamos valor
preservando o valor
do valor que embalamos

em todas as direcções
dirigindo-nos
a todos os mercados
e a todos os produtos

A sua imagem
é a nossa imagem

Temos a solução técnica
da civilização do papel
para o papel do comércio
Ser primeiro
é sê-lo também
na responsabilidade

Há sempre uma embalagem...



PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, E.P.
Direcção
EMBALAGEM

UDP prepara o VI Congresso

“A crise não é de governo mas de regime”

«O problema de Portugal não é de Governo mas de regime» — considerou ontem o Conselho Nacional da UDP que se reuniu durante o fim-de-semana. Para a resolução dos problemas do país a solução seria um regime de «república popular».

Durante a reunião que serviu para aprovar projectos de resolução que serão apresentados no VI Congresso do partido que irá decorrer em Lisboa, nos dias 25 e 26 de Fevereiro, o actual Governo não deixou, porém, de

ser atacado. Para a UDP trata-se do Governo que «está a trazer maior miséria e fome aos portugueses, desde o 25 de Novembro de 1975, e que, tendo-se apresentado como de pacto social, o que na realidade fez foi um pacto com o Diabo, com o FMI».

Segundo Carlos Marques, membro do Secretariado Nacional da UDP, a «única saída para a crise provocada pela direita» é a «república popular». Nesta perspectiva, o conselho nacional decidiu que o lema do congresso

seja «unir o povo para que os ricos paguem a crise».

Nos projectos de resolução aprovados durante o fim-de-semana, exige-se a revogação do acordo com o FMI, a suspensão dos pagamentos ao estrangeiro, a revogação do «lay-off» e a implantação de impostos progressivos sobre o capital e lucros.

Quanto à formação de uma «república popular», o projecto prevê a «criação de um exército popular, o controlo dos trabalhadores sobre toda a vida política, a

expropriação de terras ao grande capital e consequente entrega aos que nelas trabalham, a nacionalização de todo o comércio externo e a independência total, militar, económica e cultural, de Portugal». Acrescenta a UDP que «a experiência que se tem vivido em Portugal mostra que o problema não reside no Governo, pois já se experimentaram todos os tipos e fórmulas de Executivo e cada um deixa a situação pior para os trabalhadores».

ensino

Criação de Fenprof em 83 é um marco na luta dos docentes

«O Governo saído das eleições de Abril, através da acção prosseguida pelo seu ministro J. A. Seabra, veio agravar ainda mais a situação. A sua actuação salda-se globalmente por um rotundo fracasso e ela própria, e sobretudo pela inércia de actuação, tem sido um factor de agravamento dos problemas. Nenhuma demagogia por mais propagandeada que seja consegue ocultar esta realidade», afirma o Secretariado da Federação Nacional dos Professores no seu último comunicado em que faz um balanço da actuação do Governo no sector do ensino durante 1983.

Foi negativa a evolução da situação socioprofissional dos professores. «E só não o foi mais devido à luta persistente» que os professores desenvolveram, sublinha a FENPROF.

Aquela estrutura sindical justifica em seguida as suas conclusões: a situação salarial dos docentes continuou a degradar-se, o que levou muitos professores a procurar duplo emprego, acumulações e horas extraordinárias, explicações, para fazer frente a «despesas pessoais e familiares implacáveis».

O aumento salarial de 17 por cento conquistado em Janeiro de 83 «foi absorvido e ultrapassado pela inflação registada no mesmo período (superior indubitavelmente a 24 por cento) e foi mesmo nominalmente rebaixado em 2 por cento pela aplicação do imposto extraordinário de 2,8% sobre o montante salarial auferido nos 10 primeiros meses do ano.»

A insegurança e instabilidade de emprego afectaram também a numerosa classe docente. «Continuou a ser necessário para uma percentagem muito elevada de professores dos ensinos preparatório e secundário sujeitar-se a concorrer anualmente a um posto de trabalho em todo o território nacional para garantir o direito ao trabalho e ao salário, salário que decresce na razão directa da eventual necessidade de sair da localidade de residência e enfrentar despesas, de alojamento, de transporte, de alimentação, inesperadas e gravosas».

Igualmente no pré-escolar e primário os professores continuam a estar sujeitos a deslocarem-se para longe da sua área de residência devido aos mecanismos de concurso.

Mantém-se sem regulamentação a disposição legal genérica que confere aos assistentes do ensino superior que não concluem doutoramento o direito de serem integrados em outras funções da administração pública.

As condições de formação dos professores continuaram a degradar-se em 1983 e «a ser objecto de aventuras irresponsáveis por parte de quem detém o poder político».

Também para as crianças e jovens a situação se degradou: redução de apoio da Acção Social Escolar, aulas que começaram tarde, escolas a degradarem-se, etc.

A FENPROF resume: a equipa de Fraústo da Silva não alterou positivamente a situação gerindo apenas um sistema educativo desarticulado sem perspectivas globais e em progressiva degradação. A equipa de Seabra veio agravar a situação.

Mas 1983 ficou marcado pela constituição da Federação Nacional dos Professores.

O Secretariado da FENPROF considera que 1983 deverá figurar na luta dos professores como um «marco na concretização de perspectivas de alteração do quadro hoje existente para outro em que se inicie, com um processo de efectivo diálogo e negociação, um programa de medidas de resolução dos problemas educativos e satisfação dos direitos e anseios dos professores».

Escola de Bragança abriu só agora com muitas carências

A falta de meios humanos e de equipamento «estão a impedir o normal funcionamento da escola preparatória número dois em Bragança» — disse à ANOP o presidente da comissão instaladora do estabelecimento. Instalada no Alto de S. João, «a escola reabriu muito a custo no início do segundo período, mas para o seu normal funcionamento é necessário satisfazer urgentemente as suas necessidades vitais» — acrescentou Marcelino Baptista. A escola — adiantou o presidente da comissão instaladora — não dispõe de pessoal auxiliar, telefone, luz interna e equipamentos nas salas de trabalhos manuais e de educação física. Devido à falta de pessoal auxiliar e de um cozinheiro na cantina — disse ainda Marcelino Baptista — «os alunos vêm-se obrigados a comer sandes que trazem de casa, ficando privados de uma refeição normal».

Secundária de Serpa prevê-se abandono escolar

O eventual encerramento da cantina (que já tem um défice de 52 mil escudos, segundo os alunos) e o corte, drástico dos subsídios de transporte, poderá ter como consequência o abandono da escola e do sistema de ensino de cerca de 50 por cento da sua população discente. Esta é a opinião dos alunos, duzentos dos quais se reuniram recentemente em RGA para apreciar a situação. Na reunião foi aprovada a constituição da comissão pró-associação e uma moção em que os estudantes exigem o aumento das verbas destinadas à educação; recusam os elevados gastos em material de guerra em Portugal, lançaram um apelo à população da escola para colectivamente lutarem por uma solução dos seus problemas.



SUPER SALDOS

- Jardineiras fazenda e xadrez criança e bebé ~~485\$~~ 395\$
- Calças fazenda e terylene para homem ~~685\$~~ 595\$
- Roupões fazenda para homem ~~1780\$~~ 1480\$
- Jogos cama fantasia flanela com 1,60 ~~1395\$~~ 980\$
- Jogos cama fantasia terylene e flanela c 2,00 ~~1750\$~~ 1395\$
- Vestidos senhora de fazenda ~~980\$~~ 780\$
- Veludos estampados com 1,40 lg. ~~298\$~~ 225\$
- Casacos lindas peles acrílicas ~~1380\$~~ 980\$
- Camiseiras de seda c/m para senhora ~~595\$~~ 395\$
- Blusões fazenda para criança ~~795\$~~ 495\$
- Echarpes sedas italianas ~~180\$~~ 125\$
- Blusões acolch p homem com capuz ~~2380\$~~ 1580\$
- Jogos banho com bordados ~~1780\$~~ 1280\$
- Sombrinhas senhora fantasia ~~448\$~~ 298\$
- Saias fazenda senhora ~~695\$~~ 495\$
- Devorés fantasia c 3,00 lg. ~~398\$~~ 295\$
- Cobertores casal ~~498\$~~ 395\$
- Camisas popeline para homem ~~498\$~~ 295\$
- Rendas com 3,00 lg. ~~198\$~~ 158\$

EM TODAS AS LOJAS DOS

armazéns CONDE BARÃO

*Na Figueira da Foz***Orçamento camarário
sobe a meio milhão**

O plano e orçamento da Câmara Municipal da Figueira da Foz, para 1984, é de cerca de 1,2 mil milhões de escudos, dos quais 156 milhões para os serviços municipalizados — anunciou uma fonte autárquica.

Na rede viária e de sinalização vão ser despendidos 133 milhões de escudos, 12,75 milhões na defesa do meio ambiente e 50 milhões no capítulo do desenvolvimento económico e abastecimento público.

O plano, já aprovado pela Assembleia Municipal, contempla com 120 milhões de escudos a higiene pública e rede de esgotos, cabendo à urbanização e planeamento urbanístico uma verba de cerca de 57 milhões.

Quanto à cultura, desporto e tempos livres, prevê-se a abertura de salas de escultura religiosa e do traje, no museu municipal orçadas em 7,5 milhões e dois milhões para maquinaria e equipamento da biblioteca.

**Federação de turismo
para a área do Douro**

Uma federação de turismo da área do Douro vai ser criada ainda este ano — revelou um porta-voz dos representantes de diversas câmaras e regiões de turismo reunidos no sábado na Comissão Regional de Turismo do Douro/Sul, em Lamego.

António Augusto dos Santos, presidente desta comissão, afirmou que «o turismo é uma actividade difícil mas que pode promover grandes obras se os homens estão ligados entre si por um espírito de lealdade e camaradagem».

«A curto prazo — acrescentou — estabeleceremos contactos com

a Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo para que o Circuito das Amendoeiras em Flor passe a ser integrado na individualização do Douro, que nós pretendemos».

A reunião de Lamego inseriu-se nas diligências em curso para elaboração do processo de constituição de uma federação de turismo formada pelas comissões regionais de turismo do Douro/Sul, Serra do Marão, Nordeste Transmontano, Alto Tâmega e pela Junta de Turismo das Caldas de Moledo e comissões municipais de Moncorvo e Mirandela.

Vimioso está sem médicos

O Centro de Saúde de Vimioso não tem médicos, situação que está a provocar na população do concelho um descontentamento generalizado — disse o presidente do Município local, Luís Mina.

Acrescentou que os médicos se recusam a trabalhar no concelho, estando por isso os lugares em aberto, e que o Centro está a funcionar apenas com o delegado de Saúde, Sidónio Augusto Fernandes, que procura acudir a casos pontuais.

Por outro lado, um informador do hospital local disse também

que os serviços de urgência e de internato deixaram de funcionar. Nas suas enfermarias, com capacidade para 22 camas, existe apenas um doente, acamado há cerca de sete anos.

Um enfermeiro, que é também membro da comissão instaladora do Centro de Saúde, afirmou que «os poucos enfermeiros de que dispõem os Serviços Médicos Sociais e o Centro de Saúde vão fazendo pensos, dando injeções e acompanhando os doentes a outros hospitais para serem observados, internados, ou simplesmente tratados».

*Em Ereira***Casa de Afonso Duarte
vai ser museu**

O governador civil de Coimbra e o presidente do Município de Montemor-o-Velho inauguraram ontem, na Ereira, a sede de uma associação local polivalente que visa objectivos culturais, desportivos e sociais.

Pinto Correia, presidente do executivo municipal de Montemor-o-Velho, anunciou na altura que o município vai adquirir na Ereira, a casa onde nasceu, há cem anos, o poeta Afonso Duarte.

O móvel, que custará dois milhões de escudos a partilhar em partes iguais pela Câmara e pelo Ministério da Cultura, será de-

pois doado à Junta de Freguesia para instalação de jardim de infância, centro de dia e museu etnográfico.

A elevação de Ereira, actualmente integrada na Freguesia de Verride, a sede de freguesia própria, foi assunto aflorado durante a estada de Santana Maia e Pinto Correia na localidade e que vai ser discutido na próxima Assembleia Municipal de Montemor.

A propósito, Pinto Correia disse, que, a nível local, não existem grandes objecções a essa promoção autárquica que, não obstante, terá de ser sancionada pela Assembleia da República.

**Câmara de Coimbra lança
"Cadernos Municipais"**

A Câmara Municipal de Coimbra iniciou, com um primeiro número dedicado ao cônego Urbano Duarte e à padroeira da cidade, a publicação de cadernos municipais.

Estes cadernos visam preencher uma carência existente no bloco editorial do Município, segundo anota o presidente da entidade, Mendes Silva, em palavras de abertura.

Que o opúsculo archive as alocuções em louvor da Rainha Santa proferidas por Urbano Duarte, nas festas da Padroeira, é justificado em postácio pelo vereador do pelouro da cultura.

Como educador, jornalista, padre e companheiro amigo de gerações de estudantes de

Coimbra «Urbano Duarte cota-se inquestionavelmente como figura marcante do panorama cívico» — escreve Fausto Correia.

O chefe de redacção do «Correio de Coimbra», padre Jesus Ramos, considera, por seu turno, «gratificante» que o Município tenha começado a dar corpo à ideia da reedição de alguns textos do antigo director daquele semanário.

O primeiro caderno municipal anuncia a próxima saída dos volumes 29 e 30 do «Arquivo Coimbrão» e o estudo do relançamento dos «Anais do Município».

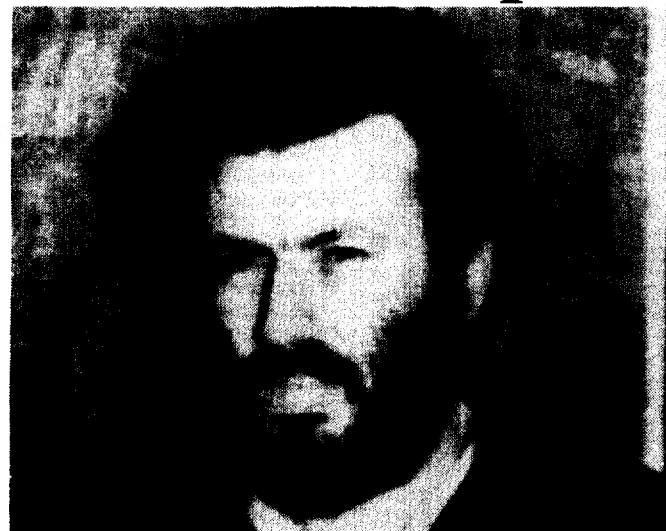
E, porém, omisso quanto ao ritmo da sua própria publicação.

*Por requerimento da advogada de Moamede Rachid***Entrevista de secretário
de Issam Sartai
ouvida como prova**

A audição por três vezes da entrevista dada no Hospital de Faro, após o atentado, pelo secretário de Issam Sartai, a dois jornalistas da RDP, foi o ponto mais saliente da última sessão do julgamento de Al-Auad, aliás Moamede Rachide, no Tribunal de Albufeira. Anuar Abu Eiseh, que ficou ferido numa perna, afirmou na altura que no atentado, «perpetrado pelos Serviços Secretos Israelitas», participaram pelo menos três homens, facto que, a ser verdade, dará razão a Moamede Rachide, colocando assim em causa a tese defendida pela Polícia Judiciária que refere ter sido ele o único interveniente na acção.

Por outro lado, na elaboração do processo ressalta à vista a ausência de Abu Eiseh, bem como de outras testemunhas fundamentais, todas elas oculares, tais como duas mulheres de limpeza, um guarda da GNR e outros participantes no Congresso da Internacional Socialista, com destaque para os delegados da Tanzânia e de Chipre que, na altura dos disparos, falavam com Issam Sartai no «hall» do Hotel de Montechoro.

Acontece ainda que das 22 testemunhas já ouvidas apenas uma delas disse reconhecer,



Anuar Elshel, o secretário de Sartai ferido no atentado: para ele Issam Sartai foi abatido pelos Serviços Secretos Israelitas, há um «comando» integrado por três homens

sem margens para dúvidas, em Moamede Rachide, o assassino do dirigente da OLP, então a desempenhar as funções de conselheiro de Arafat para os assuntos internacionais. Outra particularidade: as testemunhas que presenciaram os acontecimentos do interior do hotel disseram que viram um atirador vestido de cas-

tenho, enquanto que as do exterior sustentam que o homem em fuga vestia de cinzento. Um autêntico «labirinto ocular».

**A justificação
de Palma Carlos**

Mas à margem do julgamento,

um outro facto há a reter. Manuel João da Palma Carlos, o advogado que aceitou a procura para defender Moamede Rachide, e que a cerca de um mês de pleito acabaria por desistir, sendo então substituído pela advogada oficiosa Fátima Pontes, veio a ter o direito de edição de sábado do programa «Fim-de-Semana». Entrevistado por Carlos Pinto Coelho, Palma Carlos disse que a sua escusa se ficara a dever à impossibilidade de arranjar, a tempo, um intérprete enviado pela ABU Nidal (o intérprete profissional ficaria em pelo menos cem contos), única forma, frisou, «de conhecer profundamente o seu cliente».

Aquele causídico, que já antes do 25 de Abril fora defensor do capitão cubano Peralta, condenou a circunstância de «da legislação portuguesa ter desaparecido a designação de crime político». E deixou no ar a ideia de não ter sido a falta de intérprete a principal causa da sua ausência no Tribunal de Albufeira, ao recusar-se «a revelar em pormenor as motivações mais profundas» da sua atitude. Que, pela nossa parte, continuamos a apelar de «enigmáticas».

Manuel Geraldo

*No Centro Apostólico do Sameiro***Agricultores de sete regiões agrícolas
debateram problemas comuns**

Jovens agricultores reuniram-se anteontem em Braga com o secretário de estado das florestas para uma «ampla discussão em torno de problemas comuns que se colocam ao nível da sua actividade».

O encontro que reuniu no Centro Apostólico do Sameiro mais de uma centena e meia de jovens agricultores das sete regiões agrícolas e técnicos do Ministério da Agricultura, florestas e alimentação, terminou ontem com uma intervenção do Director Regional de Entre-o-Douro-e-Minho.

O secretário de Estado disse na sessão de abertura que é preciso estimular o associativismo agrícola e incentivar os jovens agricultores e defender a formação profissional para o sector.

«Possibilitar uma visão conjunta das condições em que os jovens exercem a actividade agrícola a nível nacional e efectuar um levantamento dos problemas que afectam os jovens, com a finalidade de possibilitar a pesquisa de soluções ajustadas às realidades vividas pelos mesmos» constituíram os objectivos do encontro.

«Sensibilizar os jovens para a responsabilidade que deverão assumir quanto aos processos de desenvolvimento regional e debater de forma organizada os temas prioritários com a finalidade de encontrar uma metodologia correcta que vá ao encontro das dificuldades sentidas» são também assuntos considerados importantes para a realização deste encontro.

O primeiro encontro nacional de jovens agricultores aparece na sequência de anteriores encontros de jovens rurais e foi or-

ganizado pelo grupo de jovens agricultores do Centro de Gestão do Ave com o apoio do ministério da Agricultura, Floresta e Alimentação, Direcção-Regional de Entre-o-Douro-e-Minho e Direcção-Geral dos Agricultores.

Agricultores reunidos em Santarém exigem do Governo o pagamento da dívida

Agricultores reunidos em San-

tarém, exigiram do Governo os pagamentos das dívidas da campanha do tomate de 1983 e do subsídio do gasóleo.

A reunião dos dirigentes das organizações da lavoura do distrito de Santarém foi promovida pela Federação de Agricultores, com o objectivo de analisar a situação do sector e decidir sobre medidas a tomar relativamente à crise que o mesmo atravessa.

Representantes de ligas de

agricultores, uniões, cooperativas e casas do povo foram unânimes em reconhecer que a degradação da situação deve-se a uma política para o sector «com carácter de estrangulamento para os pequenos e médios agricultores».

Os agricultores decidiram que, a não serem satisfeitas a curto prazo as suas reivindicações, encetarão formas de luta, tendo marcado para o dia 21 uma concentração em Almeirim.

POSTAIS DE TODO O MUNDO**UMA COLECÇÃO DE POSTAIS RARA E PRESTIGIOSA
1.ª PARTE — TEMAS PORTUGUESES**

A colecção de postais que em breve poderá contemplar contém as mais belas vistas panorâmicas, seleccionadas entre as inúmeras paisagens que documentam não só o encanto mas também a variedade geográfica do território português, — o verdejante Minho e a planura alentejana, a rudeza alpestre das terras altas e a amenidade das praias atlânticas, as típicas povoações rurais e os grandes aglomerados urbanos, o remanso da paisagem insular e o sortilégio do Oriente, — e ao mesmo tempo, integrados nos mais belos trechos da paisagem ou isolados na sua monumentalidade, preciosos documentos da arquitectura e da estatutária portuguesas, repositório inestimável da nossa cultura, onde se reflecte um passado que não devemos esquecer e se vislumbra o tactear de um futuro que a pouco e pouco vamos construindo. Eis a grandeza e o valor inestimável desta preciosa colecção que a Sculparte criou para

si. Criámos para si um sistema prático de aquisição. Receberá 30 postais mensalmente, pelo preço excepcional de 18\$00 por postal, acrescido de 80\$00 para participação nas despesas de cada envio mensal.

Um Álbum especialmente concebido para classificar os postais será submetido à apreciação de cada subscritor. Esta magnífica colecção é um exclusivo de Sculparte apenas acessível por meio de subscrição.

Nesta fase de lançamento receba em sua casa os 30 primeiros postais enviando apenas um selo de 80\$00 para despesas de portes e embalagem.

Dirija o seu pedido por carta a:
SCULPARTE — Comércio de Arte, Lda.
Calç. do Monte, 23 r/c Dt.º - 1000 LISBOA
ou Apartado 1668 - 1016 LISBOA CODEX

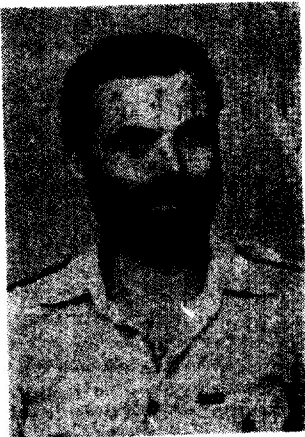
de ontem para hoje

Dois artistas de circo intoxicados em Castelo de Paiva

DEVIDO a intoxicação com anidrido carbónico um jovem artista de circo morreu e outro encontra-se hospitalizado em estado grave. As vítimas, pertencentes ao Circo Harla, que se instalou em Castelo de Paiva, junto à câmara local, são respectivamente José Fernando Pereira Vila, de 15 anos, e Madail João de Lemos, de 30. Os dois resolveram improvisar um aquecedor, dentro da «roulotte», metendo lenha num tacho, a que depois atearam fogo, deitando-se imprudentemente a dormir. Os corpos foram encontrados por alguns dos seus colegas que, pela manhã, estranharam não os encontrar já levantados como era habitual.

Delmiro Cruel em coma profundo

Continua em estado de coma profundo, no Serviço de Neurologia do Hospital de Covões, em Coimbra, o militante da FUP, Delmiro Gomes Cruel (foto), de 31 anos, casado, que, conforme noticiámos, foi alvo de uma estranha agressão, na Marinha Grande, na madrugada de 11 de Dezembro último. Ao que afirmou em comunicado a FUP, Delmiro Cruel, que era um membro destacado da Comissão de Trabalhadores da Fábrica-Escola Irmãos Stephens, teria sido atraído a uma cilada por industriais ligados ao sector vidreiro, tendo sido assim «vítima de um coarbo de atentado político». Em meios próximos do PCP da Marinha Grande, citados pelo «Expresso» na sua última edição, Delmiro Cruel era uma figura respeitada e considerada em



todos os sectores de esquerda da região «pela sua combatividade e pelo esforço que desenvolvia em favor da unidade dos trabalhadores da indústria vidreira».

Octogenária mordida por cão

No lugar de Rebelia (Famalicão), junto à sua residência, uma octogenária, Ana Rodrigues Ferreira, foi atacada por um cão, tendo acabada por sucumbir às mordedelas no rosto, cabeça e braços. O facto verificou-se sem testemunhas, tendo o cadáver sido encontrado por um sobrinho da vítima. O cão, de seis meses, estava preso num esteio.

Envenenado pelo senhorio

Acusado de ter envenenado o seu inquilino, em Arcal, Penafiel, acaba de ser detido e enviado para Custódias, o comerciante Casimiro da Silva Pinto. O crime, por envenenamento, foi praticado no passado dia 4 de Dezembro, tendo a vítima, Joaquim Pereira da Fonseca, de 73 anos, surdo-mudo e paralisado, sido encontrado já moribundo, na cama, pela mulher e pelos seus dois filhos, com quem vivia. Casimiro Pinto, que fora visto momentos antes de sair do quarto, há muito que tentava convencer o septuagenário a abandonar a casa.

Agricultor suicida-se em Alcobaça

Junto ao rio Baça, em Alcobaça, foi encontrado já em adiantado estado de decomposição, o cadáver do agricultor João dos Santos, de 59 anos, que, em 17 de Dezembro último, desaparecera da sua residência naquela vila. Em seu poder, João dos Santos, que, em princípio, ter-se-á suicidado, tinha ainda o relógio e dinheiro.

Alfonso Sastre nos Açores

O Grupo de Teatro «Os Reises», da ilha Terceira, estreou em Angra do Heroísmo a peça «Ana Kleiber», de Alfonso Sastre. O espectáculo é encenado pelo poeta açoriano Alamo Oliveira, ex-responsável pelo Grupo de Teatro «Al-

pendre», único da região com actividade regular. Fundado em 1980, «Os Reises» que se estreou com a peça «O Rancho do Tio José Borges Tachão», tem por objectivo levar o teatro às freguesias rurais da região.

Estudante vitimado no banho

Quando tomava banho, na sua residência, na Rua da Fonte, em Matosinhos, um estudante, José Miguel dos Santos Ferreira, de 16 anos, morreu intoxicado pelo gás. Estranhando a sua demora, os pais do jovem arrombaram a porta da casa de banho e encontraram-no já morto. Uma ruptura na canalização poderá ter estado na origem do trágico acidente.

Estudantes de Serpa contra a guerra

Os alunos da Escola Secundária de Serpa decidiram em assembleia geral, exigir o aumento das verbas destinadas à educação. Uma moção aprovada na reunião refere que os alunos recusam «terminantemente aceitar que se gaste em Portugal mais de 20 milhões de contos em material de guerra, enquanto estudantes são impedidos de adquirir a cultura a que têm direito». Os alunos alegaram «falta de apoio do Ministério da Educação, no referente a verbas destinadas a subsidiar as despesas dos estudantes mais carenciados, apelando para a população de Serpa «resolver este problema que põe em risco mais de 50 por cento dos estudantes da escola».

Governo «quer» o diálogo mas vai demolindo

Ria Formosa traz à tona muito entulho

Uma delegação das comissões de moradores da ria Formosa entregou hoje ao governador civil de Faro um abaixo-assinado por sete mil pessoas, como forma de protesto contra as demolições de casas naquela área. O referido documento foi promovido pela Comissão Coordenadora das Comissões de Moradores das Ilhas da Ria Formosa.

A moção contida no abaixo-assinado fora aprovada pelas comissões de moradores no sábado, no termo de uma manifestação que congregou, na capital algarvia, para cima de cinco mil interessados na resolução satisfatória do problema.

No essencial, a manifestação teve por objectivo a reivindicação dos moradores da zona no sentido da suspensão imediata das demolições ordenadas pelo Governo e executadas pela Capitania do Porto de Faro.

As comissões de moradores da Ria Formosa, que pretendem através do diálogo as soluções mais correctas para o diferendo, contestam a classificação de «clandestinas» com que o Governo resolveu rotular as 2400 casas residuais nas ilhas de Ria Formosa, sustentando que muitas delas têm número de polícia, além de os respectivos moradores pagarem água, luz e até imposto predial e as casas terem sido construídas sem que qualquer Governo ou Capitania o impedisse.

Tem sido ainda afirmado que uma boa parte daquelas casas servem de habitação permanente ou constituem apoio permanente ao trabalho de pescadores e mariscadores, que ali

perca, foi acrescentado que 40 das casas em questão são habitadas por guardas-fiscais do posto local.

Turismo de luxo?

Os moradores da Ria Formosa põem ainda em causa um argumento governamental segundo o qual as demolições teriam como finalidade a defesa do equilíbrio ecológico da zona da Ria Formosa.

Em relação a esta afirmação do Governo, as comissões de moradores envolvidas no processo denunciam que a verdadeira intenção do Executivo é a cedência das ilhas a multinacionais do turismo para a implantação no local de uma «reserva» de turismo de luxo, fazendo notar que, em 24 de Novembro passado, o Conselho de Ministros aprovou uma resolução na qual se afirmava que «o fenómeno clandestino impede a exploração da região por um turismo de qualidade, em que as ilhas, aliviadas das estruturas residenciais, assumiriam a sua vocação de zonas balneares de alto nível no contexto europeu».

Sustentam também os moradores das ilhas da Ria Formosa, a propósito do equilíbrio ecoló-

gico agora tão evocado pelas autoridades governamentais, que os factores que mais têm contribuído para a degradação da zona não têm sido minimamente combatidos pelo Governo. Efectivamente, o equilíbrio ecológico da Ria é afectado pelos esgotos de grandes aglomerados populacionais, como é o caso de Faro, Olhão, Fuzeta e Tavira — e até por esgotos industriais.

Foi ainda referido que as capturas de peixe e de marisco por processos ilegais, constituem factores importantes de erosão da ria. Todavia, contra estes factores de degradação o Governo nunca actuou, nem sequer se lhes refere.

«Diálogo» e demolições

Ao mesmo tempo que mandava proceder às demolições, o Governo tornava pública a intenção de dialogar com os moradores afectados, tendo inclusivamente mandado a Faro o ministro Eduardo Pereira, com a incumbência de «explicar» aos militantes do seu partido a política do Governo em relação ao assunto.

No entanto, os partidos que constituem a coligação governamental, perante a movimentação popular que culminou com a manifestação de sábado procuraram, à pressa, colar-se aos objectivos nela contidos. O PS, por exemplo, aderiu à manifestação na manhã de sábado, enquanto

o presidente da Câmara, do PSD, pretendeu discursar na manifestação, na qual acabaria por se incorporar, ao lado de vereadores da APU, PS e do PSD.

Manifestação entusiástica

Mais de quatro milhares de pessoas manifestaram-se sábado na Baixa de Faro, contra a medida governamental de levar por diante a demolição de casas consideradas clandestinas na área da reserva da Ria Formosa.

Os manifestantes, moradores na sua maioria nas ilhas espalhadas na Ria Formosa, empunhavam cartazes e gritavam palavras de ordem como «ordenar sim, destruir não», «Habitação sim, repressão não».

As pessoas que se concentraram junto ao edifício do Governo Civil percorreram antes alguma artéria da capital algarvia, exigindo do Governo um planeamento ordenado de toda a reserva natural da Ria Formosa, salvaguardando as habitações construídas na área do domínio público marítimo.

Depois do desfile, no decorrer da concentração que se seguiu, usaram da palavra vários oradores, entre os quais o vereador da APU da Câmara de Olhão, Filipe Ramires, o vereador Eurico Antunes, também da APU mas da Câmara de Faro, além do presidente da Câmara de Faro, Negrão Belo (PSD).

Cabo do Exército morto a tiro por guarda da PSP

Um cabo do Exército que prestava serviço no Depósito Geral de Material de Guerra de Bairo-las foi morto a tiro, cerca da meia-noite de sábado, na Rua dos Anjos, à Almirante Reis, em Lisboa, por um agente da PSP à civil que, segundo várias testemunhas, estaria embriagado. A vítima, Abel Fernando Moreira da Rocha, de 21 anos, residente no Bairro da Musgueira, e sem quaisquer antecedentes criminais, dirigia-se com outros rapazes para um baile e estivera momentos antes a tomar um galão num café da Praça do Chile.

O agressor, Carlos Alberto Ferreira da Costa, de 24 anos, que na altura estava acompanhado de um outro guarda da corporação, Felisberto Ferreira Pinto, está colocado na 2.ª esquadra da PSP (Praça do Comércio) e teria tentado impedir «com maus modos» a progressão do grupo de jovens pelo passeio onde conversava com «duas mulheres do Intendente». Identificou-se depois como agente da PSP e tentou obrigar os jovens a acompanharem-no à esquadra da Mouraria. Estes reagiram no sentido negativo, tendo um deles dito que não iriam pois ele estava embriagado. Face à oposição encontrada o agente disparou então dois tiros que atingiram mortalmente Abel Fernandes, cuja profissão, antes de entrar na tropa, era a de isolador na empresa «Isolrefre-Isolamentos e Revestimentos Lda».

Entretanto referindo-se ao trágico incidente, a PSP afirma laconicamente em comunicado que «cerca de dez ou doze indivíduos cercaram a agrediram o agente, que se viu obrigado a sacar da pistola e disparar». Acrescentando, por outro lado, estar em curso um inquérito ao sucedido.

Por três anos, renovável anualmente

Já temos acordo de pescas com Mauritânia

O secretário de Estado das Pescas, Faria dos Santos, anunciou a assinatura de um acordo de pescas de Portugal com a Mauritânia por três anos, renovável anualmente.

Faria dos Santos refere que o acordo permite o regresso da nossa frota pesqueira à Mauritânia, num total de 30 navios.

Salientou que nos termos do acordo, o peixe capturado na Mauritânia tem acesso ao mercado português sem necessidade de ser desembarcado na Mauritânia.

Definiu o acordo como «claro e eficiente e cooperativo», dizendo que até aqui podiam pescar na Mauritânia um total de 12 barcos portugueses cujos armadores

conseguissem comprar licenças naquele país e que, a partir de agora, tais licenças são passadas pela Direcção-Geral de Pescas.

Adiantou que no acordo estabelece-se a criação pelos dois países de sociedades mistas e que o governo mauritano decidiu facilitar o pagamento da dívida dos armadores privados portugueses, a qual ascendia inicialmente a 77 mil contos, de cujo montante o Estado pagou 20 por cento.

Salientou ainda que foi superado o problema dos quatro navios portugueses, três deles que estavam apreendidos na Mauritânia e um quarto o «Cónsul» da

praça de Peniche, apreendido durante a sua estada naquele país.

Cooperação com o Canadá

Encontra-se entre nós o ministro dos oceanos do Canadá, Du Bané que durante uma visita de três dias assinará o protocolo de pescas luso-canadiano respeitante ao ano, em curso.

O ministro do Canadá chefiava uma delegação do seu país composta por 17 elementos que manterá contactos com os armadores de pesca longínqua, em Aveiro, altura em que se procederá à assinatura do protocolo de pescas.

Problema de habitação preocupa Câmara de Viana do Castelo

O problema da habitação foi considerado, pelo presidente da Câmara de Viana do Castelo, como «prioritário no plano de actividades do município para o ano em curso». Em conferência de imprensa, Henrique da Mata, presidente da Câmara, salientou a existência de «situações dramáticas» que impõem uma acção firme.

Acrescentou que o executivo municipal vai diligenciar desde já junto do ex-Fundo de Fomento da Habitação para que passem para a alçada da edilidade os projectos dos bairros sociais de Abelheira, Darque e Perre, que envolvem 300 fogos e se encontram parados.

Henrique da Mata considerou

«positivo» o balanço de um ano de mandato do executivo camarário a que preside, «tendo em conta as grandes dificuldades com que deparou».

Relativamente a empreendimentos de interesse para o município, salientou o lançamento da obra do viaduto de Santo António e da urbanização da Praça Primeiro de Maio, em Viana do Castelo, e outras iniciativas nos campos da Cultura, Desporto, Ensino e Urbanismo.

A Câmara propõe-se arrancar este ano com a obra da zona marginal do rio Lima, orçada, em cerca de 220 mil contos, e a construção de um centro de formação profissional, a instalar na zona industrial.

Este centro faz parte de um plano financiado pela CEE e que envolve um investimento da ordem de 300 mil contos.

A continuação de obras de interesse, como o empreendimento da captação de água, em Bertiandos, a Escola Superior de Educação, o Plano Geral de Urbanização e o lançamento de duas escolas secundárias e três preparatórias, são também objectivos para este ano.

Henrique da Mata disse que em termos globais, «o plano de actividades do município para 1984 é bastante corajoso, face aos escassos 320 mil contos que a Câmara irá receber ao abrigo da Lei das Finanças Locais».

No Vimeiro

Congresso dos TSD terminou sob o signo da cisão

A impossibilidade de as listas concorrentes no Congresso Nacional dos Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD), chegaram a um acordo frustrou o principal objectivo do plenário, que decorreu este fim-de-semana no Vimeiro e que era unir as duas estruturas sindicais afectas ao PSD numa só. Assim, a corrente do PPD/PSD, identificada com a Tesiresd, não ficou representada na direcção da nova estrutura única daquele partido para o sector laboral, a TSD.

Após prolongadas negociações, que se verificaram deste o início do congresso, na sexta-feira, até ao fim da tarde de ontem, a Lista B (socioprofissionais) acabou por apresentar sozinha uma lista para os órgãos nacionais da nova estrutura dos TSD.

No cargo de secretário-geral ficou Arménio Santos, primeiro subscritor da lista B, que presidirá ao secretariado nacional (composto por mais 14 membros) e representará toda a estrutura dos TSD. Este órgão nacional foi eleito por 240 votos a favor e 71 nulos.

O conselho nacional, eleito com 242 votos a favor e 67 nulos, será composto por 45 membros e terá 14 suplentes.

A mesa do conselho nacional, eleito com 248 votos a favor e 64 contra, será presidida por Joaquim Fernandes Marques e terá dois vice-presidentes e dois secretários.

O conselho de disciplina e fiscalização, eleito por 243 votos a favor e 66 nulos, terá por presidente Rui Amaral e mais quatro membros.

As divergências entre as duas listas consistiam, essencialmente, na representatividade da lista A nos órgãos nacionais e nas competências do secretário-geral.

O acordo entre os líderes das listas foi alcançado cerca das 11 horas de ontem, mas o plenário viria a rejeitá-lo, pelo que a lista A (Tesiresd), liderada por Rui Oliveira e Costa, decidiu não participar na lista dos socioprofissionais para os órgãos nacionais, nem candidatar-se sozinha, uma vez que a sua contraproposta não tinha sido aceite.

As negociações recomeçaram, uma vez mais, cerca das 15 horas, mas a ala radical dos so-

cioprofissionais pressionou os seus líderes no sentido de não firmarem acordo com a lista A, nomeadamente através de uma lista própria que iriam apresentar caso o acordo se verificasse.

Na sessão de encerramento, Mota Pinto apelou à unidade e coesão do PSD e alertou os sindicalistas sociais-democratas a não se deixarem instrumentalizar, nem pela vida político-partidária do partido nem por outras forças sindicais.

O líder do PSD afirmou que, para além do direito à diferença que possa existir entre os militantes, a manutenção da coesão e o respeito pela maioria, bem como o acatamento das suas decisões com lealdade, devem estar sempre presentes no espírito dos sociais-democratas.

Tanto na vida do mundo laboral como na do partido, e apesar das diferenças que possam existir — sublinhou —, a coesão interna é a única alternativa: «O sentimento de apego ao PSD dá essa direcção».

Mota Pinto recordou a «vocação reformista» do seu partido e disse que este «pretende, através de inovações com sensatez, desbloquear a sociedade portuguesa».

Referindo-se à importância da existência de diversos estratos sociais no PPD-PSD, o orador realçou o papel das diversas secções do partido, nomeadamente as residenciais, «que atendem ao homem na sua plenitude e não apenas na sua rela-

ção com o trabalho».

A cisão

Para além da facção da Tesiresd, responsável em Novembro pelo seu congresso extraordinário, de Entre-os-rios, Porto, a realização do Congresso dos TSD foi também contestada pela Juventude Social-Democrata (JSD).

De referir que naquela mesma data efectuou-se em Lisboa o conselho nacional da mesma tendência, organizado pelo chamado Grupo dos 14, liderado por Rui Oliveira e Costa, primeiro subscritor da Lista A no Congresso dos TSD.

Estas duas iniciativas da Tesiresd marcaram a cisão definitiva da tendência que, no entanto, independentemente das conclusões do Vimeiro, não poderá ser extinta a não ser por decisão de um congresso desta organização.

De realçar que as listas concorrentes ao Congresso do Vimeiro, para além das divergências pontuais, estão de acordo que a existência de duas organizações afectas ao PSD tem prejudicado a intervenção dos sociais-democratas na vida sindical. Isto porque, segundo fontes afectas a ambas as organizações, é frequente haver duas listas concorrentes ao mesmo sindicato, o que «proporciona a vitória a outras forças sindicais».

A realização deste congresso levou também à divulgação de uma «Carta Aberta ao Congresso dos TSD», subscrita pelos sociais-democratas Artur Mota e Thomatti (que de início apareceu como apoiada por dirigentes do PSD, que posteriormente desmentiram tal facto).

No documento alertava-se os congressistas para os perigos que poderão surgir com a integração de uma estrutura sindical no seio do PSD, nomeadamente a federalização do partido e a ingerência político-partidária na vida sindical social-democrata.

As moções

A moção de organização da Lista B, que obteve uma maioria de 78 por cento dos votos do congresso, estabelece que

qualquer militante do PSD trabalhador por conta de outrem é automaticamente admitido na organização TSD.

Estabelece como órgãos nacionais do congresso, conselho nacional, secretariado nacional e comissão permanente e conselho jurisdicional e fiscalizador.

O Congresso dos TSD será futuramente constituído por 300 delegados eleitos pelas bases, pelos membros dos órgãos nacionais, representantes dos corpos gerentes dos sindicatos e das comissões de trabalhadores.

O conselho nacional é composto por 45 membros eleitos pelo congresso, pelos membros da mesa do congresso e do secretariado nacional e pelos secretários coordenadores regionais ou distritais.

O secretariado nacional é constituído por 15 membros, sendo o cabeça-de-lista (Arménio Santos) o secretário-geral.

Deste secretariado nacional sairá a comissão executiva, que terá quatro vogais eleitos por aquele órgão, mais o secretário-geral.

A Lista B apresentou-se com a sigla «Força, solidariedade e coesão dos trabalhadores sociais-democratas, construir o futuro no presente».

A Lista A, que obteve cerca de 20 por cento dos votos, por seu turno, defendia que a filiação na organização dos TSD deveria ser precedida por um pedido de adesão.

Considerava órgãos nacionais o congresso, o conselho nacional, a mesa do congresso e do conselho nacional, o secretariado nacional e permanente e o conselho de jurisdição nacional.

Remetia para o conselho nacional a definição da estrutura regional dos TSD.

A Lista A apresentou-se ao congresso com a sigla «Protagonismo social, co-gestão nas empresas, consolidação da UGT».

Todas as deliberações saídas deste congresso deverão ser ratificadas no Congresso do PSD, a realizar em Março.

Segurança Social à beira da ruptura

— conclui estudo da CGTP

A CGTP alertou ontem para a possibilidade de se virem a registar «rupturas na Segurança Social» susceptíveis de «pôr em causa o pagamento das pensões aos mais de 1,5 milhão de reformados e dos restantes benefícios sociais a que todos temos direito».

De acordo com um estudo efectuado pela central sindical, está a verificar-se uma «quebra acentuada no ritmo de crescimento das receitas cobradas pela Segurança Social». E isto porque «milhares de empresas estão a utilizar os dinheiros descontados directa ou indirectamente nos salários dos trabalhadores como fonte de financiamento» provocando assim um «aumento vertiginoso» das dívidas à Previdência.

Para 1984, prossegue a CGTP, o Governo fez a previsão das contribuições cobradas pela Segurança Social «não com base no que efecti-

vamente se recebeu em 1983» (164 milhões de contos, segundo cálculos da central sindical), mas nos 173,3 milhões de contos previstos no início do ano passado, o que significa que o «orçamento da Segurança Social tem logo à partida um buraco de cerca de 12 milhões de contos».

Acusando o Governo de «incompetência técnica», a CGTP adianta que se não forem tomadas medidas, designadamente no sentido do pagamento das dívidas do patronato, «a Segurança Social caminha para uma situação crítica que virá agravar ainda mais as condições em que vivem os reformados».

Finalmente a Intersindical conclui que a decisão de os abonos e outros subsídios passarem a ser pagos não mensalmente, mas de três em três meses «é um sinal da gravidade da situação».

CCTV dos Gráficos

Negociações prosseguem mas greve mantém-se

O processo de conciliação do contrato colectivo (CCTV) das indústrias gráficas e transformação de papel foi retomado quinta-feira, tendo as partes acordado um protocolo de negociações — revelou uma fonte sindical.

Em comunicado, a Federação dos Sindicatos do Papel, Gráfica e Imprensa, afirma que o protocolo estabelece o calendário das reuniões e define o objectivo das negociações.

Contudo, a Federação mantém a greve marcada para o se-

gundo período de trabalho, do dia 13, com concentrações junto ao Ministério do Trabalho e delegações, porque, diz, a associação patronal declarou em anexo à acta que «só aceitará negociar o presente processo desde que os trabalhadores se disponham a consagrar um texto de clausulado rigorosamente igual» ao do contrato do sindicato UGT do sector.

A Federação precisa que aquele clausulado «elimina e restringe direitos e regalias consagrados no CCTV».

Função Pública

Frente Comum decide amanhã formas de luta

Os 29 sindicatos e as duas federações que integram a Frente Comum de Sindicatos da Função Pública reúnem-se amanhã em plenário, a fim de decidirem acções de luta, em face da posição governamental sobre a questão dos salários para o sector.

Como já oportunamente noticiámos, a comissão negociadora sindical da Frente Comum considera inaceitável a proposta de 14 por cento de aumento dos salários para 1984, apresentada pelo Governo no passado dia 6 do corrente mês, «já que fica muito aquém das propostas sindicais e do aumento do custo de

vida». A CNS afirmando em comunicado que, «considerando a existência no Orçamento de Estado de verba disponível para satisfazer, no essencial, as reivindicações sindicais e, tendo em conta que a proposta agora apresentada representa uma clara opção política do Governo, de redução do poder de compra dos trabalhadores, a comissão negociadora sindical irá propor ao plenário de sindicatos da Frente Comum, acções de luta em defesa das justas reivindicações dos mais de 400 mil trabalhadores da Função Pública da Administração Central Regional e Local».

Siarte e a situação das orquestras portuguesas

O Sindicato das Artes e Espectáculos (SIARTE) afirmou o seu direito a integrar o grupo de trabalho encarregado pelo Governo no estudo da situação das orquestras portuguesas.

O SIARTE, co-fundador da UGT, faz parte do referido grupo de trabalho por determinação governamental e emitiu um comunicado no qual se insurge contra declarações públicas de um elemento do Sindicato dos

Músicos que põe em causa a sua representatividade no seio da classe.

No seu comunicado, o SIARTE afirma que a decisão do Governo de o incluir no grupo de trabalho para o estudo da situação das orquestras não se deveu a pressões políticas, mas antes a razões culturais a que não é alheia a forte implantação do sindicato no meio artístico português.

Comemorações do 18 de Janeiro

Um colóquio sobre o «Movimento operário português» a realizar pelas 21 horas de hoje, no Teatro Sthephens, na Marinha Grande, abre as comemorações do «18 de Janeiro de 1934».

Promovidas pelo Sindicato da Indústria Vidreira, as comemorações prolongam-se até dia 18 e integram uma série de iniciativas que incluem provas desportivas, sessões culturais e diversos colóquios. A jornada do 18 de Janeiro será também comemorada em Lisboa, Porto e Setúbal. De destacar a sessão que, no dia 16, se realiza no Porto, mais precisamente na sede do Sindicato do Comércio e na qual estará presente Manuel Barido, um dos sobreviventes da revolta de 1934, juntamente com o professor Armando de Castro e Kalidas Barreto, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP.

Destaque também para o programa de dia 18, na Marinha Grande, que se inicia às 10 horas com uma romagem ao cemitério; segue-se a inauguração de um monumento evocativo dos acontecimentos do «18 de Janeiro de 1934»; uma concentração-comício pelas 15 horas e, finalmente, um espectáculo que conta com a participação de diversos artistas.

US de Faro aprova jornada nacional de luta

O plenário da União de Sindicatos de Faro, reunido na sexta-feira, aprovou a jornada nacional de luta que o movimento sindical leva a efeito nos próximos dias 26, 27 e 28, sob o lema «Para uma vida melhor, por uma nova política, por um novo Governo». Assim, decidiu convocar para 28 uma manifestação na capital algarvia, com concentração às 15.30 no Jardim Manuel Bivar.

O plenário de sindicatos, que também aprovou um voto de protesto contra a acção do Governo Soares/Mota Pinto, programou ainda um leque de acções de que se destaca uma sessão come-

morativa do 18 Janeiro em Silves; marcação de plenários de empresa e de zona; várias «e enérgicas acções de denúncia e repúdio» sobre a questão dos salários em atraso no dia 26; acções de denúncia nas ruas e nos mercados; colocação de panos de rua, bem como pichagens e murais, designadamente «nas empresas; e colagem de cartazes e jornais de parede».

Um comunicado divulgado pela USF no final do plenário sublinha que o Governo «que manda deitar abaixo as casas nas ilhas da Ria Formosa é o mesmo que conduz uma política de desastre nacional e de sujei-

ção ao imperialismo».

«Enganam-se, porém, o Governo e o grande capital — acrescenta o documentário — porque encontrarão pela frente a dignidade dos algarvios e a sua determinação e desejo por um futuro melhor, ao contrário do que acontece actualmente, em que o Algarve, que é o paraíso dos estrangeiros, já está a ser uma autêntica prisão para muitos dos seus filhos, designadamente porque não suportam mais o escandaloso aumento do custo de vida, porque não recebem salários, ou então porque estão na iminência de ver encerradas as fábricas onde trabalham».

Greve na Tragal

Os trabalhadores da Tragal — Transportes Sousa Araújo, Lda., vão entrar em greve, por tempo indeterminado, a partir das zero horas do próximo dia 16.

Na origem desta luta, decretada pela Festi, está o facto de aquela empresa de transportes de mercadorias, que tem locais

de trabalho em Cacía, Setúbal e Lisboa e emprega cerca de 70 trabalhadores (cerca de 40 viaturas), não ter cumprido, quer o CCT em vigor, quer os acordos feitos com os trabalhadores.

A empresa não tem pago os salários, subsídios de férias e trabalho extraordinário. Por outro

lado, não cumpre uma proposta apresentada pela própria gerência e aceite pelos trabalhadores, relativa à liquidação de salários em atraso. A empresa tem vindo a reter também, abusivamente, a qualificação sindical descontada aos trabalhadores.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** está à venda

na loja da Praça da República, nº 10, e na loja da Rua da Liberdade, nº 10, em Olhão.



24 horas

Explosões em Santiago do Chile

Vários bairros da capital chilena foram abalados na alvorada de hoje por uma série de explosões. A mais violenta destruiu cerca de 35 metros de carris de ferro urbano no centro da cidade. Os atentados afectaram quase todos os bairros de Santiago, mas desconhece-se por enquanto o seu número. Apenas se sabe que foram visados bancos, centros comerciais e outros pontos nevralgicos.

Demissão de Governo

O governo de esquerda do Suriname demitiu-se, anunciou hoje Desi Bouterse, num discurso difundido pela rádio e televisão. Bouterse afirmou que o Governo tinha cometido

«numerosos erros e não tinha consultado suficientemente o povo», segundo as notícias chegadas hoje à capital holandesa a partir da sua antiga colónia no nordeste da América do Sul.

Atentado em Bona

Uma bomba de fabrico artesanal explodiu na noite passada no perímetro da Embaixada da África do Sul em Bona, sem provocar feridos, indicou hoje de manhã a polícia alemã federal. O atentado, que ainda não foi reivindicado, fez apenas ligeiros estragos acrescentaram as mesmas fontes. Na altura da deflagração não se encontrava na Embaixada qualquer diplomata ou funcionário.

Polícias feridos em Belfast

Dois policiais ficaram hoje feridos sem gravidade no centro de Londonderry, no oeste do Ulster. Os policiais patrulhavam a pé as ruas do

bairro central da cidade quando foram alvejados por um engenho explosivo, atirado de um armazém abandonado.

Democracia em perigo

Uma sondagem feita pelo Instituto Gallup e publicada no último número do semanário «Tiempo», mostra que 51 por cento dos espanhóis pensam que a democracia está em perigo enquanto apenas 33 por cento acham que «corre nenhum perigo». De acordo com as respostas ao inquérito, as causas principais de receios para a democracia espanhola são a presença de membros fascistas nas forças armadas (15 por cento) e a acção do terrorismo (14 por cento). Por outro lado 42 por cento dos espanhóis pensam que há presentemente em Espanha a possibilidade de ocorrer outra tentativa de golpe de estado militar, porém 43 por cento pensam exactamente o contrário.

Raptos e libertações no Uganda

Três dos quatro delegados do Comité Internacional da Cruz Vermelha e 5 dos 7 membros da Cruz Vermelha Ugan- deses raptados no sábado passado no Uganda foram libertados hoje de manhã, soube-se

junto da delegação do «CICR» em Nairobi. Os autores do rapto, que teve lugar a 35 km de Kampala, ainda detêm um delegado do «CICR» e dois membros da Cruz Vermelha do Uganda.

Bomba contra embaixada

Uma bomba foi ontem de madrugada lançada contra a Embaixada do Chile nas Honduras por pessoas não identificadas e a partir de um automóvel em marcha, informou a Polícia de Tegucigalpa. O explosivo era composto por dois cartuchos de dinamite e não causou vítimas, destruindo apenas janelas e um gradeamento da Embaixada chilena.

Detenções no Uruguai

Trinta pessoas foram presas pela Polícia uruguaia após uma manifestação realizada em apoio dos operários que cumpriram domingo o quarto dia de ocupação da fábrica têx-

til Ildu — anunciaram hoje fontes sindicais. Segundo as fontes, vários dos detidos já foram postos em liberdade após serem interrogados.

Oposição prepara ofensiva

O Congresso do Povo das Filipinas, opositor do regime do presidente Ferdinand Marcos, decidiu no domingo intensificar as manifestações de rua e o boicote às próximas eleições legislativas no caso de o seu pedido de restauração da democracia não ser satisfeito. Os trabalhos do Congresso reuniram, no sábado e domingo, mais de 2400 delegados, representando diversas organizações da oposição filipina, sob a presidência de Agapito Aquino, irmão mais novo de Benigno Aquino, antigo líder da oposição, assassinado em Agosto de 1983.

Dois novos casos de SIDA

Médicos da cidade de Bukavu, no Leste do Zaire, detectaram dois casos de Síndrome de Imuno Deficiência Adquirida (SIDA), em um homem e uma mulher, noticiou a agência zairense de Informação. Aqueles dois doentes foram transportados para Kinshasa, a capital,

enquanto as autoridades sanitárias recomendavam calma à população. Diversas notícias publicadas nos últimos meses têm dado o Zaire como origem do surto de SIDA que se tem verificado no Ocidente, particularmente nos Estados Unidos.

“Operação sul-africana” terminou em Angola

Pretória admite diálogo com a SWAPO

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha, em entrevista à televisão do seu país, indicou que o governo de Pretória não se opõe a discussões directas com a SWAPO. Ao mesmo tempo, reafirmou a proposta feita pelo seu governo em 15 de Dezembro acerca da instauração de uma trégua a partir de 31 deste mês.

A proposta de negociações directas Pretória-SWAPO partira de Sam Nujoma, presidente daquel movimento de libertação, numa carta ao secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar.

Na mesma entrevista, «Pik» Botha rejeitou a resolução do Conselho de Segurança que condena as operações militares sul-africanas contra Angola, que exige a retirada das tropas agressoras e que preconiza maior eficácia nas sanções contra o regime do «apartheid». «Pik» Botha voltou a classificar os guerrilheiros da SWAPO terroristas e ameaçou continuar a lutar contra organizações desse tipo, acusando, ao mesmo tempo, Angola de prosseguir uma política deliberada de agressão contra Estados vizinhos que não compartilham da sua ideologia.

Retirada

As tropas sul-africanas lançadas contra Angola a partir do dia 6 de Dezembro passado começaram a retirar, uma vez que os seus objectivos foram cumpridos — anunciou o general sul-africano Ian Gleeson. A operação «perseguições a quente» levou a uma penetração de 300 quilómetros no interior da RP de Angola e, segundo a agência sul-africana SAPA, permitiu desorganizar a SWAPO, perturbando os preparativos deste movimento para a habitual operação na Namíbia na época das chuvas. As tropas continuaram, no entanto, em estado de alerta máximo para a eventualidade de um reagrupamento dos guerrilheiros.

Indicações fornecidas pelo jornalista Alan Cwiel, do «The New York Times», publicado na edição de 7-8 deste mês, de «International Herald Tribune» apontam para o insucesso da operação de Pretória em Angola. Segundo o jornalista, desta vez as tropas sul-africanas não am-

gustaram o habitual êxito. Os dois mil homens envolvidos na operação (fontes citadas pelo jornalista referem este número desmentindo informações angolanas que falam na maior ofensiva sul-africana, pois o número máximo de tropas racistas envolvidas em operações deste género foi em 1981 de 4000) encontraram forte resistência «de outras forças» e dos guerrilheiros da SWAPO.

Segundo peritos citados, as tropas angolanas e provavelmente cubanas estiveram agora mais envolvidas que nunca nos combates. O jornalista diz porém que se os cubanos intervieram foi apenas no manejo dos mísseis soviéticos terra-ar SAM 9. Segundo o jornalista, os sul-africanos terão querido desmantelar a SWAPO para a impossibilitar de fazer a sua ofensiva de Janeiro na Ovambolândia e os ataques aos fazendeiros brancos numa zona mais a sul, ataques esses que teriam pesadas repercussões políticas na África do Sul. Além disso, Pretória visava ainda fazer cessar o apoio angolano à SWAPO e enfraquecer o regime de José Eduardo dos Santos procurando substituí-lo pela UNITA.

Fontes angolanas declararam ao «DL» que a UNITA, ao contrário do que certa imprensa ocidental tenta fazer crer, está a sofrer derrotas sobre derrotas, pois o Exército angolano tem hoje uma capacidade de combate que o está a transformar num dos mais poderosos do continente africano.

O êxito da operação sul-africana poderá ser aferido dentro em breve justamente pela análise que for proporcionada pelo decorrer da ofensiva da SWAPO.

Seja como for, a África do Sul encontra-se neste momento isolada, mais do que nunca, no contexto internacional. Embora a última resolução do Conselho de Segurança da ONU tenha sido bastante moderada na tentativa de obter o apoio de Washington e Londres, para afinal só conseguir o voto de abstenção dessas duas potências, uma coisa é certa: a França, a RFA e, em certa medida, o próprio Reino Unido estão a afastar-se manifestamente das teses norte-americanas e sul-africanas sobre a Namíbia. Angola encontra neste momento um am-

biente diplomático extremamente favorável. É sintomático que um jornal com a autoridade do «New York Times» tenha considerado a Administração Reagan inspiradora desta última ofensiva sul-africana contra Angola, escrevendo que Pretória só tomou esta atitude por ter a concordância de Washington.

Um facto importante pode ser também o golpe de Estado na Nigéria. Até agora, ainda nada foi dito em Lagos sobre esta questão da Namíbia e a «linkage» com as tropas cubanas em Angola. Mas o presidente Shagari, deposto pelos militares, havia afirmado que as tropas cubanas deviam sair de Angola e ser substituídas por uma força interafricana. Essas afirmações de Shagari causaram grande agitação, o que forçou o presidente a tentar rectificar as suas palavras. O peso da Nigéria no continente africano é, como se sabe, um factor de grande monta. E assim um poder firmemente anticolonialista e anti-apartheid em Lagos oferece a Angola um contexto regional bastante favorável.

Combates continuam

A África do Sul continua a agredir Angola «ignorando a resolução do Conselho de Segurança que exige a imediata retirada do território das forças sul-africanas» — afirma um comunicado do Ministério angolano da Defesa divulgado pela TASS.

No documento, o Ministério angolano diz que em 7 de Janeiro 20 aviões e helicópteros da Força Aérea sul-africana bombardearam a localidade de Caiundo na província de Cuando Cubango, causando mortes e feridos entre a população.

Na região de Cuvelai, província do Cunene, as tropas sul-africanas realizaram «intensos ataques aéreos e terrestres tendo bombardeado a região e utilizado substâncias tóxicas».

Neste ataque, diz o comunicado, as forças angolanas abateram três aviões sul-africanos e destruíram quatro carros blindados e três tanques.

No comunicado, o Ministério angolano da Defesa desmente a existência de bases da SWAPO nas localidades atingidas referindo que o que nelas existe são instalações económicas de Angola.

Tunísia: primeiro-ministro ocupa a pasta do Interior

O presidente Bourguiba destituiu no sábado o ministro do Interior, Driss Guiga, cujas funções serão assumidas pelo primeiro-ministro, Mohamed Mzali.

Esta destituição surge após as revoltas dos últimos dias na Tunísia contra o aumento de preço do pão, durante as quais perderam a vida umas 70 pessoas e centenas ficaram feridas, tendo-se registado milhares de detenções.

Sexta-feira o presidente Bourguiba dirigiu-se à nação para anunciar o congelamento das medidas que aumentavam em cerca de 100 por cento o preço do pão e outros derivados dos cereais.

Na mesma ocasião anunciou a libertação de todos os detidos nas confrontações dos últimos dias.

O estado de emergência continua em vigor, mas o recolher obrigatório foi encurtado, passando a vigorar entre as 20h00 e as 4h00 e regista-se uma redução sensível da presença da Polícia nas ruas.

A Imprensa, a Central Sindical Única — a União Geral dos Trabalhadores Tunisinos (UGTT) — e a oposição acolheram a decisão

do presidente Bourguiba de congelar os aumentos com manifestações de satisfação.

Alguns dos editorialistas insistem na necessidade, de depois desta revolta da população, que durou uma semana, consolidar as instituições e a economia.

O jornal «Le Temps» sublinha a necessidade de analisar correctamente a grave crise que sacudiu o país para «tratar de compreender as suas causas profundas».

O presidente da UGTT (Central Sindical, que, depois de conhecida a decisão do presidente Bourguiba, anulou uma reunião convocada para sexta-feira), Habib Achur, afirmou que «a boa notícia dada pelo presidente ao povo constitui a solução ideal».

Para o Partido Comunista Tunisino «a judiciosa decisão do presidente Bourguiba responde às aspirações das massas populares».

O secretário-geral do Movimento de Democratas Socialistas (legalizado em Novembro), Ahmed Mestiri, elogiou a decisão do presidente tunisino e manifestou telefonicamente ao chefe de Estado, o seu apoio a esta acção «determinante».

Organizações p

A Organização da Libertação da Palestina (OLP) entrou numa nova fase de luta interna; por um lado, Arafat e os seus fiéis procuram ganhar todo o tempo que lhes resta para acertarem os planos de «pacificação» do Médio Oriente com o rei Hussein da Jordânia, ao abrigo do chamado «plano Reagan»; por outro lado, os denominados «dissidentes» procuram impedir a concretização daquilo que consideram ser a capitulação final das forças progressistas árabes.

Des responsáveis palestinos das organizações que lutam contra a corrente Arafat no seio

da OLP reuniram-se em Damasco e consideraram ilegal a

última reunião do Comité Executivo da OLP em Tunes, a qual, como se sabe, ratificou a política de Arafat de aproximação com o Egipto e com a Jordânia. Os responsáveis reunidos em Damasco alertaram igualmente para as manobras que estão por detrás da convocação do Parlamento jordano («suspensão» há vários anos e para o qual não se realizam eleições há 16 anos) e que se destinam a substituir a representatividade da OLP na Margem Ocidental por elementos não ligados ao movimento de

Igreja polaca reaproxima-

O cardeal primaz da Polónia, Mons. Jozef Glemp, está a multiplicar os «gestos» em direcção ao regime e acaba de condenar a instalação dos euromisséis da NATO, de modo muito mais claro do que a instalação prevista de mísseis tácticos soviéticos na RDA e na Checoslováquia.

O primaz fez essa condenação na passada sexta-feira à noite, durante uma homilia, proferida

ciada por ocasião da festa da Epifania. «A perspectiva do ano que começa», disse, «pode suscitar um sentimento de opressão, porque eis a notícia de que certos países europeus de velha cultura cristã se enriquecem de foguetões portadores de morte». «O simples facto de ameaçar a humanidade com tais meios é

Esta homilia parece confirmar

O primeiro sinal dessa viragem tinha sido dado pelo primaz na sua mensagem de Natal, na qual advertiu os padres contra qualquer actividade política, desautorizando implicitamente os apelos da clandestinidade à manifestação. ~~E, apelando para~~ que a Polónia não gere «o relacionamento incendiário» na Europa.



DESPORTO

Europeu: arranjos

O sorteio dos dois grupos da fase final do Campeonato da Europa das nações (a disputar em França de 12 a 17 de Junho), marcado para amanhã às 11 horas tmG, em Paris, será precedido do sorteio dos quartos-de-final do campeonato da Europa para jogadores com menos de 21 anos. Antes, os presidentes das oito federações representadas na final e o comité organizador da UEFA reúnem-se (sob a presidência de Hans Bangertner, RFA) para «preparar» o sorteio, ordenando as oito seleções por ordem em função dos resultados obtidos na fase final da Taça do Mundo 1982 (em Espanha) e nas eliminatórias do campeonato da Europa 1984. Prevê-se a seguinte graduação:

- RFA: detentora do título europeu, finalista do mundial de 1982.
- FRANA: país organizador, semifinalista do mundial de 1982.
- ESPANHA: 1.º do Grupo 7 (13 pontos, em 8 encontros), 6 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 24 golos marcados, 5 sofridos).
- DINAMARCA: 1.º do Grupo 3 (13 pontos, 8 encontros, 6 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 17 golos marcados, 5 sofridos).
- ROMÉNIA: 1.º do Grupo 5 (12 pontos, 8 encontros, 5 vitórias, 2 empates, 1 derrota, 9 golos marcados, 6 sofridos).
- PORTUGAL: 1.º do Grupo 2 (10 pontos, 6 encontros, 5 vitórias, 1 derrota, 11 golos marcados, 6 sofridos).
- BÉLGICA: 1.º do Grupo 1 (9 pontos, 6 encontros, 4 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 12 golos marcados, 8 sofridos).
- JUGOSLÁVIA: 1.º do Grupo 4 (8 pontos, 6 encontros, 3 vitórias, 2 empates, 1 derrota, 12 golos marcados, 11 sofridos).

Atribuído um número a cada uma das equipas, estas serão distribuídas em dois ou talvez quatro «chapéus», a partir dos quais serão constituídos, por sorteio, dois grupos. As equipas 1, 2, 3 e 4 jogarão no Grupo «I», as equipas 5, 6, 7 e 8 no Grupo «II». O número 1 será certamente atribuído à França no Grupo «I» e o 5 à RFA, no Grupo «II».

Sporting e Porto dominam hóquei

Sporting e FC Porto mantiveram o comando e a invencibilidade no campeonato de hóquei em patins da 1.ª divisão. O Sporting foi a tomar vencer por 11-3, enquanto o FC Porto recebia (nas Antas) o Oliveirense e triunfava tangencialmente, por 5-4. De salientar ainda as vitórias fora da Sanjoanense e Juventude de Viana, o primeiro dos quais em Sesimbra.

Resultados da 10.ª jornada: Belenenses-Oeiras, 9-6; Sportingda Tomar-Sporting, 3-1; Amadora-Peço de Arcos, 7-2; Benfica-Alenquer, 15-1; Sesimbra-Sanjoanense, 5-10; Parede-Juventude de Viana, 3-5; FC Porto-Oliveirense, 5-4 e Carvalhos-Famalicense, 5-4.

Classificação: 1.º Sporting e FC Porto, 24 pontos/8 jogos; 3.º Belenenses, 24/10; 4.º Juventude de Viana, 22/8; 5.º Sanjoanense, 21/8; 6.º Benfica, 18/8; 7.º Sesimbra, 17/10; 8.º Oeiras e Ac. Amadora, 16/8; 10.º Sp. Tomar, 16/9; 11.º Carvalhos, 13/8; 12.º Paço de Arcos, 11/9; 13.º Oliveirense, 12/8; 14.º Parede, 11/9; 15.º Alenquer, 10/8.



Varzim: os golos de Alves, Frederico e de Teixeira na própria rede boavista

Varzim, 2-Boavista, 4

A força e o jeito

Força e jeito: duas características que se exigem aos jogadores de eleição. Há os que tem muita força e pouco jeito e há os que fazem autênticos números de circo com o esférico e que, dentro das quatro linhas, não podem com uma gata pelo rabo. Esta imagem serve às mil maravilhas para caracterizar as duas equipas (Varzim e Boavista) que ontem proporcionaram um excelente espectáculo no Estádio poveiro.

De um lado (do Varzim), muita força e pouco jeito. Do outro (do Boavista), força e jeito em doses equilibradas. As permissas são claras e a conclusão não podia ser outra: venceu a equipa que, num terreno empapado e pesado, demonstrou os atributos nas proporções certas, bem ao jeito de Pantagruel.

Foi um espectáculo bonito, pese embora excessos cometidos por alguns dos intervenientes, com destaque para o n.º 6 poveiro (José Maria de seu nome) autêntico «tanque de guerra» que desbasta tudo por onde passa. Dir-se-ia, aliás, que este jogador personificou toda a equipa poveira, pelo querer e pundonor demonstrados, que não pelo jogo à margem da lei, como é óbvio.

Do lado «axadrezado» a surpresa, resultante de uma exibição magnífica, da inteligência patenteada nos momentos cruciais da partida. Se é verdade que, nesses instantes decisivos, os boavistas tiveram a «tal estrelinha» pelo seu lado, não é menos certo que os pupillos do professor Henrique Calisto tudo fizeram para justificar esse factor determinante.

Alves deu o «mote» quando, aos 14 minutos, com punhos de renda bateu o guarda-mão poveiro sem apelo nem agravo, um toque de subtilidade que foi também de classe, a revelar que o «luvas

conta por qualquer seleccionador do futebol indígena. «Mote» que Frederico iria «glosar três minutos mais tarde, ao concluir com um subtil golpe de cabeça, uma devolução da trave, resultante de uma benesse do n.º 1 poveiro. Quer dizer que o Boavista, no curto espaço de três minutos (entre os 14 e os 17) ficou com dois tentos à maior que, para qualquer técnico, seria margem mais do que suficiente para justificar uma mudança de tática, para mais defensiva, naturalmente.

Turma aguerrida e vocacionada para jogar a todo o gás durante os 90 minutos, o Varzim jamais baixou os braços e, como corolário dessa renúncia à rendição, chegou aos 2-1, embora através de um auto-golo de Teixeira, que nos pareceu antecedido de falta cometida por Folha.

A igualdade esteve por diversas vezes à vista, mas «in extremis» lá estava Matos (muito atento) ou um defensor boavista-teiro a por cobro à situação.

Com a entrada de Valdemar (avanzado) para o lugar de Washington (defesa) no início do período complementar, o técnico José Torres logo disse ao que ia. O «reverso da medalha», porém, não se fez esperar (a defesa em linha mais uma vez a fazer das «suas» e foi o Boavista que, num rápido contra-ataque, conduzido por Jorge Silva do lado esquerdo, logrou elevar para 3-1, com uma entrada fulgurante e

muito oportuna de Reinaldo. Tírada a papel químico, surgiria novo lance cinco minutos mais tarde, protagonizada por Jorge Silva e concluído, desta feita, pelo jovem Barbosa, depois de o guarda-mão poveiro ter negado uma vez o golo. Autêntico balde de água fria, sobre a hostes varzinistas: era lá possível o Boavista estar a ganhar por 4-1 na Póvoa?

Como «prémio de consolidação» os varzinistas conseguiram ainda reduzir para 4-2, mas para isso foi preciso que Zé Manuel «ofercesse» em Baixela de prata essa oportunidade. Ao receber uma bola do seu guarda-redes e sem que nada o justificasse, o médio «axadrezado» ajeitou a bola com o braço dentro da área de rigor e andré, chamado a transformar o castigo máximo num perdoado.

Estava escrita a história do encontro (um grande jogo de campeonato) embora deva ainda salientar-se que o Boavista ficou reduzido a 10 unidades a partir dos 82 minutos, por expulsão de Jorge Silva, recidivante no «amarelo» e também no afastar da bola para longe.

A arbitragem de Raul Nazaré foi mimoseada com alguns epítetos nada dignificantes por parte da plateia poveira, mas a verdade é que se houve alguém com razão par se queixar foi o Boavista. Quando um árbitro não agrada a gregos nem a troianos, está tudo dito.

Manuel Neto

Árbitro: Raul Nazaré (Setúbal)

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Washington (Valdemar, 45 m), Torres e Belmiro (Brandão, 69 m); José Maria, Juanico, André e Magalhães; Folha e Manuelzinho.

Boavista: Matos; Madureira, Frederico (Figueiredo, 52 m), Teixeira e Carlinhos; Almeida, Alves (Barbosa, 29 m), José Manuel e Palhares; Reinaldo e Jorge Silva.

Cartão amarelo para Teixeira, Almeida, Jorge Silva e vermelho para Jorge Silva.

Resultado ao intervalo: 1-2. Golos: Alves (14), Frederico (17), Teixeira (na própria baliza, aos 32), Reinaldo (49), Barbosa (54) e

Nacional de futebol

Benfica e Porto aceleram enquanto o Sporting trava

Resultados dos jogos a contar para a 13.ª jornada do campeonato maior: Benfica - Guimarães, 8-0 (3-0 ao intervalo); FC Porto - Rio Ave, 3-1 (2-0); Braga - Sporting, 2-1 (1-0); Farense - Espinho, 3-0 (2-0); Estoril - Setúbal, 1-3 (1-2); Penafiel - Salgueiros, 1-0 (0-0); Águeda - Portimonense, 2-1 (2-0); Varzim - Boavista, 2-4 (1-2).

Próxima jornada (dia 15): FC Porto-Boavista, Salgueiros-Varzim, Espinho-Penafiel, V. Guimarães-Farense, Sporting-Benfica, Portimonense-Braga, V. Setúbal-Águeda e Rio Ave-Estoril.

Marcadores

Diamantino (Benfica) e José Rafael (Farense), lideram a lista dos melhores marcadores do futebol português da 1.ª divisão,

após os jogos da 13.ª jornada. Diamantino, com dois golos marcados (na Luz) ao Vitória de Guimarães e José Rafael, com um tento ao Espinho (em Faro) totalizam nove, mas o «bota de ouro» europeu, Gomes (do FC Porto) também marcou dois e soma agora oito. De sublinhar que Diamantino, Nenê (que jogou apenas cerca de 15 minutos) e Manniche, todos do Benfica; Gomes (FC Porto) e Nascimento (Vitória de Setúbal), marcaram dois golos na produtiva jornada. A lista de melhores marcadores: 1.ºs Diamantino (Benfica) e José Rafael (Farense), 9 golos; 3.ºs Jordão (Sporting), Gomes (FC Porto) e Manuel Fernandes (Sporting), 8; 6.º N'Habola (Rio Ave), 7; 7.ºs Filipovic (Benfica), Jorge Silva (Boavista) e Manniche (Benfica), 6; 10.ºs Eldon (V. Guimarães) e Nenê (Benfica), 5.

● Luz: Benfica, 8-Guimarães, 0

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

BENFICA: Bento; Pietra, Oliveira, Bastos Lopes e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Stromberg (Shéu, aos 75 m), e Chalana; Diamantino (Nenê, aos 75 m) e Manniche.

V. GUIMARÃES: Silvino; Gregório, Amândio, Murça I e Laureta; Nivaldo; Paquito, Murça II e Flávio; Fonseca (Eldon, na 2.ª parte) e Júlio.

Ao intervalo: 3-0.

Marcadores: Diamantino (aos 22 e 40 m), José Luís (34 m), Manniche (55 e 57 m), Stromberg (59 m) e Nenê (77 e 82 m).

Cartão amarelo: para Laureta e Álvaro.

● Antas: Porto, 3-Rio Ave, 1

Árbitro: Vitorino Gonçalves (Aveiro).

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Jaime Pereira, Eurico e Eduardo Luís; Sousa, Frasco (Quinto, 67) e Lima Pacheco; Jacques, Gomes e Costa (Vermelhinho, 23).

RIO AVE: Alfredo; Carvalho, Brito, Antero e Duarte; Carlos Manuel (Cabumba, 66), Adérito e Pires; N'habela (Eusébio Patriota, 78), Quim e Casaca.

Ao intervalo: 2-0. Marcadores: Frasco (26), Gomes (45, de grande penalidade), Gomes (46) e Patriota (82).

Cartão amarelo para Eduardo Luís, Frasco, João Pinto, Quim, Brito, Adérito e Alfredo. Cartão vermelho para Cabumba (86 minutos).

● Primeiro do Maio: Braga, 2-Sporting, 1

Árbitro: Fernando Alberto (Porto).

SP. BRAGA: Valter; Artur, João Cardoso, Nelito e Dito; Spencer, Serra (Quim Alberto, 90) e Zinho (Fontes, 85); Jorge Gomes, Wando e Vítor Santos.

SPORTING: Katzirz; Gabriel, Zezinho, Virgílio e Mário Jorge; Lito, Kostov e Carlos Xavier (Futre, 46); Manuel Fernandes, Oliveira e Jordão.

Cartão amarelo para Zinho (30), Virgílio (33), Serra (57), Mário Jorge (59) e Jordão (65).

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Spencer (17 m), Vítor Santos (50) e Manuel Fernandes (80).

● S. Luiz: Farense, 3-Espinho, 0

Árbitro: Mário Luís (Santarém).

FARENSE: Meszaros; César, Grantcharov, Alexandre Alinho e José Luís; Mário Wilson, Óscar e Nelson Borges; José Rafael, Gil e Bukovac (Rogério, 30).

SP. ESPINHO: Mendes; Ramalho (João Carlos, 30), Valério, Serra e Raul; Dinis, Carvalho, Pinto da Rocha e Babá; Peter (Móia, 46) e Abel.

Ao intervalo: 2-0. Marcadores: Gil (7), Nelson Borges (22) e José Rafael (61).

● Estádio 25 de Abril: Penafiel, 1-Salgueiros, 0

Árbitro: José Guedes (Porto).

PENAFIEL: Trindade; José Eduardo, Fernando, Vasco e Artur; Ferreira da Costa, Tóze e Joaquim Rocha (Leonel, 85); Elias, Branco e Babo (Meireles, 63).

SALGUEIROS: Fidalgo; Carlos Ribeiro, Germano, Matias e Vassalo; Janita, Silva (Rui França, 45), Carvalho (Nelito, 55) e Penteado; Jorginho e António Manuel.

Cartão amarelo para Silva, Joaquim Rocha, Vasco, Ferreira da Costa, Matias e Germano.

Marcador: Fernando (47).

● Amoreira: Estoril, 1-Setúbal, 3

Árbitro: João Rosa (Évora)

ESTORIL: Abrantes; Vieirinha, Cansado, Amílcar e Teixeira; Garcês, Rantanen (Paulo, 56) e David Byrne; José Pedro, Vítor Madeira e Diamantino (Tião, 56).

VITÓRIA DE SETÚBAL: Jorge; Mota, Francisco Silva, Artur e Sobrinho; Nunes (Edmundo, 75), Vitinha e Cerdeira; Nascimento, Formosinho e Roçadas.

Cartão amarelo para Nascimento, Cerdeira, Cansado, José Pedro e Garcês.

Ao intervalo: 1-2. Marcadores: José Pedro (18), Nascimento (23), Roçadas (25) e Nascimento (85).

● Estádio Municipal: Águeda, 2 - Portimonense, 1

Árbitro: Alder Dante (Santarém).

ÁGUEDA: Luz; Simão, Paulo César, Rodrigues Dias e Sá Pereira; Belo, Nogueira, António Jorge e Orlando (Valério, 76 m); César (Ica, 71 m) e Flávio.

PORTIMONENSE: Damas; Coelho, Balacó, Barão e João Gouveia (Abreu, 14 m, e Lúcio, 45 m); Pedroto, Vítor Oliveira, Nelson e Fernando Martins; Rui Águas e Norton de Matos.

Cartão amarelo para Vítor Oliveira.

Golos: Flávio (12), António Jorge (15) e Norton de Matos (65).

DESPORTO



Restelo: belenenses vão subindo

Divisão 2

Marítimo com cócegas nos pés

Também rodou mais uma etapa do campeonato da 2.ª divisão. Desfechos na Zona Norte:

Lixa - Valonguense, 3-0; Ac. Viseu - Valdevez, 0-0; Famalicão - Sanjoanense, 1-1; Fafe-Chaves, 2-0; Vizela - Gil Vicente, 3-0; Feirense - Riopele, 1-0; Tirsense - S. Martinho, 0-0 e Paços de Ferreira - Leixões, 3-1. Classificação: 1.º Leixões, 18 pontos; 2.º Vizela (menos um jogo), 16; 3.ºs Sanjoanense, Tirsense e Paços de Ferreira, 15; 6.º Chaves (menos um jogo), 14; 7.ºs Riopele, Gil Vicente e Feirense, 13; 10.º Ac. Viseu, 12; 11.ºs Valonguense, S. Martinho e Fafe, 11; 14.ºs, Valdevez e Lixa, 10, e 16.º Famalicão, 9 pontos.

Zona Centro: Elvas - União de Coimbra, 0-1; Alcobaca - Anadia, 1-0; Peniche - Beira-Mar, 2-0; Covilhã - Torriense, 5-0; Naval - Benfica C. Branco, 1-0; União de Tomar - Caldas, 0-0; Guarda - União de Leiria, 0-0 e Académico - Rio Maior, 5-0. Classificação: 1.º Académico, 20 pontos; 2.º Alcobaca, 17; 3.ºs Peniche e Covilhã, 16; 5.º U. Coimbra, 15; 6.ºs Beira-Mar, Guarda e Caldas, 14; 9.º Torriense (menos um jogo) e Elvas, 13; 11.ºs, Benfica C. Branco e U. Leiria (menos um jogo), 12; 13.º

TOTO BOLA a chave

Benfica-V. Guimarães 1
FC Porto-Rio Ave 1
Braga-Sporting 1

varzim-Boavista 2
Penafiel-Salgueiros 1
Farense-Espinho 1

Águeda-Portimonense 1
Estoril-V. Setúbal 2
Famalicão-Sajoanense x

Fafe-Chaves 1
Paços de Ferreira-Leixões 1
União de Tomar-Caldas x
Barcelense-Marítimo x

Totobola: previsões

O primeiro concurso do Totobola de 1984 deverá ter entre 300 e 350 totalistas. Com 12 resultados certos calculam-se entre 6000 e 6500 apostas. O valor de cada prémio deste concurso é de 23 225 723 escudos e 50 centavos.

Classificações

	J	V	E	D	G	P
1. Benfica	13	12	1	—	38-7	25
2. FC Porto	13	11	1	1	20-2	23
3. Sporting	13	8	2	3	27-12	18
4. V. Guimarães	13	7	1	5	18-20	15
5. Braga	13	5	5	3	13-11	15
6. Boavista	13	5	4	4	21-14	14
7. Rio Ave	13	6	2	5	15-17	14
8. Portimonense	13	5	2	6	13-16	12
9. Farense	13	4	4	5	18-19	12
10. V. Setúbal	13	4	4	5	22-16	12
11. Águeda	13	4	2	7	14-19	10
12. Varzim	13	3	4	6	10-15	10
13. Salgueiros	13	3	3	7	12-22	9
14. Penafiel	13	3	2	8	7-26	8
15. Estoril	13	1	4	8	7-23	6
16. Espinho	13	1	3	9	5-21	5

Continua na pág. 14

Leões sem unhas na galopada vermelha

A folha 13 do calendário futebolístico ao nível mais alto deu, por estas bandas, um verdadeiro murro no estômago do Sporting que, em Braga (e culminando com uma das mais desastrosas campanhas nortenhas da história do clube de Alvalade) deixou o futebol e, pior que isso, jogou pessimamente, sem qualquer ligação entre sectores, vivendo esporadicamente da força física de Kostov, da atenção de Zezinho, de alguns lampejos de Lito e da segurança de Katzirz que (desta feita) evitou que as redes verde-brancas fossem mais vezes tocadas. O «Arsenal minhoto» actuou com excelente ordenação no terreno (Quinto é mestre a pedir meças a quem quer que seja) e, também, com óptimas actuações de Wando, Zinho, Spencer e Serra, que contaminaram toda a formação para um êxito absolutamente indiscutível. Aliás, parece que o técnico sportinguista Venglos tem os santos de costas: ou, melhor dizendo, começa já a criar vulto que a saída de Jaime Lopes do Departamento de Futebol do «leão» marcou o período de eclipse que pode pairar durante algum tempo sobre o «team» lisboeta.

Benfica: essa máquina de jogar futebol, comandada sem erros por Eriksson, optimamente preparado fisicamente, com os jogadores estrangeiros recrutados a preceito (e não «ad hoc...») regalou o «3.º anel» dando uma longa e bela lição de futebol a um Guimarães irreconhecível e anormalmente nulo. O jogo pertenceu inteiramente aos homens da Luz, mesmo a boa vontade de Nivaldo e Laureta não chegou a render um ceítil, pois (desde Silvino até Eldon) a turma de Stessi dava a imagem de um qualquer grupeto do Inatel constituído por fiéis amigos excursionistas. Para a torrente de golos e, muito especialmente para a beleza do espectáculo, contribuiu em alta dose a pujança de Manniche (para que não assassinem o seu nome, o dinamarquês faz questão de repetir a informação: **pronuncia-se Manica**) mais a alta qualidade de Diamantino mas toda a formação autenticamente impecável, a merecer 20 valores e nome no galarim da ronda. Enquanto o desmoronado e quase anónimo «onze» de Stessi era despedido quase com comisseração, o público ofertou aos benfiquistas uma das maiores ovações que nos últimos anos foram tributadas em estádios portugueses: e com inteira razão porque, jogando assim, não apenas se dignifica o futebol como se cria no espírito do assistente a paixão pelo «show» mais divulgada no mundo.

Uma falha do promotor Alfredo permitiu que o Porto ganhasse tranquilidade, mais acentuada quando o endiabrado Vermelhinho foi carregado em falta por Antero e Gomes não perdoou a cobrança do máximo castigo. Depois, foi apenas questão de deixar o tempo ir correndo. Uma nota para a má actuação do juiz que brindou «à praça» mostrando o cartão amarelo por dá-cá-aquela-palha. José Maria Pedroto, que volta hoje à clínica londrina em que foi submetido a uma delicada intervenção cirúrgica, pode estar descansando: se António Moraes conse-

guiu contrariar o esquema de Mourinho, depois daquela boa surpresa de arrebatar a «Supertaça», não restam dúvidas de que tudo segue firme no granítico «onze» azul-branco, onde João Pinto e Frasco, Sousa e Gomes, Jaime Pacheco e Eduardo Luís ficaram uns leves furos acima dos parceiros de emblema e muito mais alto que os melhores rapazes de Vila do Conde (Adérito, N'Habola, Alfredo e Casaca). Um duelo que não chegou a criar emoção.

Sacudido pela eliminação da «Taça» e perante o seu público como juiz quase impiedoso, o «team» dirigido por Mladenov teve todos os cordelinhos na mão, perante um Sporting espinhense que (para desespero do técnico Álvaro Carolino) cada dia joga pior que no anterior. Enquanto a turma algarvia apenas apresentou dois pontos extremamente fracos (Grandcharov e Bukovac, que apenas dão ideia de terem até hoje trabalhado como carregadores de pianos) o amálgama espinhense foi uma dor de alma, salvando-se do total naufrágio um quadrunvirato (Mendes, Dinis, Pinto da Rocha e Abel) pois toda a demais tripulação nem um carapau pescou, porque nem sequer se esforçou para deitar as redes ao mar. Belíssimos os brasileiros Nelson Borges e Gil, como muito bem estiveram também Mário Wilson, José Luís e Oscar embora, com a infeliz anormalidade dos dois pés-de-obra importados não se poderem comparar a qualquer companheiro, especialmente se tivermos em conta que, desde Meszaros a José Rafael, o grupo de Fernando Barata, foi coeso e forte. Melhor: teve pela frente uma das mais pobres amostras de futebol deste País.

Era mais que esperado que o Vitória de Setúbal, metido em brios e teimando em se exibir melhor fora de casa que no Bonfim, iria ao «António Coimbra da Mota» jogar em verrinoso contrateque: como se não fossem deste planeta, os estorilistas deixaram-se enrolar na manta e foram



Luz: Stromberg e Manniche, sueco e dinamarquês destroçaram a fraca gente vimarense

para o saco de Manuel de Oliveira com uma espantosa facilidade, maior ainda se lembrarmos que é Mário Wilson o mestre dos «canarinhos» e por lá estão David Byrne e Abrantes, do melhor que se tem visto no campeonato cá da loja e, no sábado, os remadores maiores contra a maré sadina, onde Nascimento e Jorge foram sensacionais. Roçadas e Formosinho por igual dividiram os louros de um espectacular encontro com o êxito. A estreia do finlandês Rantanen ficou para segundas núpcias: a fraqueza da sua turma contagiou-o para se ficar como postal ilustrado do clube agora entregue a Júlio Graça. Nota insólita: Cansado «ofereceu» a camisola ao árbitro...

Rija, bem dura foi a resistência dos salgueiristas em campo penafielense: e o árbitro José Guedes (um desastre de fio a pavio) acabou por enervar toda a gente e despoletar uma situação que esteve a um passo do dramatismo. No bloco salgueirista saliente especial para Fidalgo, Matias e Vassalo, enquanto nos moços dirigidos por Luís Miguel os melhores parabéns são endereçados a Artur, Fernando, Ferreira da Costa e José Eduardo, as réplicas mais afadigadas à rapaziada em quem Octávio confia para proezas positivas.

Com grande ímpeto mas escassa disciplina táctica, batendo-se com muito ardor mas perante superior craveira técnica, os varzinistas de José Torres não conseguiram, entre as suas gentes, ultrapassar Henrique Calisto e suas hostes, onde Palhares e Alves (este, embora jogando apenas 28 minutos) destroçaram uma defensiva onde somente Torres acompanhou o labor de Manuelzinho. Espectáculo bonito, com muitas falhas dos últimos redutos, escusada expulsão do boavistense Jorge Silva e arbitragem de Raul Nazaré condizente com o seu valor: imparcial.

A deficiente direcção da partida por parte de Alder Dante ia estragando o jogo em Águeda, em que os locais amealharam cedo a vantagem que depois defenderam quase heroicamente. Nota positiva para Paulo César, Nogueira, Simão, Flávio, César e António Jorge, enquanto na delegação portimonense Damas, Pedroto e Norton de Matos foram as pedras mais importantes da manobra arquitetada por Manuel José que acabaria por ficar embolsada pelos pupilos de José Carlos.



Diamantino: o novo artilheiro da Luz

A tabela pontual dá para muito pensar: se tanto o Benfica como o FC Porto ganham todo o direito a serem cotados como os mais lúdimos (e justificados) candidatos ao trono, terá de salientar-se que o trio que era perseguidor foi derrotado em toda a linha, inclusive, o atraso do Sporting, a menos que surja uma varinha mágica pelo caminho, parece já colocá-lo fora da melhor corrida e (até) ameaçado pela dupla de grupos minhotos e, do mesmo modo, por boavisteiros e vila-condenses, o que é espelho da pálida imagem que está a ser rubricada por um «onze» sempre potencialmente bem apetrechado e que, a rápido espaço de tempo, terá de bater o Benfica para não resvalar pela encosta e ficar definitivamente apeado da subida à coroa de rei: e Venglos no fio da navalha.

Depois de se voar sobre a zona da indefinição, chega-se ao rés-do-chão, com a aflitiva posição de Espinho e Estoril, onde, pelos vistos, a roleta dos casinos só traz prejuízos para a banca. Um caso a requerer muito esforço e trabalho: tanto, pelo menos, como o ainda exigível ao trio Penafiel-Águeda-Salgueiros, curiosamente os símbolos que apenas possuem campos pelados e não conseguem atingir primores de execução, mas lá vão fazendo pela vidinha. E venha o Sporting-Benfica, para se conhecer (seriamente) se o verde ainda pode ser cor da moda.

Naves de Sousa



Antes: escapada de Sousa a Brilp



DESPORTO

Nacional de basquetebol

Tudo às escuras na 1.ª divisão

Já o dissemos nestas colunas: perante a frequência com que «acontece» a falta de luz em determinados recintos, por «casualidade» quando as equipas da casa já não têm hipóteses de vencer, é imperioso que a Federação (no caso de Basquetebol) aprove em Congresso uma legislação para, de uma vez por todas, pôr termo a situações do género que já aconteceram em Queluz e nos Olivais (de Coimbra) e, generalizando, também em Almada (andebol) e em Oliveira de Azémeis (hóquei em patins).

Estes são alguns casos conhecidos de corte na energia eléctrica em que (por «sistema») são as equipas visitantes as prejudicadas. Mas, se não se introduzir nos respectivos regulamentos uma legislação para

«matar» à nascença os casos referidos, qualquer dia só as equipas visitadas têm «direito» à vitória. Se as coisas não correrem de feição, basta encostar uma chave de fendas no sistema de electrificação dos recintos e zas; a luz desaparece, o pavilhão fica às escuras, o jogo é suspenso (mesmo que a equipa visitante, no caso do basquetebol, esteja a vencer por 21 pontos a seis minutos do fim) e será repetido, como o foi, no exemplo concreto do Olivais-Barreirense Jo. «Nacional» da 1.ª divisão.

A Federação da «bola ao cesto», que apressadamente se decidiu pela repetição do jogo (que o Olivais venceria por 84-82, transformando-se de anteriormente vencido em vencedor) meteu o pé na argola e (só depois) resolveu não homologar

o resultado de repetição até conclusão do inquérito que continua a decorrer. Falta o parecer da EDP e dos Serviços Energéticos de Coimbra para a completa conclusão do inquérito. Entretanto, o campeonato continua suspenso, o Barreirense levanta a sua voz porque tinha praticamente vencido o jogo e a vitória pode fazer-lhe falta no futuro, com vista à fase final dos quatro primeiros e, por tabela, o Benfica é relegado para a 7.ª posição (entre os seis últimos) enquanto o Olivais, tirando partido directo da mencionada falta de energia e depois da repetição do jogo será (em princípio) integrado na série dos seis primeiros, mais o FC Porto, Barreirense, Queluz, Sangalhos e Ovarense.

Entretanto, o início da 2.ª fase foi suspenso (estava inicialmente marcado para o último

fim-de-semana) não se sabendo, por agora, quando principiará a «poule» para os grupos A e B, que corresponde à série dos primeiros e à dos últimos. Fomos nós, quem, nestas colunas, alertámos para a solicitação da Polícia Judiciária (enquanto não for introduzida uma legislação própria) para investigar estes casos de «avarias» na instalação eléctrica dos recintos, quando (sistematicamente) as equipas da casa estão em notória desvantagem. E pelo decurso dos acontecimentos (neste caso do jogo Olivais-Barreirense) parece que outra solução não haverá para se chegar à verdade. Mas o parecer autorizado da EDP de Coimbra poderá, eventualmente, pôr os pontos nos «ii». Aguardemos.

António Abel



Correu-se a bom correr na ligação Brandoa-Amadora

Carlos Lopes: magnífico em Albufeira

Carlos Lopes venceu o Circuito Internacional de Albufeira, percorrido numa distância de 7000 metros naquela vila algarvia. O atleta do Sporting cobriu o percurso em 19 minutos, 20,8 segundos. Nas 2.ª e 3.ª posições classificaram-se João Campos (Benfica), 19.41,7 e João Andrade Campos (F. C. do Porto), 19.50,0. A prova feminina, na distância de 4000 metros, foi ganha por Fernanda Ribeiro (F. C. do Porto) com 12.53,0, seguida de Conceição Ferreira (Braga, 13.03,7) e Felicidade Sena (Benfica) 13.16,0. Em juvenis masculinos, também com percurso de 4000 metros, saiu vencedor Rui Viegas (do Amador de Lagos) no tempo de 11.48,3.

Prémio do Cacém

Fernando Fernandes (Santo Eloy) venceu a prova de seniores do prémio de Ano Novo do Cacém, num percurso de 11 500 metros, que percorreu em 33 minutos e 59,05 segundos. Em 2.º lugar ficou José Ribeiro (Galamares) com 34.46,02 e em 3.º António Agostinho (Estrela Vermelha) com 34.51,09. Participaram mais de mil atletas na prova, ganha em juniores por Pedro Rocha (Mira Sintra), em juvenis por José Sobral (Bicesse), em senhoras por Silvana Pereira (Primeiro de Maio do Cacém) e em veteranos por Vladimir Raposo (Interlines). Antes do grande prémio disputou-se uma corrida de 1500 metros para iniciados e infantis: em iniciados, Jorge de Jesus (Benfica) e Florbela Dias (Bicesse) foram

os vencedores, enquanto nos infantis triunfaram Nelson Santos (Monte Real) e Elisabete Manaia (Mucifalense).

As provas foram organizadas pela Junta de Freguesia de Aqualva — Cacém, com a colaboração dos clubes e comércio e indústria locais.

Cacia

O Grande Prémio de Atletismo de Cacia disputou-se nesta vila do distrito de Aveiro com participação de 25 equipas de vários pontos do País. Venceu o Clube de Futebol de Santa Clara (Coimbra) que obteve 18 pontos. Mário Silva (Beira-Mar, Aveiro) foi o triunfador individual, com 19 pontos. A prova disputou-se num percurso de 6400 metros e foi organizada pela Associação Promotora de Cultura e Recreio de Cacia.

Coimbra

Os campeonatos distritais de estrada de atletismo organizados pela Delegação em Coimbra do INATEL disputaram-se entre esta cidade e Tentugal. Os vencedores individuais foram José Ramos (14 500 metros veteranos B), Manuel Gomes (14 500 metros veteranos A), José Simões (14 500 metros masculinos) e Maria João Dias (5 000 metros senhoras). Por equipas foram vencedoras as do Reveles do Campo (veteranos, 7 pontos), Sobral de Ceira (masculinos, 6 pontos) e CPT da Arregaça (senhoras, 9 pontos).

Nacional de andebol

“Suspense” no Norte

O empate no jogo Académica de Coimbra-Salgueiros e a não realização da partida Sp. Espinho-Académica de S. Mamede (por motivo da intromissão da água da chuva no recinto dos «Tigres», que ficou impraticável) fizeram adiar a partida da 4.ª classificada norte para a fase final da prova, em que estão envolvidas a turma estudantil, a salgueirista e a de S. Mamede. Mas, atendendo a que na última jornada da prova (sábado próximo) o Salgueiros defronta o Espinho (que continua sem vencer) e a Académica de Coimbra enfrenta o FC do Porto (líder) as perspectivas são para que os conimbricenses não acalentem aspirações de qualificação.

Por outro lado, o S. Mamede desde que triunfe ante o Espinho garantirá desde logo a qualificação, o que equivale por dizer que o «velho» Salgueiros desfrutará de possibilidades muito frágeis para conseguir o somatório de pontos suficiente de qualificação para a fase final.

Disputados os jogos da 13.ª jornada (penúltima da fase de apuramento) estão encontrados os seguintes finalistas: FC do Porto, Sanjoanense, Desportivo de Portugal (Zona Norte), Benfica, Belenenses, Sporting e Caramão (Zona Sul). Resta, apurar o 4.º norteño que, tudo leva a crer, será a Académica de S. Mamede ou (ainda com algumas hipóteses) o Salgueiros.

A jornada deste fim-de-semana confirmou a liderança do FC do Porto ao Norte, a invencibilidade do Benfica (só com um embate cedido) ao Sul, o emperdigamento do Caramão, ontem apenas batido por um gol (ante o Belenenses) e a insegurança do Sporting que bateu apenas por três tentos o Vitória de Setúbal, em Alvalade.

Resultados na Zona Norte: Académica de Coimbra-Salgueiros, 25-25; Sanjoanense-FC do Porto, 17-24; Desportivo de Portugal-Académico do Porto, 27-23, Sp. Espinho-Académica de S. Mamede (adiado). Zona Sul: Sporting-V. Setúbal, 25-22; Beelenenses-Caramão, 25-24; Almada-Caselas, 28-27 e Benfica-Passos Manuel, 39-19. Pontuação Zona Norte: 1.º FC do Porto, 13 jogos e 34 pontos; 2.º Sanjoanense, 13-30; 3.º Desportivo de Portugal, 13-29; 4.º Académica de S. Mamede, 13-22; 5.º Salgueiros, 13-22; 6.º Académica de Coimbra, 13-22; 7.º Académico do Porto, 13-18 e 8.º Sp. Espinho, 12-12. Zona Sul: 1.º Benfica, 13-35; 2.º Belenenses, 13-32; 3.º Sporting, 13-30; 4.º Caramão, 13-28; 5.º V. Setúbal, 13-19; 6.º Almada, 13-18; 7.º Caselas, 13-17 e 8.º Passos Manuel, 13-14.

Alfredo Basílio: a loucura de ser árbitro

A equipa de arbitragem do jogo Elvas-União de Coimbra (2.ª divisão, zona centro), realizado ontem, foi atacada por um grupo de dez pessoas, entre Borba e Estremoz, quando regressava a Lisboa, disse o árbitro do encontro.

A equipa, pertencente à Comissão de Árbitros de Lisboa, era chefiada pelo juiz Alfredo Basílio (que relatou os acontecimentos vividos em plena estrada) e pelos fiscais de linha Abel Ferreira e Jorge Antunes.

Segundo diz Alfredo Basílio, o encontro Elvas-União de Coimbra decorreu normalmente até ao 25.º minuto da 2.ª parte, altura em que a equipa visitante obteve o gol da vitória, energeticamente contestado pelos adeptos dos donos da casa, alegando que o marcador ajeitara a bola com a mão antes de a introduzir na baliza do Elvas. O coro de protestos, a par do arremesso para o retângulo de o jogo de Pedras e Latas de Refrigerantes, obrigaram o árbitro a interromper a partida por um período de cerca de dez minutos.

Mais tarde a equipa de arbitragem começou por enfrentar dificuldades ao abandonar as instalações do Estádio Municipal de Elvas e só a intervenção da PSP local impediu que o táxi em que os três árbitros viajavam fosse deitado fora por uma dezena de veículos com adeptos impetuosos do clube derrotado.

Com o intuito de confundir eventuais «vingadores», a PSP conduziu o táxi dos árbitros lisboetas por estradas secundárias e apenas deixou de o escortar a razoável distância de Elvas.

Mas os perseguidores não abandonaram com facilidade a sua presa: vários quilómetros andados, já entre Borba e Estremoz, o táxi foi enquadrado por vários veículos ligeiros e um deles barrou-lhe a passagem, forçando-o a parar.

De imediato saíram das viaturas vários indivíduos, armados (segundo o relato de Alfredo Basílio), de mocas, correntes e batracas, a exigirem aos gritos que os árbitros abandonassem o carro e exteriorizando particular

sanha em relação ao fiscal de linha do lado em que se desenrolava a jogada do contestado gol.

Encerrada juntamente com o motorista no interior do táxi, portas trancadas e a angústia de um invadi-ermo (tratava-se de um local íntimo) valeu a contestada equipa de arbitragem o aparecimento de um veículo, estranho aos acontecimentos que se desenrolavam, cujo condutor, ao deparar com a estrada bloqueada, solicitou insistentemente que lhe fosse dada passagem.

Os adeptos do Elvas decidiram civicamente reabrir a estrada ao tráfego e foi então que, aproveitando a oportunidade, o condutor do táxi logrou pôr-se em fuga, não sem que antes lhe estilhaçassem o vidro do seu lado e o da retaguarda, além de muitas outras «carícias» em várias zonas da carroçaria.

Apesar do êxito da manobra, os árbitros apenas se consideraram em segurança quando deram entrada no posto da GNR de Estremoz, onde relataram a sua odisséia e apresentaram queixa.

Futebol

Continuação da pág. 13

Série E: Almada - Benfica Águias, 4-0; Montijo - Atlético, 1-0; Casa Pia - Tires, 2-0; Cacém - Vialonga, 3-0; Lusitânia - Sintrense, 1-0; Olivais - S. Mamede, 1-2; Oriental - Bucelense, 1-1 e Santa Clara - Campomaiorense, 3-2. Líder: Montijo, 20 pontos.

Série F: Paio Pires - Estrela de Vendas Novas, 0-3; Comércio e Indústria - Canavieiros, 3-2; Alvoarense - Moitense, 4-1; Torralta - Quimigal, 5-1; Vasco da Gama - Quarteirense, 1-1; Beja - Campinense, 0-1; Juventude - Lusitano de Vila Real, 1-0 e Trafaria - Seixal, 1-0. Líderes: Torralta (menos um jogo) e Campinense, 21 pontos.

Juniões

Jogou-se para o torneio de juniores. Marcas e nomes na **Zona Norte:** Série A: Famalicão - Ponte de Barca, 3-0; Espinense - Chaves, 0-0; V. Guimarães - Varzim, 2-3; Braga - Merelense, 3-0 e Cachão - Rio Ave, 2-3. Série B: Leixões - Tirsense, 3-1; U. Lamas - Cortegaça, 1-2; FC Porto - Boavista, 1-1; Sanjoanense - Beira-Mar, 1-2 e Salgueiros - Régua, 4-1.

Zona Centro: Série C: Repeses - Estação, 2-1; Fornos Algodres - Águeda, 1-8; Académico - U. Coimbra, 1-3; Jardim

Alva - Tondela, 0-2 e Anadia - Gouveia, 5-0. Série D: Almeirim - Alter, 2-0; U. Leiria - U. Tomar, 1-0; Nazarenos - Alcobaça, 1-1; Benfica C. Branco - Naval, 0-2; Peniche - Marinhense, 0-3.

Zona Sul: Série E: Atlético - Oriental, 0-0; Vilafranquense - Sporting, 0-2; C. Penedade - Almada, 3-1; Belenenses - Benfica, 0-2 e Campomaiorense - Olivais e Moscasville, 2-0. Série F: Sambranzense - V. Setúbal, 0-0; Juventude - Quimigal, 0-3; Olhanense - Farense, 2-0; Barreirense - Moura, 7-0 e Amora - Torralta, 1-3.

Taça

O Praense (dos Açores) defrontará no próximo domingo o Santacruzense (da Madeira) para a Taça de Portugal depois de ter vencido o Barreiro (na Ilha Terceira) por 6-0. O Praense será assim o representante de AAngra do Heroísmo que vai disputar com o Santacruzense o acesso à 2.ª eliminatória da «Taça». O vencedor deste encontro, a realizar no próximo dia 15, nos Açores, é depois o adversário do Centro Paroquial de Fátima (clube distrital de Leiria) Quem ficar apurado deste encontro joga a seguir com o Olhanense. O vencedor desta partida será (por seu turno) o o adversário do Elvas, jogo de que finalmente sairá o opositor do Vizela nos oitavos de final da «Taça».

Espanha: Maradona regressa para golear

O Atlético de Bilbao, ao vencer (1-0 em Cadiz) e beneficiando da derrota (4-1) que o Bétis infligiu ao Real Madrid, isolou-se no comando do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão. Outro facto saliente da 18.ª jornada foi o reaparecimento de Maradona na equipa do Barcelona, após 106 dias de ausência devido à grave lesão no pé esquerdo, provocada pelo bilbaíno Goicoechea. O argentino, que reapareceu em forma, marcou dois gols três golos com que o «Barça» venceu o Sevilha por 3-1.

Outros resultados: Malaga - Valladolid, 3-1; Valencia - Gijón, 0-3; Real Sociedad - Murcia, 0-0; Saragoça - Maiorca, 1-1; Salamanca - Osasuna, 3-1; At. Madrid - Espanhol, 1-0.

Classificação: 1.º At. Bilbao, 26 pontos; 2.º Real Madrid, 25; 3.º Barcelona, 23; 4.ºs Malaga, Bétis, Saragoça e At. Madrid, 21; 8.º Espanhol, 19; 9.º Murcia e Gijón, 18; 11.º Sevilha e Valencia, 17; 13.º Real Sociedad, 16; 14.º Osasuna, 15; 15.º Salamanca, 14; 16.º Valladolid, 13; 17.º Cadiz, 10; 18.º Maiorca, 9.

Itália

A Juventus, ao vencer o Génova (por 4-2) proclamou-se «campeão de inverno» do escalão maior do futebol italiano, que concluiu a 1.ª volta. A 14.ª jornada do campeonato italiano ficou assinada com a derrota (0-1) sofrida pelo Roma em Verona, o que distanciou os actuais campeões três pontos da Juventus. Outros resultados: Nápoles-Torino, 0-0; Catania-Inter, 0-0; Milão-Udinese, 3-3; Sampdoria-Ascoli, 1-2; Fiorentina-Avellino, 1-0; e Lazio-Pisa, 0-1. Classificação: Juventus, 22 pontos; Torino, 20; Roma, 19; Verona e Fiorentina, 18; Sampdoria, Udinese, Milão, Inter e Ascoli, 16; Nápoles e Pisa, 12; Génova, 11; Avellino, 10; Lazio, 9; e Catania, 8.

Taça de Inglaterra

O Manchester United, 2.º classificado no campeonato inglês da 1.ª divisão, foi eliminado da «Taça de Inglaterra» ao perder, 0-2, com o Bournemouth, do escalão secundário, na 3.ª eliminatória. O Liverpool eliminou o Newcastle (da 2.ª divisão) ao vencer por 4-0. Ou-

tros desfechos: Aston Villa-Norwich, 1-1; Blackburn Rovers-Chelsea, 1-0; Blackpool-Manchester City, 2-1; Bolton Wanderers-Sunderland, 0-3; Brighton Albion-Swansea City, 2-0; Burnley-Oxford United, 0-0; Cambridge United-Derby County, 0-3; Cardiff City-Ipswich Town, 0-3; Carlisle United-Swindon Town, 1-1; Colchester United-Charlton Athletic, 0-1; Coventry City-Wolverhampton Wanderers, 1-1; Crystal Palace-Leicester City, 1-0; Darlington-Maidstone United, 4-1; Fulham-Tottenham Hotspur, 0-0; Gillingham-Brentford, 5-3; Huddersfield Town-Queens Park, 2-1; Leeds United-Scunthorpe United, 1-1; Luton Town-Watford, 2-2; Middlesbrough-Arsenal, 3-2; Nottingham Forest-Southampton, 1-2; Plymouth Argyle-Newport County, 2-2; Portsmouth-Grimsby Town, 2-1; Rochdale-Telford United, 1-4; Rotherham United-West B. Albion, 0-0; Sheffield United-Birmingham City, 1-1; Sheffield Wednesday-Barnsley, 1-0; Shrewsbury Town-Oldham Athletic, 3-0; Stoke City-Everton, 0-2 e West Ham United-Wigan Athletic, 1-0.

Rio de Janeiro é a "cidade mais perigosa da América Latina"

por Jacques Kaufmann
(France-Press)

Centenas de milhar de turistas que se preparam, à medida que o Carnaval se aproxima, para passar as suas férias no Rio de Janeiro descobrirão uma cidade onde o índice de criminalidade aumentou 40 por cento num ano.

Em Agosto último, o Rio de Janeiro, que roubou a Bogotá o pouco cobiçado título de capital mais perigosa da América Latina, bateu o seu próprio recorde de delinquência: uma média de 55 ataques à mão armada e de 8 assassinatos por dia, segundo estatísticas dignas de fé. Em 10 meses, de Janeiro a Novembro do ano passado, a polícia militar do Rio recensou 24 305 atentados ou crimes contra pessoas e 18 061 crimes contra o património: o índice de criminalidade aumentou 40 por cento durante esse período, relativamente ao ano anterior.

São esperadas no Rio de Janeiro várias centenas de milhar de turistas até ao fim do Verão (que corresponde ao Inverno europeu) e as medidas de segurança anunciadas pelas autoridades com vista a entrar a vaga de delinquência parecem ter efeitos quase nulos. Contudo, os responsáveis do Estado do Rio tinham anunciado que os efectivos da polícia militar (30 mil homens, actualmente) iam ser reforçados e que tinha sido libertado um crédito suplementar para permitir que as forças da ordem melhorassem o seu equipamento.

Mas a insegurança continua: um jornalista da rádio alemã «ARD», Karl Bruegger, acaba de ser assassinado em plena rua, no bairro residencial de Ipanema, quando saía de um restaurante.

«Não resistam às agressões»

Esta situação preocupa as representações consulares. Muitos cidadãos estrangeiros que vão passar as suas férias ao Rio são vítimas de agressão, que continuam a poder tomar uma feição trágica.

O consulado da RFA no Rio tem à disposição dos seus cidadãos, desde há alguns meses, um folheto explicativo no qual os adverte dos riscos que correm ao passear sozinhos à noite em alguns bairros da cidade e onde lhes recomenda que nunca resistam em caso de agressão.

Na última terça-feira, o consulado de França declarou estar «preocupado» com a segurança dos franceses que se deslocam ao Rio (cerca de 30 mil todos os anos). Segundo o porta-voz daquela representação, os franceses que estão de passagem pela cidade deverão ser «muito prudentes» e, designadamente, evitar «andar com jóias e roupas ostentativas, que os transformariam em vítimas fáceis dos delinquentes».

Segundo o consulado francês, seria mesmo desejável que as companhias aéreas que servem o Brasil advertissem os seus passageiros dos riscos que os turistas estrangeiros correm e os incitassem a observar as regras elementares de prudência durante a sua estadia.

A tarefa de lutar contra a delinquência na cidade do Rio cabe, essencialmente, à polícia militar. Os seus efectivos patrulham regularmente os locais mais frequentados pelos turistas, mas estas demonstrações de força não parecem preocupar muito os delinquentes. Alguns bairros do Rio, como aquele onde estão situados os grandes hotéis da praia de Copacabana, ficam enxameados de prostitutas e de carteiristas assim que cai a noite. Mas muitos turistas não ligam aos conselhos de prudência dados pelo pessoal dos hotéis.

Assim, a crónica policial dos jornais diários alude regularmente a turistas roubados ou feridos por gatinhos jovens. Uma das últimas vítimas foi o actor Helmut Berger, que foi assaltado na noite de São Silvestre, quando se dirigia para o «revillon» organizado no «Maxims», inaugurado há algumas semanas no Rio pelo próprio Pierre Cardin.

10 a 15 mil armas apreendidas no Rio

A polícia do Rio apreende 10 a 15 mil armas não declaradas por ano e, no caso de haver resistência, muitos malfetores armados não hesitam em disparar contra as suas vítimas, antes de se porem em fuga. Na maior parte dos casos, os automóveis utilizados nas patrulhas da polícia são incapazes de os alcançar no dédalo dos bairros residenciais de Ipanema ou Copacabana.

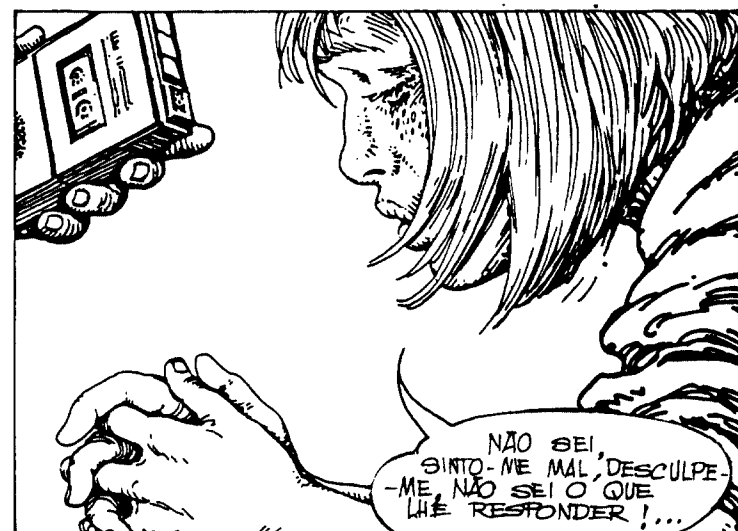
E os «cariocas», que continuam a ter sentido de humor, contam os pontos: o diário «Última Hora» titula, a toda a largura da sua primeira página: «A polícia ganha o primeiro duelo de 1984: 3 gansters abatidos», enquanto a perseguição movida pelas forças da ordem a um bando de malfetores é narrada, pormenorizadamente, nas páginas interiores, sob o título: «polícia e bandidos: 3-0».

Mas o Rio de Janeiro não é a única cidade brasileira onde existe este fenómeno: em 1983 foram abatidos 329 gatinhos no Estado de São Paulo. Durante o mesmo período, foram mortos 45 polícias e feridos 819.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

20



© AGÊNCIA DIAS DA SILVA-LISBOA

Continua

“Pesadelo orwelliano” na Grã-Bretanha

O governo britânico deseja introduzir proximamente um novo tipo de cartão de identificação para a segurança social, o que poderia ser um primeiro passo para a criação de bilhetes de identidade nacionais, anunciou ontem o semanário «The Sunday Times».

Os novos cartões terão no verso uma faixa magnética capaz de receber informações invisíveis, precisa o jornal, acrescentando que o governo não prevê actualmente a utilização dessa faixa.

Segundo o ministro da Saúde do «gabinete fantasma» trabalhista, Michael Meacher, não há «razão válida, do ponto de vista da segurança social» para alterar o modelo dos cartões.

«Isto surge nos primeiros dias de 1984. É um pesadelo orwelliano, é um escândalo», afirma Meacher.

O Conselho Nacional britânico para as liberdades civis também já se declarou contra os novos

cartões.

Entretanto o porta-voz do «Big Brother» em potência, nesse caso o Ministério da Saúde, explica que «nada de sinistro há nesta medida» e que a emissão dos novos cartões já fora anunciada no Parlamento, em 1982.

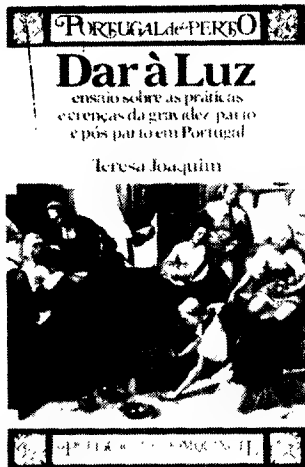
Contrariamente à maioria dos países europeus, a Grã-Bretanha não possui um sistema de bilhetes de identidade nacionais.

Dar à luz

— por Teresa Joaquim

Na «Biblioteca de Etnografia e Antropologia» que vem sendo editada por «Publicações Dom Quixote», depois de uma «História do Fado» de Pinto Carvalho (Tinop), de «Através dos Campos» de José da Silva Picão, de «Arraial: Festa de um Povo» de Pierre Sanchis, foi agora publicado «Dar à Luz» de Teresa Joaquim. Trata-se de um «ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal», obra cuja edição foi patrocinada pela Comissão da Condição Feminina.

A autora deste ensaio dá-nos os seguintes elementos biográficos: «... nasceu em 1954 na Rua da Páscoa a Campo de Ourique. De vidros era o mundo do pai, de seminários e depois de política dos irmãos, de inteligência iletrada e forte o da mãe, de cumplicidade o da irmã mais velha. Atravessou marginal colégio e liceu de meninas; soube da Polícia, da estupidez e do medo. Na Bélgica, trabalhou em restaurantes, cozinhou biológico para uma escola de crianças, experimentou a solidariedade e as tensões duma aventura inicial, entrou na filosofia universitária por Bruxelas e Lovaina. Regressada a Portugal, era-lhe estranha e aí tinha raízes. Aqui «acaba» a filosofia. Os acasos profissionais levam-



na, grávida, à literatura portuguesa da gravidez e do parto, depois à escuta das vozes rurais femininas».

O estudo agora publicado, «Dar à Luz», foi realizado no âmbito de um projecto da Comissão da Condição Feminina e foi financiado pelo Fundo das Nações Unidas para Actividades da População. Projecto concebido e coordenado pela dr.ª Bertina Sousa Gomes e superiormente dirigido pela dr.ª Joana de Barros Baptista.

Edição de «Publicações Dom Quixote», Lisboa, 1983.

Poetas e poesia popular do concelho de Viana do Alentejo

Como escreveu Luísa Bagão, na introdução do volume «Poetas e Poesia Popular do Concelho de Viana do Alentejo»: «A poesia popular é um dos aspectos mais simples e mais genuínos da cultura de um povo ou, pelo menos, das camadas sociais economicamente mais baixas e marginalizadas pelas classes dominantes ao longo dos séculos. Marginalizados por lhes serem cortados os acessos mesmo à cultura considerada básica. Assim, os poetas populares, na sua grande maioria, não sabem ler nem escrever...».

A prefaciadora do volume distingue, e muito justamente, duas categorias de «poetas populares»: os «poetas-autores» e os «dizedores». No volume reúnem-se poesias criadas ou ditas por António Bento Calhau (autor e dizedor); Francisco José Cachola (dizedor); Joaquim António Coelho Fadista (dizedor); António Banha (autor e dizedor); Feliciano Luís Barahona (autor e dizedor); Francisco da Murcha (autor); Hipólito Augusto Carvalho (autor e dizedor); João Isidro Ferreira (autor e dizedor); José Luis Pereira (autor e dizedor); Mariana Felizarda Pereira (autora e dizedora); António José Machado (dizedor); Joaquim Tomé Pires (autor e dizedor);



POETAS E POESIA POPULAR DO CONCELHO DE VIANA DO ALENTEJO



José Ramalheite (dizedor).

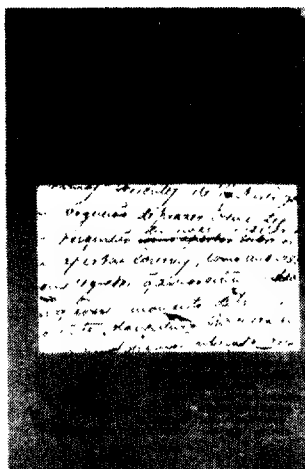
Poetas e dizedores de poesia de Aguiar (3), de Alcaçovas (7), de Viana do Alentejo (3), vão ter, nas páginas deste livrinho, uma nova difusão e vão ser lidos pelos estudiosos.

A edição é do «Departamento de Animação Cultural» da Câmara Municipal de Viana do Alentejo (1983).

Balanço da actividade literária portuguesa (ano de 1982)

Este «Balanço da Actividade Literária Portuguesa», referente ao ano de 1982, é uma publicação do Centro Português das Associações Literárias, e insere colaboração de Fernando Guimarães (poesia), Maria Lúcia Lepecki (ficção), Carlos Porto (teatro), E. M. de Melo e Castro (ensaio), Matilde Rosa Araújo (literatura infantil), João Almeida Fior (tradução) e um comentário sociológico, de Alberto Duarte Carvalho, que do balanço das publicações literárias, relativas a 1982, conclui que o movimento editorial é involutivo comparado com os valores de 1981.

Edição executada por «Publicações Dom Quixote», Lisboa, 1983.



A Revolução de 1383-1385 na RTP

DEPOIS de termos efectuado no primeiro programa uma breve análise da governação fernandina, dedicámos o segundo programa à revolução nas ruas de Lisboa, o terceiro ao contágio da revolução ao Alentejo e ao Porto, o quarto principalmente à heroica resistência lisboeta ao cerco castelhano e no quinto demos relevo à problemática das Cortes de Coimbra e à Sétima Idade de Fernão Lopes.

Principiámos o sexto programa continuando a explicar o processo da Reconquista de Portugal.

Não podíamos deixar de dar no último programa desta série algumas notas biográficas de Fernão Lopes porque quem estuda 1383-1385 não pode ignorar as crónicas de Fernão Lopes. No entanto, muito pouco se sabe sobre a vida do ilustre escritor.

Nasceu cerca de 1380, talvez em Lisboa, e casou com Mor Lourenço. Os dois estariam aparentados com os mestriais.

Foi escrivão dos livros de D. João I, de D. Duarte, e escrivão da puridade do Infante D. Fernando.

Em 1418 foi nomeado guarda-mor das escrituras da Torre do Tombo. Foi também tabelião geral. Antes de 1434 foi encarregado por D. Duarte de escrever

as crónicas dos reis de Portugal. Aposentado em 1454 vem a falecer provavelmente em 1460, mas a sua obra está bem viva e continua a ser cuidadosamente estudada por todos os amantes da cultura.

Efectivamente são muitos os historiadores que se têm dedicado ao estudo da probidade e da imparcialidade da obra de Fernão Lopes.

Acerca do prólogo da Crónica de D. João I, primeira parte, pergunta-se correntemente se o nosso cronista escreveu toda a verdade e só a verdade.

Pensamos que nenhum historiador pode ter a ousadia de garantir que conhece toda a verdade. A História é uma ciência em permanente construção. No longo processo do estudo da verdade de 1383-1385, Fernão Lopes deu uma contribuição inesgotável.

Nós que temos vindo a compilar sistematicamente Fernão Lopes com a documentação, podemos adiantar que existem muitos documentos que Fernão Lopes desconheceu ou não utilizou, outros aproveitou parcialmente, outros ainda transcreveu integralmente.

Não podemos contudo deixar de lembrar que as suas crónicas são hoje o único repositório daquela documentação que se

perdeu irremediavelmente.

Se avaliarmos o valor global das suas crónicas e esquecermos alguns pormenores e certas passagens e imprecisões, podemos afirmar que os documentos comprovam Fernão Lopes.

Na sua obra, de grande valor historiográfico e literário, existe o calor humano, a vontade individual e colectiva, a consciência de que o mundo em que se deu a revolução se transformava em benefício das classes tradicionalmente dominadas.

O singular escritor que é Fernão Lopes pinta nos seus quadros literários a complexidade da sociedade, as emoções, os sentimentos, a dor, a angústia, o sofrimento, o amor, em frases lapidárias que ficam gravadas nas profundezas das nossas almas.

Fernão Lopes é, na realidade, um grande patriota português que na sua obra participa e luta apaixonadamente com os revolucionários de 1383-1385 na defesa da independência nacional.

Terminámos a série sugerindo aos nossos realizadores de cinema que fizessem ao menos um filme de longa-metragem sobre o tema.

Foi realmente excessivamente grande o número de pessoas que nos lamentou não poder ver toda a série devido ao horário da sua emissão. Fizemos

eco das suas queixas porque tal como elas também nós esperávamos que não fossem só os estrangeiros a ficarem com o horário de maior audiência. No entanto, repetimos aqui que tanto a direcção anterior de Maria Elisa como a actual direcção apoiou sempre este programa.

Como uma das grandes lacunas da série é a falta de debate e para que a problemática teórica do tema fosse abordada e discutida, foi proposto à Televisão um programa de debate em que não só as ideias apresentadas na série bem como outras ideias pudessem ser discutidas.

Terminamos afirmando que a verdade que nós historiadores não é uma verdade absoluta. Em História os mesmos documentos podem ter mais que uma leitura. Se porventura mais documentos se descobrirem, tanto melhor, mais perto estaremos da verdade de 1383-1385.

Nós, por nossa parte, vamos continuar a estudar o tema.

PS: — O autor e apresentador desta série televisiva é o dr. Valentino Viegas, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. Irão depor neste programa os prof. Salvador Dias Arnaut, Maria Lúcia Perrone de Faro Passos, Francisco de Sales Loureiro, Humberto Baquero Moreno, Oliveira Marques, Armando Castro e Borges Coelho.

Não é ficção

Ano zero foi vivido

1. No «ano zero» nasceu uma rapariga. Podia ter nascido nas barricadas do Maio francês ou ainda antes, muito antes. Também depois. Não faz diferença. Talvez tenha atravessado várias épocas à procura da poesia e de liberdade. Cabelos soltos ao vento passou por muitos mundos e comoveu-se com as brumas de Beaudelaire, com o cinema de Murnau, com o desespero de Jim Morrison que se penteava como Alexandre, o Grande. Teria, este, mesmo conquistado a Grécia?

Ela partiu à busca da América, daquela que queimou as cadelas militares e as guias de marcha para o Vietname, que produziu manifestos utópicos e o vício de «on the road». Ela que se apaixonava com muita facilidade pelos tipos com cara de James Dean do «Rebelle sem Causa». Um deles até já «tinha desistido das regras maiores: faculdade, família, segurança... faltava só o partido».

2. Dia a dia, tece e desmancha os seus pontos de certezas: «O comunismo é a apropriação pela humanidade inteira de todas as riquezas» (Raul Waneigeim) — cita a autora do livro das suas memórias. Mas é tudo muito mais complicado do que à primeira vista parecia. Já na Brasileira do Chiado, com uma bica em frente, e na cervejaria Trindade, a brincar com as cascas dos tremoços, descobriria isso... Isso da

vida, dos amores, das camas, das rábulas. Chamavam-lhe feiticeira. Do sexo feminino, a Lua reina sobre a noite e protege os mortos. Circe transforma em porcos os companheiros de Ulisses, mas poupa o porque se enamorou dele. «Simplesmente, a minha incapacidade de tomar um corpo, de homem, para dentro de mim, até ao fim, vem doutros jogos subtils que marcaram o meu pensar.» (in memoriam) Quem é ela?

3. Sabemos que achava poesia onde a maioria achava horror. Droga, loucura, e morte. Por exemplo: «Nas putas surrealistas do Monte Carlo, nas desconhecidas do Cais do Sodré, nas bichas de salto alto, nos videntes e loucos que pisam as avenidas nas noites de nevoeiro colando cartazes, carregando potes de cola...» E que, por vezes, pernoitava numa república de anarcas em Coimbra. Havia nela também o hábito do Algarve, da Costa de Caparica, de Paris, de Amsterdão. E que em certos momentos muito especiais dava-lhe para pintar as unhas de amarelo e enfeitar, com grinaldas de hera, as tranças roxas.

Sabemos, ainda, que frequentou o Conservatório onde «fazia a maçã e de pera», exercitando-se na aprendizagem do flingir, do jogo — do teatro. Mas ela estava e não estava. O seu sonho era partir, quanto antes. A viagem.

Não se encaixava em nada e nada a satisfazia. Enquanto o País se revolucionava, em euforia, pensava: será que me dão o passaporte? Entretanto atordoados nas boites (no Barbarela, no 2001) nas «noites suadas» de Lisboa. Vésperas de independência de Angola, no Rossio, há retornados furiosos e machões atarracados que se julgam bons como o milho. E ela a imaginar que com a «era do aquário» a aproximar-se, aquilo estava tudo errado, tão desfazado, tão retro. Quem é ela?

4. Pertencia a um grupo que reivindicava a Revolução já. Com uma pressa doida. Que sabia desde a adolescência o que não queria. Uma recusa que se refina com as leituras, porque o grupo lia muito (Genet, Nietzsche, Camus, Marquês de Sade, Beaudelaire, Apollinaire e Rimbaud... e outros profetas) à medida que é pensada. Deixa de ser uma recusa à flor da pele, ao nível do simples gesto para se tornar numa maneira de estar. No frenesim de «Otelo e as espiúgas nas montanhas, comunidades, cooperativas, ocupações de terras, de casas... escolas livres e trabalho comunitário», ela e o grupo inundam os partidos e os movimentos com a sua frescura.

Depois, ah (há) depois, o desencanto. «Aí foi que a gente esbarrou com a própria autoridade que emanava dos círculos

do poder que comandavam a possível actuação.»

Casou-se, toda a gente se casa. Ela cada com um estrangeiro de cabelos loiros como o Pequeno Príncipe. Happy end, após sete anos de «recherches»? Ao lado, assim como que atirado fora, um livro — «Viagem ao fim da noite» — ameaçava ser um corte entre os dois. Ela mastigara tudo, bebera das mais misteriosas bebestiagens, enviara muitas mensagens de fumo (como os índios). Experimentara todas as ervas inventadas ou por inventar. Durante o sono provocado por tais plantas teve visões estranhas, inacreditáveis. Em sete anos fizera amor montes de vezes, mecanicamente ou com imaginação, conforme os parceiros.

Com homens e mulheres. Apaixou-se por ideias e coisas. Ela: máscara onde talvez se possam ver as rugas que nos devoram. Espelho e mito que despedaçamos e voltamos a reconstituir. Labaredas que se apegam às nossas vestes. Tu, essa rapariga do «ano zero», deixa-me procurar-te dentro de mim. Porque em algum dia, em alguma ocasião foste eu, foste alguns de nós.

5. Isto, por estranho que pareça, vem num livro chamado «ano zero». Da sua autora sabemos, apenas, que usa o pseudónimo de Maria Durante e que viveu o que escreve.

Lourdes Faria

Eça de Queirós: correspondência

Na sua «Biblioteca de Autores Portugueses», a Imprensa Nacional - Casa da Moeda publicou, em dois volumes, a Correspondência do escritor Eça de Queiroz. Da leitura, coordenação do prefácio e das notas encarregou-se Guilherme de Castilho. Não é necessário acentuar a importância desta publicação. Este acervo epistolográfico, do maior interesse para a história cultural, para a história e crítica literárias, para o conhecimento psicológico do artista que escreveu «O Crime do Padre Amaro» e de «Os Maias», é constituído por 548 cartas, escritas entre 1867/1868 e 1900, e que são endereçadas a 62 destinatários. Destas cartas cerca de uma centena são

inéditas.

A propósito da «Correspondência de Fradique Mendes», o próprio Eça de Queiroz escreveu: «Eis uma maneira de perpetuar as ideias dum homem que eu afoitamente aprovo — publicar-lhe a correspondência (...). Além disso uma correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; (...) uma obra nem sempre aumenta o pectúlio do saber humano, uma correspondência, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica.» Para Eça de Queiroz as cartas de um homem

eram «o produto quente e vibrante da sua vida».

Segundo Guilherme Castilho: «O fino humor, a elegância, a originalidade, a fantasia estilista de Eça de Queiroz são as tónicas que, sob o posto de vista formal, mais valorizam esta extensa e variada correspondência». André Crable Rocha escreveu em «A Epistolografia em Portugal»: «Nenhum outro escritor português dá, como Eça, a quem lhe lê as cartas, a impressão de estar a ler um romance». Este conjunto de cartas impõe-se pelo seu intrínseco valor literário, pela soma de dados biográficos que contém, pelas referências culturais que fornece. Além dos destinatários familiares, há car-

tas dirigidas ao Conde de Arnoso, Eugénio de Castro, Camilo, Antero, Conde de Ficalho, Manuel da Silva Gaio, Jaime de Magalhães Lima, Luís de Magalhães, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teixeira de Queirós, Jaime Batalha Reis.

Estas 548 cartas, como bem escreveu, no prefácio do 1.º volume, Guilherme Castilho «constituem, no plano pessoal, a mais completa e pormenorizada imagem psicológica e moral do homem e do escritor que foi Eça de Queiroz.»

Edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Dois grossos volumes de 640 páginas (1.º) e 630 páginas (2.º). Lisboa, 1983.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

“O Tal Canal” provou que se pode rir na RTP sem ser por cócegas

«DOMINGO Desportivo» aparece com roupa nova e nova dinâmica. Mais visual, mais mexido, mais programa. Pelo menos é a primeira sensação que se colhe, como aliás acontece quando se vence uma inércia, uma rotina. Alteração valiosa: a atenção dada, em directo, a várias disciplinas além do futebol. Em todo o caso, talvez não fosse mau que Orlando Dias Agudo falasse um pouco menos. Ou que pensasse sempre pelo menos um segundo antes de falar. Tem isso a vantagem de evitar que se pense um segundo depois. Quanto a Artur Agostinho, não é grave que se esqueça das comas. Que diabo, um homem também não se pode lembrar de tudo.

● No Telejornal continua a grave situação da organização sindical do PSD. Unanimidade: ninguém se entende. Resultado: o PSD é um «partido democrático». Por que razão certa gente associa sempre a palavra democracia à ideia de bagunça?...

● Interessante a maneira como a voz feminina em off apregoava a

notícia: os trabalhadores do PSD «não tinham conseguido elaborar uma lista de consumo». Deveria querer dizer **consenso** e saiu aquilo. Ou seria mesmo para consumo... da casa?

● Imagens da Nicarágua. O governo democrático da Nicarágua distribui armas aos camponeses. Uma sugestão: por que não lhe seguem o exemplo outros países de ao pé e de mais longe?

● Estreia de uma série, americana, pois claro, «É incrível» de sua graça. As coisas realmente «impossíveis» que acontecem, acompanhadas daquele molho humorístico tão fino, tão inteligente, tão tipicamente americano.

O culto do sensacionalismo lançado numa operação de grande audiência. Atenção telespectador português: se não te pões a pau, qualquer dia acordas americano... de alma, que é a pior forma de ser americano.

● Dos Estados Unidos vem por vezes alguma coisa boa. Pelo menos se concluirmos do primeiro episódio. Será óptimo, porém, não embandeirar em arco.

Refiro-me à série **Jessica No-**

vak, ontem estreada. Jessica é jornalista de TV. Assistimos ao alinhamento do telejornal lá do sítio: primeiro o naufrágio de um petroleiro, a seguir uma conferência de imprensa oficial, depois um incêndio. Em quarto lugar, a história de uma família destruída, a mulher abandonada, o marido que fugiu com os dois filhos, destrambelhado, meio louco, de cabeça perdida.

Pensei, por momentos, que se ia cair em mais uma história lambidinha da vaca em que tudo acaba a rir. Da **Galáctica** ao «Devil Connection», todos acabam a rir. Americanos são os maluquinhos do sorriso postiço.

Não, senhor. Jessica dá um golpe de rins quando descobre que a destruição daquela família resultará do «lay off» de que o homem fora vítima. O homem nem sequer era um revolucionário: queria trabalhar e queria que lhe pagassem. Tão pouco e tanto! Desesperado porque perde o pão e a consideração social. «Ainda há meses — conclui Jessica — esta família era uma família feliz: acreditava no sonho americano...»

Para nós, portugueses, esta história assume um especial significado. Os trabalhadores portugueses também já estão na alçada do lay off, para pagar uma crise que não provocaram...

Não me recordo bem se as legendas falavam do «lay off». Se não, foi pena. Não é que eu goste de expressões estrangeiras, mas esta já entrou no território do nosso medo. E da nossa luta.

● A **Festa Continua**, quer dizer, continua este milagre de uma emissão em directo durante mais de três horas, sem uma quebra de ritmo, imaginativo, com alguns dos melhores momentos de toda a televisão portuguesa: aquela exibição de o «O Que Som

Tem», o Carlos do Carmo, o Mário Viegas, aquele apontamento de Ana Rola e Henrique Viana, o das polícias que ajudam o ladrão a fugir, etc., etc. Talvez evitável a ressurreição do «Então sos»... não vejo nada a fazer quanto ao palco do **Teatro Aberto**.

● Ainda bem que esta festa continua, porque outras, infelizmente, acabam.

Acabou o **Tal Canal**. Foram doze semanas que vão ficar na história do humor na TV. E não só, porque, com ele, Herman José se consagrou como actor cómico que desafia os velhos monstros da comédia portuguesa.

A sua grandeza está em que se transcende, em que se transfere para as personagens que cria. As pessoas não dizem «vou ver o Herman José», dizem «vou ver o Esteves, ou o Tony Silva, ou o Cozinho pró povo, ou o Nelito».

Tive, em tempos, receio de que Herman José se deixasse afogar pelo Tony Silva. Receava em vão. Ele tem dado provas de uma rara lucidez, de uma grande atenção para com o seu engenho e para com os seus limites. E também — o que seria mais difícil — para com a sua popularidade.

A análise do último episódio merece lugar à parte. Teremos, inclusive, de apelar para Freud, para os mecanismos da catarse, da expulsão dos demónios, o exorcismo...

Pena foi que o denúncia do escárnio da publicidade (quem diz «Alma minha», diz desporto, por exemplo...) tivesse perdido fôlego nos versos derradeiros do soneto. É, mesmo assim, uma peça de antologia.

Sem o «Tal Canal» a audiência portuguesa fica mais pobre. Mais triste. Boa sorte ao programa que se segue.

Hoje



A RTP-1 apresenta esta noite o espectáculo de Maya Plisetskaya em Lisboa. Uma das maiores bailarinas mundiais. Poderemos assistir a momentos da sua actuação no Coliseu, dançando «Carmen», «Morte da Rosa» e «Morte do Cisne»

Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV

18.00 Sumário

18.10 Janela Mágica

19.00 Tele-regiões

19.30 A Revolução de 1383/1385 (último programa)

20.00 Telejornal

20.30 Telenovela «Pai Herói»

21.20 Espectáculo «Maya Plisetskaya em Lisboa» Documentário que foca a vinda a Lisboa de uma das maiores bailarinas mundiais, Maya Plisetskaya. Assim como aspectos da sua personalidade e opiniões várias de nomes de personalidades portuguesas ligadas ao bailado. Assistiremos a momentos da sua actuação no Coliseu dançando «Carmen», «Morte da Rosa» e «Morte do Cisne».

22.20 Parlamento

22.45 Últimas Notícias



Na rubrica Cine-Clube da RTP-2, poderemos ver o filme «A Filmmagem de Othello»



19.32 Desenhos Animados «Mighty Man and Yukk»

20.00 D'Hoje pr'amanhã «Origens da vida»

20.25 Cine Clube «A Filmmagem de Othello»

21.50 Telenovela «Gabriela»

22.30 Último Jornal

Amanhã



12.00 Meio Dia; 13.00 Jornal da tarde; Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV; 18.00 Sumário; 18.10 Janela mágica; 19.00 Tele-regiões; 19.30 Bem dizer, bem escrever; 20.00 Telejornal; 20.30 «Pai herói»; 21.30 Das Nove às cinco; 21.55 1.ª Página; 22.50 Últimas notícias.

19.30 Desenhos animados; 20.00 Um toque de música; 20.30 Os Açores e o Património; 21.00 A Família Bellamy; 21.55 «Gabriela»; 22.30 Último jornal.

DR. ANTÓNIO JOSÉ ALVES GIL

MISSA DE 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que amanhã dia 10 pelas 19 horas, na Igreja Paroquial de São Domingos de Benfica será rezada missa pela sua alma agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto e bem assim a todos os que o acompanharam à sua última morada.

AGÊNCIA MEGA
TELEF. 863432

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

Proc.º n.º 154/79-C
5.º Juízo — 1.ª Secção

ANÚNCIO

O DOUTOR ÁLVARO DE AKEVEDO SOARES, Martimiano Juiz de 5.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

FAÇO SABER que nos termos dos artigos 88.º e 89.º do Código do Processo do Trabalho e na Acção emergente do Contrato Individual de Trabalho, com processo sumário, pendente na 1.ª Secção do 5.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa movida pela autora MARIANA DAS DORES TORRES SILVA RODRIGUES, residente na Rua Cidade de Bolama, n.º 11 — Habitação da Fortuna, Oliveira-Sul, 1800 LISBOA, contra os réus MANUEL BRANCO FERREIRA LIMA, cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-7.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; MANUEL NUNES SIMÕES, cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-6.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; JOAQUIM ANTÓNIO TORREJONCILLO DE LEMOS, cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-5.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; ARNALDO JOSÉ BRANCO ROMÃO cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-5.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; MARCOS RUI BARROSO ALMEIDA cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-4.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; JOAQUIM HUMBERTO BOTELHO CARRAL cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-3.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; MANUEL ANTÓNIO BARRETO CALDAS COSTA cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-3.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa; HENRIQUE CORREIA MENENDES CO cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-1.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa, e ORLANDO PATRICKY cuja última residência foi na Rua Cidade de Bolama, n.º 11-1.º-est., Oliveira-Sul, em Lisboa, e actualmente com residências incertas, são estas réus notificadas de que foi designado o dia 24 de Janeiro de 1984, pelas 19 horas, para a audiência de julgamento, devendo comparecer pessoalmente e acompanhar-se de advogado ou mandatário judicial com poderes especiais para transigir e desistir, ainda, fazer-se acompanhar das suas testemunhas no acto da audiência.

Para constar, se passou e presente anúncio para publicação.

Lisboa, dezasseis de Novembro de mil novecentos e oitenta e três

O JUIZ DE DIREITO,
Ass. Reg.º
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Ass. Reg.º

«DL» — 9/1/84 — 1.ª publicação

ENSINE

O SEU FILHO

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRA A P/ PAGAMENTO. •
dos 10 às 12h. e dos 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 173 1.º cinema IMPERIO
VICTOR - telef. 53 82 20

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

EXTERNATOS

SÉNECA SEBASTIÃO DA GAMA

CICLO PREPARATÓRIO - GERAL - UNIFICADO
COMPLEMENTAR - 11.º E 12.º ANOS

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º - Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º - Telef. 82 27 76
1100 LISBOA



ENCONTROS SOBRE A PALESTINA E O LÍBANO

CIDAC

10 e 12 de Janeiro de 1984

COMPREENDER A SITUAÇÃO NO PRÓXIMO ORIENTE

ENCONTRO SOBRE O LÍBANO — Nelly Jazra

10 de Janeiro, terça-feira, das 18 às 20 horas

ENCONTRO SOBRE A PALESTINA — Hussein

Abdel-Khaliq

12 de Janeiro, quinta-feira, das 18 às 20 horas

Local: Centro de Formação do CIDAC

Rua Pinheiro Chagas, 77-3.º-E — LISBOA

Entrada livre. Lotação limitada.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Maya
Plisetskaya
(21.20)



A filmagem de Othello
(20.25)



Nuno fica desesperado ao ver que vai ter mesmo de entregar a sua loja a Garcia. Cirilo diz a Romão que não teve coragem de contar a Rafael a implicação de Nuno no caso de André, pois seu pai ficou muito abalado por causa da questão dos terrenos. Cirilo decide mudar-se para São Paulo. César vai a casa de Nuno e este diz para não o procurar mais. Carina lê a notícia do julgamento de André no jornal e fica sem saber o que fazer. Waldria diz a Guatavo que vendeu os seus terrenos em Paço Alegre para poderem comprar um apartamento para eles. Romão visita André na prisão e pede perdão por não ter podido fazer por ele o que deveria ter feito.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



roteiro cultural

Música

No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian realiza-se hoje, às 18 e 30, um concerto de violoncelo e piano pelos artistas Carlos Prieto, mexicano, e Angelo Soler, espanhol, que interpretarão obras de J. S. Bach (Sonata em ré maior), Kodaly (sonata op. 8 para violoncelo solo), Chostakovich (sonata op. 40) e Tchaikowski (Pezzo Capriccioso, op. 62).

O Nestor dos musicólogos e críticos de música alemães, professor H. H. Stuckenschmidt, proferirá uma conferência, em língua francesa, amanhã pelas 18 horas, no Instituto Alemão de Lisboa, Campo Mártires da Pátria, 37. O orador falará sobre Paul Hindemith e a sua posição na nova música e na cultura do nosso tempo. Neste contexto abordará, entre outros, os seus contactos, recentemente descobertos, com Jean Cocteau.

O prof. Stuckenschmidt vem a Lisboa para orientar o Seminário de Crítica Musical, que se realiza de 8 a 13 do corrente no Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova, organizado por esse Departamento em colaboração com o Instituto Alemão, o Deutscher Musikrat, e a Fundação Gulbenkian. A entrada é livre.

Conferências

Na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), os médicos Manuel Pinto e Ana Maia propõem um colóquio a



Maria Amélia Matta e Catarina Avelar num ensaio de «A Sobrinha do Marquês», peça de Garrett com estreia marcada para 6.ª feira, no Teatro Nacional

partir de aspectos da história da medicina que constituíram avanços ou recuos do progresso médico influenciados pela cultura e linguagem de cada época.

O colóquio, com entrada livre, realiza-se das 18.30 às 20 horas, na sala José Leite de Vasconcelos, no dia 10.

Teatro

«A Castro», de António Ferreira, que a Comuna pre-

parou sob encomenda da XVII Exposição, completou no passado sábado um ano de representações sempre esgotadas, constituindo o maior êxito do grupo em 12 anos consecutivos de actividade. A partir desta semana é apresentada de 3.ª a sábado, às 21.30, só aé finais de Janeiro, dando assim oportunidade de o espectáculo ser visto em Lisboa por mais algum tempo, sendo depois apresentado para o público de Coimbra, Évora e Tomar. «A Castro tem drama-

turgia de Abel Neves e João Mota, encenação de João Pais Mamede, direcção e construção de instrumentos de José Pedro Caiado, figurinos de Carlos Paulo e interpretação de Amélia Videira, Abel Neves, Cármen Marques, Carlos Paulo, João Mota, José Pedro Gomes, Jorge Costa, Jorge Loureiro, Lúcia Franco, Luzia Paramés, Marques Arede e Paulo Ferreira.

O Teatro Nacional D. Maria II vai estreiar na próxima

sexta-feira a peça de Almeida Garrett «A Sobrinha do Marquês», numa encenação de Fernanda Alves, com cenários e figurinos de Nuno Carinhas, música de Pedro Caldeira Cabral, coreografia de Paula Massano e Versão livre de José Peixoto. No elenco: Rui de Carvalho, Varella Silva, Curado Ribeiro, Catarina Avelar, Paula Mora, Maria Amélia Matta, Virgílio Castelo, António Anjos, Manuel Coelho, Lúcia Maria, Carlos Pimental, Vítor Ribeiro e Luís Bandeira.

Exposições

Mário Silva assinalou os seus 25 anos de pintura com a inauguração, sábado passado, em Coimbra, no Edifício Chiado, da exposição «performance» «Inês de Castro». Na mesma oportunidade, foi editada uma publicação especial, com duas litografias do autor e com poemas inéditos de António Rebordão Navarro, António Ramos Rosa, António Salvador, Artur Lucena, Carlos Nejar, Curado e Melo, Joaquim Pessoa, Luís Veiga Leitão, Miguel Barbosa, Moita Macedo, Natália Correia e Santos Viegas. Em Fevereiro e Maio deste ano, a referida exposição deverá também estar patente no Porto e em Lisboa.

Nuno Barreto expõe em Braga «Outra Pintura», designação atribuída pelo artista a um conjunto de 16 telas em exposição até ao próximo dia 14, no Museu da Casa Noqueira da Silva.

Chico expõe «cartoons» na Nova Opinião, o reaberto espaço lisboeta de livreria, discoteca, galeria e bar.

Vizela e Eça

Continuação da pág. 3

citado semanário de Guimarães, a criação do concelho de Vizela terá sido apoiada, nesse afastado ano de 1914, por alguns vereadores da câmara, visto ter constado na altura que alguns deles «deram a sua assinatura à comissão de Vizela para a formação dum novo concelho à custa da integridade do concelho de Guimarães». Perante esse «horrendo crime», que resolveu os participantes na reunião da Assembleia Comercial? «Que se abra um inquérito para apurar o que de verdade haja sobre a propalação de tal boato acerca de tão melindroso assunto.» Assim mesmo!

Se a história se repetisse, como dizia Eça de Queiroz, seria de rezear que, um dia destes, a edilidade vimaranense resolvesse instaurar um inquérito aos autarcas da APU, sob a acusação de apoio indesmentido à causa de Vizela.

Não, a história não se repete, o que não quer dizer que não devam aproveitar as suas lições para a actualização concreta no presente e para a construção do futuro.

No caso de Vizela, o que a história efectivamente revela é que o sentimento de autonomia dos povos do vale do Vizela se tem mantido indefectível, há muitas gerações, e que só os interesses narcisantes de Guimarães têm obstado à concretização das suas justas aspirações. Mas Vizela há-de ser concelho! Que ninguém duvide!

* Professor da Escola Secundária Dr. Carolina Michados, no Porto, mas natural de Vizela

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de Invenção N.º 59 926, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES ANTIBIÓTICAS À BASE DE TILOSINA E COLISTINA OU DE ERITROMICINA E COLISTINA, COM ACTIVIDADE ANTIMICROBIANA NOS ANIMAIS».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.ª-esq.º
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de Invenção N.º 70 721 para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE UM PRODUTO DA REACÇÃO DE ÁCIDO NICOTINICO OU DE UM DERIVADO DE ÁCIDO NICOTINICO E UM COMPOSTO DE POLI-HIDRÓXI, PARA UTILIZAÇÃO COMO COSMÉTICO».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.ª-esq.º
1000 LISBOA

rádio

Antena Um

16.00 Batida de limão, 17.00: ZGHIBZ, 18.30 Informativo de trânsito, 19.00 Informação e música, 20.00 Fohetim - o espaço e seu, 21.00 Toda a gente e pessoa, 21.30 Viva a noite, 23.30 Último jornal Noticiários internacionais às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.40: Música portuguesa, 16.40: Música, 17.00 Rosa rosae, 17.30 Modinhas portuguesas e brasileiras dos séculos XVIII e XIX, 18.05: Cultorando, 19.30 Terra viva, planeta azul, 20.10: Música sinfónica, 21.00 Ciclo Wagner, 22.00 Os caminhos do homem, 23.00: Retrospectiva/83, 00.00: Intercâmbio musical, 00.45: Tonadas, de Joaquim Nin-Culmell, 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00 Matinée, 17.00: Rápido das cinco, 19.00: Musical, 20.00: Conta corrente, 20.30 Quando o telefone toca (3 edições), 22.00: Portugal e a CEE, 22.15 Programas religiosos, 22.30: Tempo de desporto, 23.00 24ª hora, 01.00: O passageiro da noite Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00 O vapor, 16.00: O som da frente, 18.00: Círculo em FM, 19.00: Em órbita, 20.00 Cinco estrelas, 21.00: Jazzofone, 22.00: Café concerto, 00.00: Dois pontos Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa, 18.00: Jornal das regiões, 18.30 Transmissão do terço, 19.30 Horizonte, 20.30: Programa da LAR, 21.00 Ouvir e pensar, 22.00 Hora de música, 23.00: Diário 23, 23.40: Bola branca (3ª edição), 23.55: Meditando Noticiários a todas as horas

Desdobramento em FM Estéreo

22.00 Universidade na Rádio, 22.57: Boa noite, 23.00: A cor do som, 01.00: As superestrelas do FM

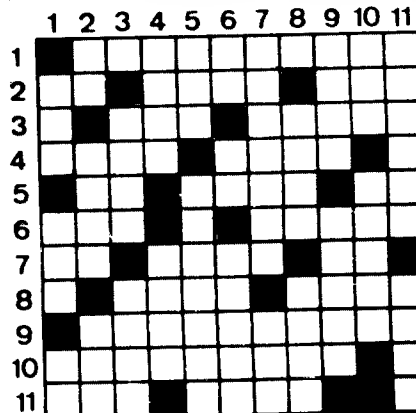
Rede Sul de FM

21.00 Paju, 21.30 Pentagrama

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 929



HORIZONTAIS:

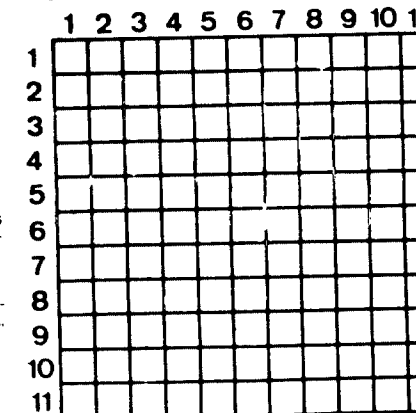
- Remexeras
- Reis Cidade da Argélia Ole
- O sustento. Redjam
- Divindade Moeda de Dio
- Nota musical. Rezar Utensílio doméstico
- Cidade da Ucrânia Domestiquem
- Ósmio (s q) Transige Carta de jogar
- Mana Gostar muito de
- Aprova Anel
- Seguraras
- Coragem Lavrar Artigo definido.

VERTICAIS:

- Magoa (inv.) Bondosa Antes de Crislo.
- Monarca. Aves pernaltas. Patrão
- Desgastar por rçoção Erguer.
- Vais pelo ar com grande velocidade Acreditar.
- Rogo. Vila e sede de concelho (Beja).
- Lantânio (s.q.). Clima. Pôr data em.
- Desejo. Arara.
- Metal precioso de cor amarela Bnsa
- Caminho. Sugos o leite materno.
- Ice Ponderar.
- Dançam o samba Ave semelhante a pomba

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9781



HORIZONTAIS:

- Rio de Portugal Professor.
- Poisar no mar (o avião). Regras (inv.)
- Cidade do Japão Basta. Armaria
- Saia! Autores
- Reza! Sorve.
- Lavras. Dou marradas.
- Camareiras. Esteiro.
- Espera resposta. Fechar as asas para descer mais depressa. Plural
- Momento. O sustento
- Concordo. Domestica.
- Ilha fluvial do Brasil, entre o Atlântico e os nos Amazonas e Pará. no estado do Pará. Rã (pop.)

VERTICAIS:

- Involável. Concedam.
- Gosta muito. Batráquio. Montão.
- Oferecer. Arara Prefixo que designa ar.
- Agora. Vais para fora Em a.
- Vá para fora.
- Alegoria (pl.). Apellido. Compaixão.
- Arão. Curso de água natural e abundante
- Abreviatura de Santíssimo. Mãe de Ismael. Rum.
- Irmã da mãe. Apellido. Igual.
- Raera. Raspa.
- Nome académico de Boccage. Cave

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 928

HORIZONTAIS:

- CAO QUE
- Ou Bau Armo
- LADRA Rol.
- Mauri Cravo
- Altas Ro Es
- Pedais
- Mare Ada Só
- Ore Atrá
- Rema Atacar
- Da Cas Vi
- Estalar NAO

VERTICAIS:

- Comma MORDE
- Mama. Maia
- Lutarem
- Bara Ata
- Cadis
- Ur Pataca
- Acreditat
- Rega Amór
- Erra Ac
- Móveis Ava
- Colosso Rio

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9780

HORIZONTAIS:

- Apara. MMCCC
- Mama. Maia
- Era Aos Lar
- At Trar VA
- Rimar NAO
- Role Alisa
- Dai
- Os Massa Má
- Rega Amor
- Tiara Anota
- Es Os As

VERTICAIS:

- Amear Sorte.
- Partir Seis
- Ama Mós Ga
- Ra Tal Mar
- Arreda As
- Boa Asa
- Sinais Ao
- Mm Rol Aans
- Cal Tia Mo
- Clavas Mota
- Cara Aparas

Provérbio: Cao que ladra não morde

Diário de Lisboa

esta a venda

na Praça Marquês de Pombal

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	92\$90	98\$90
ALEMANHA FED (marco)	47\$40	48\$50
AÚSTRIA (xelim)	6\$65	6\$85
BÉLGICA (franco)	2\$162	2\$362
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$110
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	106\$55	108\$55
(notas de 5 a 1000)	107\$05	109\$05
DINAMARCA (coroa)	13\$10	13\$50
ESPANHA (peseta)	\$794	\$914
EUA (dólar -notas de 1 as 2)	133\$40	135\$40
(notas de 5 a 1000)	133\$90	135\$90
FINLÂNDIA (marca)	22\$40	23\$00
FRANÇA (franco)	15\$55	16\$25
HOLANDA (florim)	42\$25	43\$25
INGLATERRA (libra)	188\$05	192\$05
IRLÂNDIA (libra)	147\$80	151\$80
ITALIA (lira)	\$071	\$081
JAPÃO (iene)	\$545	\$580
NORUEGA (coroa)	16\$90	17\$40
SUECIA (coroa)	16\$30	16\$90
SUÍÇA (franco)	59\$50	60\$60
VENEZUELA (bolivar)	8\$00	9\$00

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS
4.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30, 23.45
N. a. m. 13 anos
007 AGENTE IRRESISTÍVEL
com Roger Moore

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CALÍGULA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
FLASHDANCE
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
LES CHARLOTS CONTRA DRÁCULA

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
MALANDRICES CASEIRAS

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
O MISTÉRIO DA ADOLESCENTE VIOLADA

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AMBER

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 - Para Todos
KRULL
Às 24
OS ANJOS DO INFERNO

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
FLASHDANCE

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
c/ Richard Gere e Debra Winger
Realização de Taylor Hackford

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AMBER

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
28.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
76.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
KRULL
2.ª Semana

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - Int. men. 13 a.
O VALE PERDIDO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
A FEBRE LOUCA DOS ANOS 80
Às 24
UM LANCE NO ESCURO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
CLASS

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.
O HOMEM LEÃO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS SUPERCAMPEÕES DO KARATE



«CRIMES A SANGUE FRIO» (FILME DE QUALIDADE)
com GERARD DEPARDIEU, BERNARD BLIER e JEAN CARMET
em exibição no QUARTETO

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTRA PRÓPRIA
4.ª Semana

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 18 a.
OS VIAJANTES DA NOITE
Às 23.30 - M. 18 a.
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 - M. 18 a.
O EXORCISTA II (O HEREGE)

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CLIENTE MORTO NÃO PAGA CONTA
Às 23.30 - M. 18 a.
UM ASSASSINO NO TELHADO

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
CRIMES A SANGUE FRIO
Às 23.30 - M. 18 a.
A ÚLTIMA MULHER

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12
OPERAÇÃO THOR
Às 24
O MONSTRO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTRA PRÓPRIA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CHAMAVAM-LHE GÊNIO

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
4.ª Semana

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TÊNACULO
11.ª Semana

SALA 3

Às 14.45, 18.15 e 21.15
- M. 6 a.
OS SAPATOS VERMELHOS
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TURIM 706666

Estrada de Benfica, 723-A

Às 14, 17.15 e 21.15
- M. 12 a.
A ESCOLHA DE SOFIA
Às 24.00
CHAMAM-ME DÓLARES

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Conreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
AS JÓIAS DA GRÁ-DUQUESA

XENON 388480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21
- N. ac. men. 18 a.
PACTO INFERNAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 - «Os Supergénios», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
APOLLO 70 - «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE - «Por Favor Não Matem o Dentista», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA - «Violações Sexuais», sessões permanentes (18 anos)
CAPITOLIO - «As Mil e Uma Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINESTÚDIO ACS - «O Mistério de Overval», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI - «Os 101 Dalmatas» 21.30 (6 anos)
LONDRES - «Classe» 21.30 (16 anos)
TERMINAL - «Krull» 21.30 (6 anos)
RESTELO - «Oficial e Cavaleiro» 21.30 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Lua sem mel», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Guerra aberta», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Lido - «O Grito da Vitória», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Cineestúdio - «O Ano de Todos os Perigos», às 21.30 (12 anos)
ERICERIA - Cineestúdio - «Bel-Ami», às 21.15 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Academia - «Gabriela», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Cine-Estúdio - «O Rei da Comédia», às 21.30 (Todos)
COSTA DE CAPARICA - Sílencio - «Os Comandos da Força Z», às 21.45 (13 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelandia - «MacQuade, o Lobo Solitário», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL - Casino - «Flashdance», às 21.15 (6 anos)
CASCAIS - Oxford - «Corpo e Alma», às 21.30 (18 anos)

Porto

FOCO - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - «O regresso de Jedi» às 21.30 (6 anos)
BATALHA - «Espões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM - «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A - «Um Drama Burguês», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L - «O Golpe dos Enrascados», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Os 101 Dalmatas», às 21.45 (6 anos)
COLISEU - «O Monge de Shaolin» às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)
TERÇO - «Rolling Stones», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «Os Salteadores da Cúbra de Ouro», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «A Força do Destino», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
VALE FORMOSO - «Os Aventureiros do Fim do Mundo» às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE-EST. UNIDOS: Rio Janeiro - Av. Rio Janeiro 4C (Tel. 881409); **AREIRO-APEADEIRO**: Ideal - Av. Alm. Gago Coutinho 49 A (Tel. 892802); **BAIRRO ALTO**: Gonçalves - Rua Rosa 176-178 (Tel. 362687); **BAIXA**: Cortez - Rua São Nicolau, 93 (Tel. 325378); **BNEFICA**: União - Est. Benfica 592-594 (Tel. 700092); **CAMPO D'OURIQUE**: Elma - Rua D. Maria Pia 358 A (Tel. 666176); **INTENDENTE**: Intendente - Lg. Intendente Pina Manique 50-51 (Tel. 547838); **LUMIAR**: Douro - Al. Linhas Torres 93 AB (Tel. 791131); **MARQUES FRONTEIRA**: Ronil - Rua Rodrigo da Fonseca 153 (Tel. 683438); **PAMPULHA-JANELAS VERDES**: Nazaré Pinto - Rua Presidente Arraiga 39 (Tel. 667460); **SALDANHA**: Dálva - Av. Duque d'Ávila 125 (Tel. 545225); **SANTO AMARO-CALVÁRIO**: Liberdade - Rua Leão de Oliveira 2-B (Tel. 637020); **ALGÉS**: Almeida Nho - Av. Comb. Grande Guerra 64 (Tel. 2112070); **BRANDAO-COLINA SOL**: Amadora: Vidal Reis - Q.º Correia-Célula G-Li 35 Urb. Fornos (Tel. 996540); **ODIVELAS**: Central de Odivelas - Alm. Infante D. Henrique 1 (Tel. 911203).

teatros

Lisboa

MARIA MATOS - «Annie», às 21.00 (6 anos)
VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
ABC - «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

ALAMEDA-CHILE: Lua - Av. Almirante Reis 199 A (Tel. 42169); **AREIRO-P**: Londres: João XXI - Av. João XXI 16A (Tel. 886482); **BOA-HORA**: Sapo - C. Boa-Hora 94-A (Tel. 631958); **CASTELO**: Silva - Calçada Santo André 16 (Tel. 862074); **CHAFARIZ DENTRO**: Cruz de Malta - Lg. Chafariz Dentro 36 (Tel. 866126); **ESTRELA**: Gama - C. Estrela 130 (Tel. 660339); **FEIRA POPULAR**: Santa Maria - Av. 5 de Outubro 283 A (Tel. 763016); **LUZ-2**: Circular: da Luz - Est. Luz 124-A (Tel.); **PICHELEIRA**: Mariz - C. Picheleira 140 BC - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **RATO**: Cunha - Rua Escola Politécnica 18 (Tel. 325455); **XABREGAS**: MADRE DE DEUS - Condição - C. D. Gastão 30-32 (Tel. 381279); **BURACA**: Vaz Martins - Rua António Ferro 6A (Tel. 970680); **OLIVAL BASTO**: Nova - Rua Agóres 11A (Tel. 910305); **PONTINHA**: Pontinha - Est. St. Elói 4 Lt SE (Tel. 990220); **PRIOR VELHO**: Matos - Tv. Prioras (Tel. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Central, R. de Oliveira, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Até às 22 horas; **LARANJEIRO**: Baptista Marques, Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO**: Soares, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **AMORA**: Nova Amorense, E. N. 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL**: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007). Permanente; **MONTIJO**: Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOTA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2519939).

239029); **ALMOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa (T. 234137); **SETUBAL**: S. Romemho, P. Machado Santos, 24. Permanente; **MIRA**: R. Frei António Chagas. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 937543). Permanente; **SOLTA**: loja D, lote 65. Até às 22 horas; **DAMALIA**: Damalia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ**: Serra & Pinto, Av. D. António E. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM**: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS**: Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Amêijo. Até às 22 horas; **COLARES**: Abreja (T. 9290088) **SÃO PEDRO DE SINTRA**: Valentim (T. 980456) Permanente.

MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **ALCABIDECE**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Frimino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS**: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Frimino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS**: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839).

farmácias

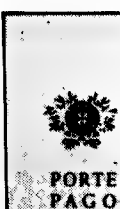
MALVEIRA DA SERRA: Luz. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Oeiras, R. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE**: Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL**: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOIEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA**: Madeira. Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Lopes, R. Hanagar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170-2801419). Permanente.

Porto

9 AS 12 E DAS 14 AS 22 HORAS
ALBOS & FILHOS: P. de Carlos Alberto, 31; **FALCÃO**: R. de Santo Ildefonso, 61; **BOTELHO**: R. da Alegria, 83; **QUELJA FERREIRA**: R. Vasques de Mesquita, 32, às Antas; **CAMPO ALEGRE**: R. do Campo Alegre, 723.

DE DIA E TODA A NOITE

MAGALHÃES: R. de Serralves, 566; **BARREIROS**: R. de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL**: R. de Costa Cabral, 1832; **SOEIRO**: R. de Santos Pousada, 71; **BIRRA**: P. da Liberdade, 125



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASÇENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porto: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.45 3,6 m
19.05 3,4 m 12.29 1,6 m
Dia 10
7.26 3,5 m 0.42 1,7 m
19.25 3,3 m 13.18 1,7 m

**TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS**

V. CASTELO	7°
BRAGANÇA	2°
V. REAL	3°
PORTO	6°
COIMBRA	6°
C. CAMBRO	10°
PORTALEGRE	3°
LISBOA	7°
ÉVORA	7°
BEJA	6°
FARO	12°
SAGRES	-
P. DELGADA	12°
FUNCHAL	15°

últimas

ASSALTANTES DE OURIVARIA PRESOS em Matosinhos pela PSP na sequência das diligências que vinha efectuando deste o dia 15 de Dezembro quando se deu o assalto ao estabelecimento de Fernando da Silva Viana, naquela vila. Os autores do furto entraram pelo telhado da ourivesaria e apoderaram-se apanhas de relógios: cerca de 70. A captura de António Manuel Dinis Remelgado, de 21 anos e de José Carlos Soares Nunes Gaiteiro, de 18 anos, deveu-se a denúncia de um popular admirado com o preço irrisório porque andavam a vender os relógios.

A **COMISSÃO REGIONAL DO PS/MADEIRA** manifestou hoje no Funchal «preocupação pelo agravamento da situação financeira da região com a consequente falta de compromissos do Governo Regional que atormenta empresários e trabalhadores». Reunida pela primeira vez após a realização do quarto congresso regional do Partido Socialista, a comissão regional contragolou-se com a adesão de novos militantes e manifestou a sua «solidariedade a todos tornando num apoio para que se empenhem num justificado esforço no sentido de concretizar a esperança de mudança que a população madeirense cada vez mais anseia».

O **EMBAIXADOR DE CABO VERDE** em Lisboa, Corsino Fortes inicia hoje no Funchal uma visita oficial de três à Madeira. Corsino Fortes manterá contactos com as principais entidades regionais durante a sua estadia na região, e abordará a possibilidade de intensificação das relações e da cooperação entre a Madeira e Cabo Verde. O embaixador cabo-verdiano, que é acompanhado pelo adido cultural da representação diplomática de Cabo Verde em Lisboa, visita a Madeira pela primeira vez, sendo hoje homenageado no Funchal com um jantar oferecido pelo governo de João Jardim.

Importação de automóveis: maior contingente em CKD para a Fiat

Com um valor de 2 071 980 contos, a Fiat a marca que dispõe de um maior valor, na contigência de importação de veículos automóveis de peso bruto inferior ou igual a 2000 kg em CKD, seguindo-se a Renault com 1 648 320 e a Peugeot com 1 415 870.

Para as restantes marcas é a seguinte a contigência: BLMC, 1 404 230 contos; Citroën, 1 298 420; Toyota, 1 254 220; Ford, 1 168 080; Datsun, 1 010 130; General Motors, 1 010 030; Talbot, 483 640; Volkswagen, 443 250; BMW, 281 130; Mazda, 165 160; Honda, 149 190; Mercedes, 122 200; Subaru, 89 740; Alfa Romeo, 43 270; Audi, 34 830; Daihatsu, 17 820.

Moçambique

A difícil tarefa de reconstrução nacional

Apesar das dificuldades do dia-a-dia, centenas de cooperantes estrangeiros continuam a trabalhar no Moçambique socialista. Mas os técnicos que têm contrato, bem pagos pelas sociedades ou pelos governos estrangeiros e sem grandes motivações ideológicas, tendem a substituir os cooperantes voluntários «progressistas» que foram para o país depois da FRELIMO ter acedido ao Poder, por ocasião da independência, em 1975.

Seja como for, todos estes cooperantes têm uma função essencial, porque Moçambique continua a ter uma grande falta de mão-de-obra qualificada, sobretudo por causa da fuga maciça dos colonos portugueses na altura da independência. Os militantes barbudos, com ar descontraído, da primeira vaga, que foram vistos noutras paragens: na Argélia, no Chile ou em Portugal, regressam pouco a pouco «a casa».

Além do mais, como não tem divisas, o governo moçambicano tem cada vez mais dificuldades em ser ele próprio a pagar a esses voluntários. Por exemplo: um jornalista escandinavo recebe 800 dólares por mês (o equivalente a mais de cem contos), podendo 45 por cento desta quantia ser transferida para uma conta no estrangeiro. Assim, já só há cinco «militantes» italianos, contra 115 cooperantes pagos pela Itália. Também se contam, incluindo todas as categorias, 300 cooperantes holandeses, 250 suecos (os dois principais países que concedem ajuda), 80 britânicos, etc...

Os soviéticos seriam cerca de 300. Cooperantes europeus intergradados consideram que a degradação das condições de vida é penosa: Dificuldades de abastecimento, cortes de água e de electricidade, bichas de fronte dos restaurantes e cinemas, falta de transportes públicos e problemas de segurança fora das cidades, por causa dos possíveis ataques dos rebeldes anticomunistas.

Assim, o visitante proceden-

te do estrangeiro que leve alguns chouriços na bagagem será sempre recebido de braços abertos.

Contudo, sublinha um britânico, os cooperantes continuam a ser relativamente privilegiados. «A vida do expatriado médio está anos-luz acima da do cidadão moçambicano», indica.

Desde que haja divisas, encontram-se «lojas francas» (estabelecimentos do Estado) bem abastecidas. Para os diplomatas, particularmente, o ritmo semanal consiste em ir fazer compras à Swazilândia vizinha (a 50 km), para voltar com o carro atafalhado. No que diz respeito aos produtos frescos, quase impossíveis de encontrar, algumas pessoas recorrem ao mercado negro, que no entanto é duramente reprimido pelas autoridades. Uma testemunha conta que viu um diplomata a correr dentro de água, na praia, com um dólar na mão, para comprar um peixe a um pescador.

Motivações políticas e desprezo pelo «apartheid»

Não obstante, põe-se uma questão: porque é que, coisa que acontece muitas vezes, se renova o contrato num país onde o conforto não é a norma, onde as actividades culturais são limitadas e onde a escolaridade é desajeitada?

Os motivos são vários. Em primeiro lugar, muitos cidadãos escandinavos, britânicos, canadianos, holandeses e de outros países continuam a estar motivados politicamente. Eurocomunistas, «maos», ortodoxos, feministas ou «terceiro-mundistas», têm como denominador comum uma hostilidade em relação à África do Sul, por causa do seu regime de «apartheid» (segregação racial), das suas incursões periódicas em Moçambique e da sua ajuda aos rebeldes do Movimento Nacional de Resistência (MNR).

Assim, põem acima de tudo a integridade e a seriedade dos dirigentes e a ausência de ra-

cismo em Moçambique. Além disso, entre os professores, médicos, técnicos, agrónomos, jornalistas, quadros administrativos, etc., são citados muitas vezes o sentimento de utilidade e o interesse pelo trabalho.

Mas não há só altruísmo nessas motivações: alguns dos cooperantes fogem do desemprego na Europa, para encontrar trabalho nos trópicos. Em Maputo, a cidade é bonita, a praia está próxima e nas relações com as pessoas não existe agressividade. Por último, a atracção financeira também não é de desprezar: uma quantia situada entre 30 e 100 por cento dos salários pode ser depositada numa conta no estrangeiro.

E, depois, afastados dos seus colegas ocidentais, há ainda os cooperantes dos países de Leste: búlgaros, romenos, alemães orientais, soviéticos, chineses, etc.

Estes últimos podem ser encontrados, designadamente, nos hotéis da província. Técnicos da RDA que estão a reconstruir a linha de caminho-de-ferro que segue em direcção às jazidas de carvão de Muhi regressam à noite à cidade da Beira, ao Hotel Dom Carlos, obra-prima de «kitsch» medieval em decrepitude. Suportam, sem pragrejar muito, a penúria alimentar e a falta de água.

No hotel, há sempre conselheiros militares soviéticos de licença. Um dos 70 médicos soviéticos admite por seu turno que só deseja uma coisa: regressar a Moscovo quando terminar um contrato de dois anos ou, pelo menos, ser colocado em Maputo.

Que dizer então dos riscos de trabalho na mata? Em Agosto, dois geólogos foram mortos e outros 24 raptados pelo MNR. Desde há dois anos, portugueses, franceses, italianos, espanhóis e búlgaros, designadamente, estiveram reféns dos rebeldes durante várias semanas.

Jean-Michel Stoullig, AFP/«DL»

Carteirista com azar

PORTO — Momentos após surripiar um porta-moedas pelo fumigerado processo do esticão, o tipógrafo Ernesto Manuel Piniheiro, de 20 anos, da Rua de Santana, 47-1º, foi capturado, depois de perseguido por um agente de autoridade que acudiu aos gritos de «agarrar que é ladrão».

O roubo verificou-se ao princi-

pio da tarde de anteontem, na Rua de Sá da Bandeira e a vítima foi Maria Arminda Machado, moradora na Rua de Tomás Gonzaga. O porta-moedas continha uma pequena importância em dinheiro e objectos de uso pessoal da senhora visada.

Depois de arrancar o porta-moedas das mãos da senhora, o meliante fugiu em direcção à Rua de Santa Catarina, onde tentou

confundir-se com outras pessoas. Na fuga, porém, procurou desfazer-se do porta-moedas, atirando-o para debaixo de um automóvel, gesto que não passou despercebido ao guarda perseguidor.

O carteirista ficou detido nas prisões privativas da PSP, de onde sairá esta tarde para os juízos de instrução criminal.

Guiné-Bissau

Acentua-se o défice da balança comercial

O défice da balança comercial da Guiné-Bissau acentuou-se em 1983, declarou em Bissau Pedro Godinho Gomes, governador do Banco Nacional, numa mesa-redonda sobre o programa de estabilização económica.

As dificuldades económicas da Guiné-Bissau levaram, recorda-se, a uma desvalorização de 50 por cento da sua moeda, o «peso», e à adopção de um programa de estabilização económica e financeira.

Segundo Pedro Godinho Gomes, as exportações, num valor de 8,5 milhões de dólares em 1983, diminuíram 30 por cento em relação ao ano anterior, e as importações elevaram-se a 53 milhões de dólares, acusando um aumento «considerável».

O governador do Banco Nacional disse que as dívidas à Guiné-Bissau baixaram e que os empréstimos têm sofrido uma redução devido essencialmente ao não pagamento, pelo go-

verno, dos empréstimos contrai-

dos no exterior». Relativamente à política monetária do país, Godinho Gomes anunciou a elaboração de um programa de crédito agrícola, e um projecto de regulamentação dos câmbios.

Indicou também que o Banco Nacional da Guiné-Bissau concedeu créditos num montante total de 80 milhões de pesos (2 milhões de dólares) ao sector privado durante o exercício 1982-1983.

O secretário de Estado do Plano e da Cooperação, Batetemeu Simões Pereira, por seu turno afirmou que o plano quadrienal de desenvolvimento da Guiné-Bissau obteve 60 por cento de financiamento para a sua execução. O financiamento do resto dependerá, precisou, do resultado de uma mesa-redonda com os movimentadores de fundos internacionais, este ano em Genebra.

Ambulância do «115» colidiu e capotou

PORTO — Quando procedia ao transporte de um sinistrado para o hospital de Santo António, uma ambulância do «115», conduzida pelo motorista da PSP Jerónimo Barbosa Patrício, colidiu no cruzamento da Rua de Fernandes Tomás com a Rua de D. João IV, com um automóvel que subia estas últimas artérias, capotando de seguida.

Não se registaram feridos e mesmo o indivíduo sinistrado nada mais sofreu, para além da fratura que havia contraído noutra acidente de que foi vítima,

por volta das 20 horas, na rua de

Barros Lima. Ao que apuramos, o automóvel que subia a rua de D. João IV, conduzido pelo delegado de propaganda médica José António Moutinho Barbosa, tinha o sinal verde aberto e, por isso, avançou à vontade. Por sua vez, a ambulância apresentou-se pela via que tinha o vermelho, embora com o alarme ligado.

Ambos os condutores tentaram evitar a colisão travando os respectivos veículos, mas em vão.

Infantário da Sé alvo dos vândalos

PORTO — Já não tem conta as vezes que o Infantário da Sé, situado a escassa centena de metros do comando da PSP do Porto, foi alvo de roubos e actos de vandalismo. Destinado às crianças de famílias pobres do bairro da Sé, o referido infantário foi mais uma vez assaltado durante a noite de sábado último, ficando

bem patente a sanha destruidora dos meliantes.

Sem grandes valores para roubar, o infantário sofre, apesar disso, danos avultados, quer devido aos arrombamentos que são levados a cabo, quer pelas acções de claro vandalismo que são cometidas por quem lá vai.

گیتھویشال

PARTIDAS TODOS OS SABADOS

8 DIAS **TÂNGER**

8 DIAS **AGADIR**

TÂNGER E CASABLANCA 8 DIAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

PEÇA PROGRAMA DETALHADO

LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341

LISBOA Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609

ALMADA Rua de Oliveira, 9 C Tel. 2756272

PORTO-BRAGA-COIMBRA-FARO-PORTIMÃO-FUNCHAL

Alvará 15 - OPIADOR ILUSTRADO

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais



Perspectivas de degelo
entre Leste e Oeste?

Pág. 6



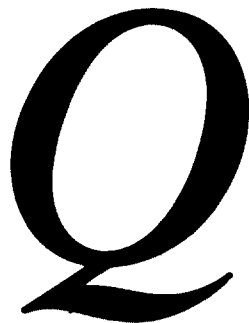
Rogério Ribeiro: um pintor
com compromisso

Págs. 4/5

"Basta fazer uma auto-análise honesta, mesmo breve, para verificarmos que, no nosso vestuário, o que serve realmente para cobrir não supera os cinquenta por cento do conjunto"

A cada vez mais difícil originalidade

Umberto Eco



Queríamos aceitar quer não, a imagem exterior — a primeira que damos a um mundo onde os rostos cada vez mais parecem desconhecidos, embora indistintamente familiares — é fundamental. Essa imagem, de algum modo, remete-nos, para diferentes significados sociais que não têm a ver, exclusivamente com o vestuário mas com todo o conjunto de gestos, de «linguagem», de formas de estar, de comportar os indivíduos, quanto mais não seja pelo facto de corresponderem ou não ao que deles se pretende.

«O visual»

Travar conhecimento com o outro é, muitas vezes condicionado pela imagem que dele se recebe mediante um conjunto de significações apreendidas. O modo de vestir, de falar, de olhar, de se comportar, tudo são elementos susceptíveis de provocar a comunicação e de determinar futuras relações.

Independentemente do grupo social a que se pertence, existem todavia proximidades de gosto generalizáveis a todo o corpo social e que marcam a distinção relativa de cada grupo. Nos mais diversos meios sociais encontramos uma preocupação comum do que se poderia entender por «bom gosto», pelo «asseio», pelo «porte distinto». Se é um facto que nem todos os grupos sociais têm acesso (apesar da ilusão massificadora) aos mesmos produtos e aos mesmos tipos de consumo não deixa todavia também de ser verdade que os padrões de ética acima referidos, distinguem num mesmo grupo os indivíduos tanto como os diferentes grupos.

Tempo e espaço

A imagem de cada indivíduo tem diferentes significados consoante o momento histórico a

que nos referimos e o espaço em que nos situamos. Numa actualidade feita de rapidez e de contínuas modificações em que as «indústrias do visual» progredem e lançam artificialmente novas modas e novos produtos a consumir, também rapidamente — por vezes em menos de uma década — revestem-se de significados opostos os modos de vestir, de se comportar. O caso dos cabelos compridos, das longas barbas, das mini-saias, do fumar, são alguns exemplos do que em momentos quase sobrepostos é considerado contestação e integração, do que para determinados grupos é inovador e para outros não passa de continuidades. É bem dos nossos dias a terminologia dos revivalismos, dos decadentismos, que por vezes não passam de um retomar de atitudes, de princípios que apenas há alguns anos atrás foram banalizados ou abandonados. Torna-se cada vez mais difícil a originalidade numa sociedade que constantemente a ela apela.

A desvalorização da vulgaridade

Ser original, eia a melhor fórmula para se fazer reparado, para se distinguir na multidão anónima, sem que no entanto verdadeiramente se torne conhecido. Se há actualmente ideia desvalorizada é a de vulgaridade. Ela parece ter o significado de incapacidade de distinção e isto num momento em que o apelo à imagem se intensifica à medida que a quantidade das produções acaba por sufocar as possibilidades de inovação. Também no vestir o ser vulgar significa não ser capaz de se diferenciar, o que distingue negativamente, isto é lança o indivíduo na massa indiferenciada o que se atribui de alguma maneira a uma «falta de personalidade». No entanto, o que acontece é que mesmo os modelos mais originais são rotuláveis em grupos mais amplos reconhecidos socialmente. Constroem-se assim, modelos ideais, estereótipos que nos permitem a partir da «massa» observar as diferentes realidades dum vestir menos directamente ligado a ordenações sociais mas a menos relações com as distinções grupais que as «indústrias do visual» não só reconhecem como estimulam. Apresenta-

mos, de seguida, alguns dos casos mais facilmente reconhecíveis no nosso quotidiano.

— O tradicional — O vestuário, mais ou menos clássico, apresenta-se de variadas formas de acordo com a idade e o estrato social. É a grande massa dos indivíduos que dificilmente se diferenciam. Vão buscar à moda só aquilo que se adapta à sua forma normal de vestir sem

— pensamos — uma certa forma de conformismo.

— O «inconformista» — Quando tudo parece estar errado, numa sociedade com cujas regras e leis se não está de acordo mas pelas quais se é constantemente constringido e levado a actuar, o vestuário é um instrumento comumente utilizado como forma de contestação ao «estabelecido». No en-

Ana Fernandes, Luís Baptista

grandes modificações. Duma maneira geral poder-se-à dizer que não procuram deliberadamente transmitir uma mensagem através do vestuário. Em relação às mulheres, sem atender ao estrato social e idade, podemos dizer que a saia mantém determinadas características quer na cor, quer nas cores que são discretas, senão mesmo esbeltas e indefinidas, quer ainda nos sapatos que nunca passam de moda. Poderíamos dizer que há apenas adaptações aos modelos correntes. O cabelo ganha compostura e apesar de por vezes muito jovem, a mulher apresenta já o ar «pesado» da mãe e da avó: unhas arranjadas e pintadas... Vestir de acordo com as boas maneiras são assim princípios de aplicação geral extensíveis também aos homens. Nestes, a calça de ganga é uma aquisição da «norma» e já não fica mal vesti-la em qualquer ocasião. Elemento de contestada juventude dos anos 60 pode hoje ser entendida como símbolo dum «inconformismo conformado», já que toda a gente veste «jeans», tornando-se mesmo distintas socialmente quando vincadas e combinadas com sapatos pretos engraxados, «blazer» e gravata...

Sabemos que o tradicional não veste da mesma forma nos diferentes estratos sociais e nas diferentes idades, mas apresenta, em comum, características isoláveis cujo significado remete para uma concepção conformista da vida. O que não quer dizer que sempre que o indivíduo se veste duma forma tradicional seja, por isso, conformista, e vice-versa. Mas a tendência é para adoptar o modelo estabelecido e isso traduz

tanto, este comportamento não está absolutamente generalizado manifestando-se com mais intensidade em certos «espaços de liberdade» que pelas suas características possibilitam uma maior abertura ao desenvolvimento de tendências contestatárias. É o caso de actividades ligadas ao «Mundo artístico e cultural», mesmo quando inseridas em instituições, as quais não deixam de garantir a reprodução do que é intuitivo como cultural. Dentro delas os indivíduos sofrem constringimentos que gradualmente conduzem a comportamentos, neste caso, formas de vestir similares e conformes com a instituição. O «inconformista» traduz na forma de vestir um certo desacordo com as normas sociais. Tem assim necessidade de quebrar com elas contrariando os «modos habituais», sem passar despercebido, querendo, com tal, mostrar a sua divergência quer pelo tamanho do cabelo, o jaquetão «surrado», ou a «scharpe» à volta do pescoço, o sacó de cabedal, a saia rodada e comprida. Não será este «inconformismo» uma forma de exibicionismo?

«O desportista» — Não sendo característica dum grupo social específico, este modo de vestir é especialmente prestigioso num momento em que nas nossas sociedades predomina a ideia de que o desporto permite uma melhor saúde e um prolongamento indefinido da juventude — valor hoje tão querido!

Em grupos mais privilegiados a ideia do «sportif» há muito é conhecida, ligando-se ela, na generalidade, a um determinado gosto e saber «viver a vida» (havendo mesmo linhas de costura próprias destes). Com efeito, os modelos expostos nas lojas de renome, exibindo as revistas

onde tais padrões são extraídos, tal como a disposição e as possibilidades sócio-económicas dos «desportivos» que a televisão nos mostra nos seus anúncios, são referentes a grupos que dispõem duma capacidade de consumo que nem a todos é permitida. No entanto, a divulgação das potencialidades do exercício físico reflecte-se hoje em dia no vestuário (não só dos jovens) podendo-se grosseiramente definir um estereótipo que todavia não deixa de evidenciar distinções entre si quer mediante a qualidade, a marca do produto ou ainda o encontrar-se mais ou menos próximo da «moda deste ano, e articulação feita com outras peças de vestuário. Encontramos hoje este tipo de vestuário inserido com direitos iguais de exibição pública e até de promoção — ultrapassando as lojas da especialidade — no nosso vestuário quotidiano: os «ténis», que se estendem a todos os grupos de idade, substituindo alguns quase por completo outro tipo de calçado; as camisolas de desporto; os fatos de treino que ao mesmo tempo que se tornaram elementos frequentes das nossas vivências, arrastam consigo uma multidão de adeptos do «desporto caseiro», o tipo de desporto que cada um pode por si orientar.

— O exibicionista — Ao contrário do «tradicional», o vestuário é para o exibicionista objecto de atenção. Ele utiliza-o no sentido de chamar a si os olhares e comentários alheios que, normalmente, consegue através do exagero de certos atavios e decorações que, quer pela invulgaridade, quer pelo excesso atraem forçosamente o olhar de outros. O vestuário feminino apresenta condições que facilmente se prestam ao exibicionismo através de um conjunto diversificado de peças que permitem à mulher maiores possibilidades de se exibir. Todavia, o vestuário masculino mais padronizado e rígido não deixa de apresentar condições ideais, pela invulgaridade, para o exibicionismo. A troca da gravata pelo laço, as cores mais garridas (menos «normais»), são alguns elementos, que apesar de não serem demasiado exóticos, atraem facilmente os olhares para quem os usa. Os

sapatos, os cintos, os blusões decorados são alguns dos elementos que o exibicionista utiliza para «dar nas vistas», não esquecendo o cabelo, como elemento fundamental no visual.

— «O da moda» — Diversificado nos diferentes estratos sociais apresenta a característica comum de seguir o «último grito da moda». Esta não se reduz ao vestuário mas alarga-se a todo o «visual» desenhável e construtível na vivência dos locais comuns de frequência que vão por sua vez influenciar a forma de vestir. Há assim uma preocupação em comprar vestuário em certo tipo de «boutiques», referenciadas como a vanguarda da moda. Estas apresentam-se escalonadas por grupos sociais e à medida do gosto e da bolsa de cada um. Não podemos considerar a moda como algo de único e definível mas que se espalha por uma pluralidade de concepções e universos que podem ir da simples fuga ao tradicional, encaráda pelo senso comum como bizarro e portanto «da moda», ao seguidismo das modas de Paris, Londres ou Nova Iorque.

O significado dos gestos, dos movimentos das palavras, por mais espontâneas que nos surjam, correspondem a uma gama de significações que por mais inconscientes — conhecem uma rotulagem a nível social bem definida. Todos os procedimentos estranhos são ligados à «loucura», de que é exemplo a expressão «é maluco», relacionada tanto com as atitudes de demência como com os comportamentos inovadores que necessariamente se reflectem na forma de trajar. Tudo o que se situa na margem do estabelecido, do conhecido e cuidadosamente etiquetado e se mostra anormal, proclama-se de louco. Encontrando-se, no entanto, uma hierarquia relativamente aos procedimentos anómalos que vai do permissivo sorriso de escárnio («aos jovens da moda») à marginalização efectiva dos indivíduos que vagabundeiam pelas cidades, exalando normalmente um odor distinto e vestindo-se de forma considerada pouco digna («o roto», «o sujo», «o porco»...).

Do retorno da alma musical

Luís Andrade de Sá



LE quer transportar para os nossos dias a filosofia dos druidas, a lírica musical dos bardos, as cantilenas mitológicas dos celtas. Para isso, ele usa a voz (e que voz!), dispensa os microfones e transgride os limites dos registos através de um som espantoso que lhe sai do peito e contagia quem o ouve.

Ele é Henry Gui Ché d'Orge, o bardo que, tal como os seus antepassados bretões, abreviou o nome para Henry Chédorge e que, provavelmente, estará em Portugal no próximo mês de Abril. Praticamente desconhecido, mesmo do público francês, Chédorge é professor da Arbata École, uma escola parisiense de teatro, na qual trabalha a voz humana segundo a convicção de que ela será capaz de reproduzir todas as inflexões profundas do ser, socorrendo-se, para o efeito, dos velhos cantos celtas, das canções guerreiras da festa: «o aspecto do exército gaulês e o barulho que faz gelar de pavor. O número de trompas e de trombetas é incalculável; enquanto isso, o exército dá tais brados que se não ouve apenas o som dos instrumentos e os gritos dos soldados, mas também os locais circundantes que

devolvem o eco parecem acrescentar a sua própria voz ao estrondo». Polibio.

Cantor, compositor, autor dramático, conferencista, raramente editado, Chédorge evoca na sua lírica, na majestade de sons guturais, o comando aceita como rituais gaélicos, búquicos, os excessos cometidos pela sempre enorme população celta nas várias Galizas (espanhola, russa, turca), na Bretanha, na Itália, na Bóemia, na Flandres, enfim, em todos os domínios em que o celta comungou com a natureza, produzindo, ele que foi um homem do campo, uma religião do solo, deuses do pragmático: Teutatés, Lug, Taranis, Brigid, Esus, Epona, Sucellus.

Ele é um druida que canta como se cantou, que exprime muito alto o que os povos do Centro sentem muito baixo, é o bardo que ainda fala gaélico, nessa língua em extinção, reduzida ao remanescente dos parques falantes na Escócia, em Gales, na Irlanda, na Bretanha: quem o ouça não mais se esquecerá como era o canto pagão e selvagem antes da redenção ao cristianismo e «ao exclusivo triunfo do espírito pacífico, são os homens vestidos de linho e cantando salmos com uma voz triste, que pregam o jejum e já não conhecem os heróis», Ernest Renan.

As tradições da Terra

A concretizar-se a sua vinda ao nosso país, e tudo parece indicá-lo, Chédorge apresentará a sua acção musical, teatral e coral

em torno dos recursos esquecidos da voz e da música e que compreende dois tempos: uma corrente de música quotidiana, de canto e de dança e destinada às reuniões de amigos, de família e que pretende ser o reavivar das tradições corais do protestantismo; uma corrente de representação, de celebração e de festa que se apoia nos heróis mitológicos da libertação interior e na estrutura dos cantos agraçados dos antigos celtas.

Esta tripla acção, que costuma desenrolar-se através de recitais, conferências, cursos, audições de registos, perfaz uma sintonia musical, uma sintonia que significará equilíbrio de tensões numa dada situação e um regresso ao individualismo melódico e rítmico das partes de um conjunto musical, e que se concretizará não apenas na velha palavra celta como também na moderna língua francesa, entendida por Chédorge como uma língua livre e fluida, predestinada a ser o canal dos movimentos profundos da alma e, ao mesmo tempo, o seu contrário.

No retomar das tradições da Terra, «o músico pode tentar situar-se no Ser, no seio dos Mitos, assim escapará ao culto idolatra e imitativo a que se tinha entregue rejeitando a natureza».

«Chants sacrés des celtes antiques, dans et musiques rituelles» Henry Chédorge

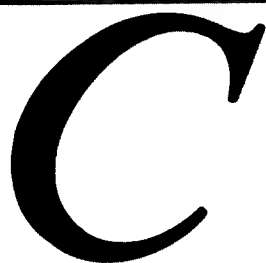
Ed. Auvidis
Les audieux de Fionn/Chant de mort d'Uryen/Danse de Midi/Danse de l'Oiseau Étranger/Musique funèbre des Goélands/Marche des Graminées/Le retour du roi Arthur/L'arrivée du Grand Cheval.

Viagem

Animismo e desligação entre o homem e a natureza 2

Marx entre o corpo "biológico" e o corpo "produtivo"

João Mendes



Contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção, separação do homem e dos seus instrumentos de trabalho, separação do homem e dos produtos do seu trabalho: creio que vale a pena demorarmo-nos alguns momentos na consideração de exceções a estas regras hegemónicas, dependentes da reprodução «infinita» da forma valor.

De facto, o passado atravessa, fantasmado, a diacronia, e apesar da vizinhança de modelos de organização da produção inteiramente planificados, onde os modos de produção industriais do mundo contemporâneo encontrariam, salvo acidente, a sua figura «final», o nosso *ethos* é subsidiário, em fluxos menores, do primitivo e do medieval. A pequena produção e o produto pessoalizado, o que resta do comércio inter pessoal marcado pelo don e pela troca, uma certa vontade de reconciliação com a terra enquanto território libidinalmente investido, a transmissão do sentido da vida como algo de «escondido», algo de encarecido por um sistema de interditos que resiste à vontade de transparência, a aceitação corrente do carácter «natural» da hierarquia, da competência, os compromissos para toda a vida e muitos outros sintomas, plasticizam outros tantos valores de idades passadas, que nos habitam como uma reserva inesgotável de matrizes comportamentais.

São pertenças de um equilíbrio imaginário, que insiste connosco para que nos reconheçamos nele, como nos reconhecemos no Outro do espelho. Um caso particularmente tocante deste tipo de apelo, no discurso filosófico contemporâneo, é, a propósito, exactamente, da relação com os utensílios de trabalho, a evocação, por Heidegger, do «mundo da camponesa» (1):

«...Este utensílio pertence à terra, e está abrigado no mundo da camponesa (...). O ser-utensílio do utensílio reside bem na sua utilidade, mas esta, por seu turno, repousa na plenitude de um ser essencial do utensílio: chamamos-lhe fiabilidade (die Verlässlichkeit). Graças a ela, a camponesa é confiada por este utensílio ao apelo silencioso da terra; graças à fiabilidade do utensílio, ela está segura do seu mundo. Para ela, e para aqueles que estão com ela e como ela, mundo e terra não estão ali senão assim: no utensílio. (...) É apenas a fiabilidade do utensílio que dá a esse mundo simples o seu carácter de abrigo, e assegura à terra a liberdade do seu afluxo permanente».

Transportamos este tipo de representação como se ele se referisse a uma porção do nosso *vivido*. No entanto, sabemos bem que a dupla crescimento/produção e a expansão da racionalização do trabalho, e o *pathos* da distância que engendram, trabalham para a perda da porção de realidade que o sustentava, transformando-o num simulacro. Ele pode sobreviver como simulacro para além do seu desaparecimento violento, por acção do capital, que suprime os equilíbrios anteriores para se expandir.

Os três corpos

Fiquemos aqui, no tocante à leitura do desvio, das transgressões, e voltemos às figuras dominantes:

Num estudo sobre o modo como a esfera da produção socialmente organizada veio subsumir e reinterpretar o conjunto das formas da acção humana, Didier Deleule e François Guéry propõem um enfoque dos três estados da separação que consideramos em termos de encaixe hierarquizado do «corpo biológico» no «corpo social» e deste no «corpo produtivo», tornando-se este úl-

timo, com o industrialismo, a figura de essência dos dois outros, o molde novo onde eles vêm desfigurar-se:

«...As sociedades históricas não socializaram imediatamente a força de trabalho contida no corpo biológico, apenas o fazendo num passado próximo que é o nosso: é a tarefa que o capitalismo *cumpr*e ainda, a de incorporar o corpo biológico no social pela mediação de um terceiro, até então passado despercebido porque objectivamente fetal e indistinto: o corpo produtivo» (2).

O corpo «biológico» representa, nesta metáfora, o homem de antes da primeira desligação, entre o animismo e a corporação, ao corpo de artes e ofícios medieval. O «corpo social» aparece com a repetição social dos efeitos da escola do direito natural do séc. XVII, e manifesta portanto o corte entre a sociedade e a natureza. O «corpo produtivo», objectivamente fetal e indistinto, aparece como fruto do industrialismo e condiciona, reformula o estatuto dos outros dois. Mas, ao mesmo tempo que emergem historicamente em determinados momentos da mutação da estrutura social, eles são projectados através da genealogia: travessia semântica da longa duração, eficácia sincrónica na revelação de conteúdos civilizacionais suficientemente amadurecidos para poderem exprimir os seus componentes, as suas instituições pulsionais.

O contacto entre as duas leituras — sucessão de separações, encaixamento de «corpos» — sugere, metaforicamente, a mitificação de alguns desses conteúdos civilizacionais: o «mito», nunca é demais dizê-lo, distingue-se do modelo em ciências humanas porque «fixa» estados de sociedade para os comentar e interpretar, sem pretender dar conta dos princípios de mudança que neles agem.

A corporação medieval

O uso, por Deleule e Guéry, do conteúdo «corpo produtivo» na leitura da diacronia, corresponde ao uso da «produção» pelo materialismo histórico, nas suas genealogias regressivas. Vejamos como eles comentam as passagens de Marx sobre a corporação medieval:

«Há, sem dúvida, em Marx, uma insistência na apresentação da corporação medieval como um corpo em bom estado de saúde, extremamente bem defendido contra qualquer agressão do meio; um corpo sólido, bem constituído. Isto não implica a ideia de uma verdadeira degenerescência introduzida pelo modo de produção capitalista de um modo geral na sociedade, mas apenas o seguinte: o corpo produtivo sob a forma de corporação medieval, sob a forma eterna do ofício hierarquizado, preso em casta, pagou as despesas do duvidoso progresso realizado pelo capital no modo de exploração do trabalho. Isto reforça a ideia de que a produtividade é uma noção ligada a um estado de cisão da força, de divisão entre o corpo e os seus poderes...» (3).

A atitude de Marx perante o corpo medieval de artes e ofícios é, na verdade, muito ambivalente: por um lado, destinada a ser ultrapassada pelo capital mercantil e pela manufatura, a «corporação torna-se a seus olhos fundamentalmente reactiva, símbolo das forças que se opunham à socialização do trabalho, à reprodução mais alargada de valor. Ele fala, a este respeito, da «propensão das sociedades antigas para tornarem os ofícios hereditários, para os petrificarem em castas ou para (...) ossificarem, pelo menos, em corporações, os diferentes ramos da indústria» (4). Por outro lado, Marx como que sublinha os traços pertinentes da corporação — embora nunca tenha concedido ao modo de produção dos pequenos produtores a possibilidade de sobreviver, a não ser no quadro de um protecção económico voluntarista:

«As leis das corporações da Idade Média impediam metodicamente a transformação do mestre em capitalista, limitando através de rigorosos éditos o número máximo de companheiros que ele tinha o direito de empregar» (5).

E Marx acrescenta, pouco depois:

«A corporação defendia-se igualmente com um zelo ciumento contra toda e qualquer intromissão do capital mercantil, única forma livre do capital que lhe fazia frente» (6).

A manufatura

A releitura da secção IV do primeiro livro de «O Capital» deixa efectivamente a impressão de que, do ponto de vista da transição de um modo de produção a outro, como do ponto de vista das relações entre o homem e a natureza, e entre o homem e os seus saberes técnicos e instrumentos de trabalho, tudo foi jogado entre a dissolução do corpo oficial do Antigo Regime e o «forcing» até à produção fabril e à produção industrial, de que a manufatura representa a figura inaugural: enquanto se perpetuava o fantasma por cumprir, que recuava cada vez mais em direcção a um incerto futuro, de «domínio» e «posse» da natureza, a utopia industrialista sujeitava o «corpo biológico» ao «corpo produtivo» já usurpado dos utensílios e do produto do seu trabalho, e propunha como horizonte da história a própria ideia de produção industrial: Baudrillard mostra claramente como Marcuse, dependendo deste «industrialismo» de Marx, chega a «ontologizar» o trabalho, restabelecendo assim o mito do progresso e da neutralidade tecnológica que atravessa os Manuscritos de 1844 (7). Citemos Dietzgen, sacerdote desta ideia:

«O trabalho é o Messias do mundo moderno. Na melhoria do trabalho reside a riqueza, que pode agora fazer-nos o que nunca nenhum redentor nos trouxe até aqui» (8).

Para os «industriosos» como Saint Simon, o sonho cartesiano de domínio dessa natureza separada ia realizar-se com a manufatura:

«Disse V. Ex.^a, que um manufatureiro era um homem mais útil ao Estado do que um nobre. Nós somos inteiramente dessa opinião... A França tornou-se numa grande manufatura, e a Nação francesa numa grande «atelier». Esta manufatura geral deve ser dirigida do mesmo modo que as fábricas particulares» (9).

Poderíamos citar um grande número de exemplos deste optimismo gritante em que a racionalidade industrial adquire a sua forma contemporânea (uma boa escolha destes exemplos pode ser consultada em P.M. Schuhl, op. cit.).

Porém, um relance pelo que Engels viria a classificar de «socialistas utópicos» permite constatar que, para alguns deles pelo menos, a questão da indústria, quase sempre abordada de um ponto de vista especialmente «pessimista», já não é apenas a *questão social* da nova escravatura, do desemprego provocado pela maquinização do trabalho, do homem tornado autómato vivo pela jornada de trabalho excessivamente longa, mas é, também, a *questão natural* das relações do homem consigo próprio enquanto integrado em «ambientes» dados ou construídos, a questão da natureza da indústria enquanto actividade humana, da relação do homem com a produção.

Fourier

O exemplo mais notável desta nova posição é o de Fourier, que no seu enfoque «clínico», com as suas metáforas biológicas e a sua diagnose, a sua vontade de curar, pretende reconduzir o «corpo produtivo» à sua matriz biológica de onde, segundo ele, não se deveria nunca ter afastado. Fourier critica, aliás, os filósofos, porque não conseguem senão descrever os males da indústria, sem nunca indicarem «meios curativos» (10). O conjunto da sua obra pode ser considerado um vasto panfleto de medicina preventiva, onde a descrição dos males é sempre acompanhada da receita medicamentosa respectiva. O seu objectivo confesso é o de abrir caminho a uma «indústria natural», oposta à do industrialismo, tida como indústria contranatura:

«É a primeira vez que se opõe à filosofia um mecanismo social baseado na natureza» (11).

A indústria «natural», «atractiva», representa para Fourier o único caminho de que o homem dispõe para regressar ao seu comércio original com uma natureza anímica e panteizada, onde as trocas harmoniosas entre a ordem humana e a ordem natural tomam em consideração «vocações naturais», «paixões» e «prazeres», estabelecendo-se assim uma partilha de poderes de tal modo que a ideia industrialista de trabalho perde sentido e se torna, como para Lafargue tempos

depois, o «vício radical do mecanismo civilizado».

Para satisfazer uma das nossas principais paixões, a «borboleta», que nos leva a recusar a fixação a uma actividade única, a produção será organizada, no Falanstério, segundo o princípio das «sessões curtas»:

«A sabedoria, em matéria de prazeres, consiste em especular com as sessões curtas: e porque assim é, maioria de razão teremos ao aplicá-las nos trabalhos se queremos torná-los atraentes, visto que até o próprio prazer enfastia quando é excessivamente prolongado (...). Se passássemos, como fazem os nossos operários, um dia inteiro a fazer o mesmo trabalho, teríamos encontrado o meio de aborrecermos todos os cooperantes» (12).

Para Fourier, todos os saberes e «talentos» comprometidos pela indústria «mentirosa» deveriam dar a sua contribuição na experiência deste projecto societário «enraizado na Natureza». Sem excepção da filosofia:

«E as duas ciências Metafísica e Moral teriam igualmente a sua tarefa a desempenhar: seria a de operar a libertação dos instintos, criando a indústria atraente» (13). ■

Notas:

- 1) «L'Origine de l'oeuvre d'art, in *Chemins qui ne mènent nulle part*, Heidegger, Gallimard, p. 25.
- 2) *Le corps productif*, Didier Deleule e François Guéry, ed. Mame, collection Répères-Sciences Humaines, 1973.
- 3) Loc. cit., p. 23.
- 4) Marx, *Le Capital*, ed. Garnier Flammarion, secção IV do livro I, cap. XIV, p. 252. A propósito da teoria da «passagem» e da destruição inevitável dos conteúdos e formas de produção anteriores a cada nova etapa do desenvolvimento do capital, a bibliografia de Marx é a seguinte: *O Capital* I, caps. XXIV e XXV, e III, caps. XX e XLVII; escritos de 1857-8, preparatórios da Crítica da Economia Política; e os *Grundrisse*, secção intitulada «Formas anteriores à produção capitalista» ed. Anthropos, Paris, 1967, I, pp. 435-480 (título francês: *Fondements de la Critique de l'Economie Politique*).
- 5) e 6) *Le Capital*, mesma ed., p. 265.
- 7) *Le Miroir de la Production*, Baudrillard, «Ethiques du travail, Esthétique du Jeu», pp. 23-25.
- 8) *Poésie et Révolution*, Joseph Dietzgen, p. 283.
- 9) Saint Simon citado por Pierre-Maxime Schuhl, in «Machinisme et Philosophie», pp. 82-91.
- 10) Fourier citado por Schuhl, loc. cit.
- 11) *La Fausse Industrie, Morcelée, Répugnante, Mensongère, et l'Antidote, l'Industrie Naturelle, Combinée, Attrayante, Véridique, donant quadruple produit*, Fourier, Paris, 1835, p. 247.
- 12) *Nouveau Monde*, Fourier citado por Schuhl, loc. cit. p. 99.
- 13) *La fausse Industrie*, Fourier, p. 397.

A seguir:

A indústria «atractiva» de Fourier



Um pintor no Comité Central de um Partido Comunista, mesmo como suplente, não que se nos depare todos os dias...

Rogério Ribeiro: um artista com compromisso

C ARAO moreno, tronco próximo da terra, olhos botando em sombra e brilho, este homem vem carregado e bebado da luz da planície, do ocê, do amarelo torrado das searas, do preto sombreando a carne das mulheres, da força colectiva que irrompe dos campos, do sangue vivo derramado. Escreveu António Borges Coelho a

pela segunda vez e achou o texto apaixonante. Sim... conhecia-o da má escola. Odiava Fernão Lopes e Camões porque eram meros instrumentos de dividir orações... Com o Borges Coelho, um excelente historiador (porque é poeta) dei uma volta pelo Alentejo. Ao ouvi-lo contar a história como coisa do nosso quotidiano resolvi, então, fazer as ilustrações da Revolução de 1383...

Rogério Ribeiro viu. Viu os camponeses em fúria, viu a morte da abadesa em Évora. Viu poeira, cavalos, sol, forquilha e pás. Viu os sítios com nitidez e desse olhar nasceram, a preto e castanho, os homens e as mulheres da Revolução.

Como os viu? Há corpos desnudos sobre as oliveiras. Mas

um pintor de partido.

E a encomenda? Pinte um retrato, com quinze metros por dois, para a Guiné... Certo, Rogério. Não vejo mal quando se é um pintor a sério. E você é-o. Em 1974 descobri-o num óleo sobre tela com estas dimensões: um metro e quarenta por um e catorze. Homenagem ao anarquista catalão, Salvador Puig Antich, vítima do terrorismo de Estado, expresso pelo garrote. Nessa época fazia coisas que se completavam pela via da oposição: pelo ponto e o contraponto. De um lado uma paisagem de alegria; do outro, a morte, a prisão...

Estamos no «atelier» de Rogério Ribeiro, instalado dentro da sua casa, vivenda simpática, no bairro da Madre de Deus. Lugar recatado, alheio à balbúrdia do centro da cidade. Um

pano branco, pregueado, preso ao tecto, filtra a claridade do dia, nesse dia ensoalhado em que conversamos. Qual é a sua cor? A cor de força? Quando penso no pintor Rogério Ribeiro

penso em vermelho, embora dessa cor se encontrem nos seus quadros apenas umas pinceladas. O recorte. Tanto na pintura como na escrita há um recorte ou não há. Muitos escritores não o têm. O vermelho na minha

pintura faz vibrar quadro. É um elemento de violência que transforma o quadro. Quando que-

remos atingir a realidade também queremos afastar-nos dela. A pincelada de vermelho destrói o que está por detrás. É uma distanciação, por um lado, e uma penetração por outro.

Realismo

Realidade, realismo — existem? «O realismo não existe. A realidade é coada por nós. Um quadro não tem só a carga que aparenta, tem outras. Há apenas dados da realidade que tentamos segurar. O fotógrafo capta a imagem e pára-a. É um momento mais inteiro. Com a pintura as coisas funcionam de um modo diferente. Cada um tem a sua escrita própria, que se repete na sua obra». Rogério Ribeiro vem do neo-realismo, movimento que abarcou uma geração de artistas plásticos e escritores, gente que gravitava à volta do Mundo Juvenil.

Quiseram retratar o povo, cobrindo-o de uma auréola de glória, de santificação. Houve neo-realistas bons e, por isso, ficaram. Houve-os também

mediócras e desapareceram. «Julgo que aqui não tivemos si-queiros nem orcos. Os nossos trabalhos tinham mais a ver com a literatura. Nasceram das conversas com o Alves Redol, que efabulava as suas histórias e com as pessoas nos sítios onde viviam...»

Durou dez anos. É a época em que Júlio Pomar pinta o ciclo do arroz e Alves Redol organiza visitas aos Avieiros de Vila Franca. Uma atitude que obedecia a um código de honra: quem expunha nas Gerais de Artes Plásticas não expunha no SNI. «De facto nasci, como pintor, nessas exposições das Belas Artes. Confraternizávamos, fazíamos desenhos, recolhíamos material nos passeios a Vila Franca... material que, depois, era tratado em 'atelier'. Era o tempo do Pavia, do Dourado e do café Chiado, local que foi para nós uma grande escola humana...»

Há quem atribua ao neo-realismo uma visão da vida muito redutora. Daí a reacção dos surrealistas: muito mais soltos, muito mais indisciplinados. «Não estou de acordo. São capazes de ser mais redutoras certas modas epidémicas. O neo-realismo traduzia sentimentos profundos e verdadeiros. Aliás, a história do neo-realismo ainda está por escrever. História que deverá ser lida de uma forma isenta. É, no fundo, a nossa memória: de uma geração. Claro que alguns não ficaram com o tempo. Se visse este quadro, as 'Sargaceiras', sozinho sem conhecer mais nada da meu, teria de mim outra ideia. Este quadro vale em função dos outros. Aos vinte anos não se pinta como aos quarenta...»

A partir de 1970 nota-se uma viragem na pintura de Rogério Ribeiro. É (digamos) uma evolução para formas mais abstractizantes. «Tem a ver com as investigações que senti necessidade de fazer para adquirir um estilo, uma liberdade. É, assim, como organizar um caos que se estabelece. Tenta-se conquistar uma linguagem que, às vezes, nunca se consegue. Cada quadro não é uma obra acabada e pode conter muitos outros sobpostos. Pinta-se também com o olhar: a construir e a re-construir...»

Sendo assim, é difícil acabar um quadro. Um pintor pode ficar a vida inteira a contas com um quadro. «Verdade. A gente é que decide... Há que saber acabar, saber onde está o limite porque tudo já foi dito.» Por vezes, Rogério Ribeiro começa a pintar um quadro e depois larga-o. Mais tarde retoma-o. Neste momento tem um no cavalete à espera de ser terminado. «Deixei-o e agora peguei nele outra vez. Está preso a uma série. Poderá vir a fechar uma série ou uma experiência que fiz para o livro «Até Amanhã Camaradas». Os meus quadros,

propósito das ilustrações da Revolução de 1383, expostas no passado mês de Dezembro, em Évora, no Palácio D. Manuel. Fala do homem alentejano, da terra que lhe pertence e da sua intervenção no levantamento popular que Fernão Lopes descreveu.

Fala, ainda, do autor desses óleos e desenhos que é Rogério Ribeiro, alentejano (nascido em Estremoz há 53 anos), suplente ao Comité Central do Partido Comunista. Já desde os anos cinquenta que a obra deste pintor vem carregada de um registo social. Desde as Sargaceiras, quadro pintado, na Póvoa do Varzim, durante o tempo de tropa. Corridos os anos, aperfeiçoou a técnica: a mão adquire segurança e o traço um apuro cada vez mais límpido. Mas a temática mantém-se sensivelmente a mesma. Trata-se da minha experiência. Digo o que tenho para dizer. Ninguém me encomenda nada... Afirma o pintor, reagindo a um reparo — o de, eventualmente, poder ser considerado um artista de mote.

São camponeses, armados com forquilhas, os que Rogério mostra na sua versão plástica da Revolução de 1383. Alentejanos como ele. «Eram os que por lá andavam. Nunca saíram de lá. As pessoas que procuram alguma originalidade portuguesa deveriam lembrar-se de 1383 que foi a primeira revolução popular ocorrida na Europa. Repare: se eu não tivesse vivido o 25 de Abril a minha visão de 1383 talvez tivesse sido diferente. Depois de andar pelas ruas te não andei sozinho)... comecei a ver a cidade de outra maneira. Aliás, Lisboa revelou-se, no 25 de Abril, de uma forma insuspeitada para todos nós.

Viu

Leu a «Crónica de D. João I», o livrinho de Fernão Lopes que no liceu nos obrigavam a ler e, por isso mesmo, a detestar, leu

estas cabeças tombaram o opressor de cima do seu cavalo. Cortaram com a sua foice. Morderam. Largaram cães famintos na noite da paisagem.

...O que distingue a multidão? Mãos, olhos, cabeças. Ondeiam mas não são iguais. Cada rosto tem um gume próprio, um tom, um sinal.

Pintura histórica? Não é. Ele transpõe a literatura para os quadros, a partir de sublinhados do que a leitura do livro lhe propunha. Há frases que condensam determinadas situações... Comecei a desenhar como se estivesse a memoriar certos acontecimentos. Quanto à pintura histórica temos péssimos exemplos, entre nós. São somente «flashes» de um momento histórico... nada mais.

Goya escreveu «debaixo» dos desastres da guerra. Rogério Ribeiro desenhou em cima da revolução de Abril a explosão popular de 1383. Podiam ser aquelas situações ou outras. Desenhei com o meu olhar e as minhas referências ideológicas. Apeteci-me, por outro lado, desenhar naquela altura. Peguei na caneta e fui por aí fora... depois comecei a apetece-me a cor. Diz, muitas vezes, apeteceu-me. Porquê? Provavelmente para contestar a minha insistência sobre a questão do mote. Da encomenda. Da pintura ao serviço de. Neste caso do partido.

Rogério Ribeiro descarta-se. Há pessoas que têm necessidade de intervir para se exprimirem. Um quadro não vale se fica feito e se guarda num armário. Estou empenhado em comunicar aos outros as minhas preocupações. E você não fala da Reforma Agrária? Também sou do Alentejo... Morreram Caravela e Casquinha e apeteceu-me pintar sobre esse acontecimento. Já antes da Reforma Agrária eu pintava camponeses... não é uma novidade. Quanto ao facto de pertencer ao partido não quer dizer que seja



Um quadro nunca está pronto...

Limbo

não é quadro



Digo o que tenho para dizer...

normalmente, nascem de pequenos esboços feitos à noite em papel vulgar.

Voltemos à cor. Qual é a cor do Alentejo? O ocre — diz. Entre o castanho e o amarelo. Há um clima de cor nos mestres da pintura. Rembrandt tem um; Goya outro. «As cores combinam-se para criar um clima. Com o tempo tenho vindo a precisar cada vez menos de cores. Quando comecei a trabalhar comprei uma paleta, um catálogo completo... e, com o tempo, fui reduzindo as cores. Nesta fase uso as cores de uma forma simbólica. Estes planos significam uma tranquilidade, um caos rompido... Os vermelhos e os amarelos são as cores que sublinham a direcção, o movimento do quadro...», explica apontando para um dos seus trabalhos mais recentes.

Vende

Foi um dos fundadores da Sociedade de Gravadores Portugueses, organização de que ainda faz parte embora se tenha distanciado dela. Com as aulas na Escola de Belas Artes (onde é professor), o ofício no atelier e as tarefas partidárias não lhe sobra tempo para a gravura, «trabalho muito absorvente». Todavia, a gravura divulgou muitos dos pintores actualmente consagrados. Havia um público novo que tinha pouco dinheiro e, por isso, nos associámos numa cooperativa de artistas e consumidores dos seus produtos. Começámos com tiragens de cem exemplares que foram aumentando à medida que os coleccionadores iam descobrindo a gravura. Existe uma boa colecção mas com muita coisa esgotada.

Hoje em dia, sendo um pintor comprometido assumidamente, quem compra Rogério Ribeiro? Gente de esquerda? «Não só... é um leque largo». Pergunto-lhe se vende muito. Hesita: «Não sei... vendo». É espantoso que um artista agarrado a uma temática, de cunho revolucionário, vá parar à sala de um capitalista, à dependência de um banco ou ao gabinete de um tecnocrata de empresa. «O local onde o quadro se instala já nos escapa... mas há os museus que são salas colectivas».

Um Rogério Ribeiro vale entre 50 a 150 contos, o que não me parece exagerado. «O mercado português é desequilibrado e inconstante. Não assegura seja o que for. As galerias têm o seu público, as suas redes organizadas... mas eu estou fora disso. Exponho quando me convidam, não tenho contratos com as galerias». Apesar de tudo vende. Mas lamenta que os meios de informação não deem mais atenção às artes plásticas.

Crítica quase não há. Os jornais limitam-se a informar sobre os lugares onde os pintores expõem. Unicamente. «É uma paz mole: não há discussão nem polémicas. Dá impressão que os pintores portugueses morrem, e no entanto, quem visitar os ateliers verifica precisamente o contrário».

Ao olhar para um dos quadros que constituem aquilo a que Rogério Ribeiro chama *Jornal de Atelier* (são seis) apercebo-me das suas preferências em pintura, dos seus gostos — das influências, se quisermos. Goya é um dos que gosta. «Quando vou a Madrid nunca deixo de ver Goya». Penso: tal como ele, Rogério está fora da sua pintura, coloca-se no papel de relator. «Goya viveu, presenciou e registou um quotidiano. De certa maneira está por fora ao contrário de Rembrandt que está por dentro da pintura que faz. Todos os seus retratos são iguais: pinta-se a si próprio...»

Procuru a confirmação: e você? «Eu gostava mais de ser o Rembrandt mas, se calhar, sou mais o Goya...» Tapiés, um catalão celeberrimo eis outro dos seus favoritos. Tal como Miró e Canogar... e o cubano Lam que descobriu, há anos, em Madrid. No quadro, a que me referi, Rogério Ribeiro introduziu pedaços de alguns dos preferidos. «Do tal museu imaginário que a gente constrói e cada um tem o seu... Veja: naquela tela está o pintor que tem atrás dele o anjo da anunciação de Fra Angélico, um pormenor de um quadro de Tapiés e outro de Joan Miró...» E a mulher o que representa? «Pode ser a amante, o modelo, as Belas Artes...» Ou a musa inspiradora (digo). É ridículo pedir explicações ao artista mas não resisto: mas porque denominou este conjunto de *jornal*? Porque é onde aponto o que penso sobre estas coisas... da

arte. Repare... a tela está limpa e o pintor quer pintar mas depois há figuras que lhe escapam, que fogem do quadro. Azares...

Rogério Ribeiro é um homem prático. O seu conhecimento é de natureza vivencial; uma experiência pessoal, não um mero descobrimento intelectual. Não lida com alibis. É um alentejano discreto, dotado de um certo humor, com uma mensagem para nos oferecer. Que se sente realizado quando o entendem, quando o seu recado é partilhado com outras pessoas. Conta-me que quando expôs as ilustrações para o livro «Até Amanhã Camaradas», em Évora, um homem que fazia segurança, durante a noite, no Palácio D. Manuel, sem saber que Rogério era o autor dos quadros, explica à família a sua leitura dos mesmos. Tinha imensa piada a sua visão... falava de meter o panfleto debaixo da porta, das aldeias alentejanas, das situações de clandestinidade.

De início, Rogério Ribeiro pensou extrair do livro uma banda desenhada pois parecia-lhe quase um guião, muito fotográfico. Mas desistiu da ideia por se encontrar sem jeito. Não busquei o rosto deste ou daquele mas o sentido do livro que tinha a ver também com a minha experiência, com situações que vivi ou que imaginei. Com «Levantados do Chão» de José Saramago passou-se o mesmo. Amparado numas frases esboçou um discurso plástico, uma poética envolvente da paisagem alentejana... sem sítio definido.

Rogério Ribeiro divide-se entre a pintura e o partido. Eleito para suplente do Comité Central, no último Congresso, julga que este cargo político não irá alterar grandemente a sua vida. Sou pintor e a ajuda que posso dar será sem-



UNIDADE COLECTIVA DE PRODUÇÃO

pre dentro da minha área. Contudo, acho gratificante o convite que me fizeram. É agradável... mas não sou um político. Estou no partido porque me sinto lá bem, tem a ver comigo...

Sobre este assunto não quis dizer mais nada. Provavelmente não tinha nada para dizer. Mas também não foi o militante do PCP que eu entrevistei. Foi o pintor Rogério Ribeiro. Um homem que se define desta ma-

neira: Nasci em Estremoz e vivo em Lisboa. Sou casado, tenho três filhos e durmo bem. Gozo de boa saúde e frequento pouco os médicos e os intelectuais. Um homem que, por acaso, é pintor. ■



AGRESSÃO

Flores de estufa

«Lech Walesa sem tempo para o amor».

«O Jornal» 6.1.84

«Princesa (Carolina de Mônaco) casa em pecado mortal».

«O País» 5.1.84

«Senhores ministros socialistas deste Governo: não se aflijam com o aborto porque estais provavelmente sós nessa aflição».

Maria Belo «DN» 6.1.84

«Votarei o projecto do PCP (sobre o aborto) se for preciso».

Manuel Alegre «O Jornal» 6.1.84

«Difícilmente se poderá encontrar um espécime tão anticlerical como Raul Rego».

Adelino Alves «DN» 6.1.84

«Os problemas dos portugueses têm que ser resolvidos pelos portugueses».

Nuno Rocha «Tempo» 5.1.84

«Foi com interesse que tomei conhecimento da eleição dos «10 Mais» do ano de 83. (...) Aproveito esta oportunidade para apresentar os meus agradecimentos à Direcção e à Redacção do jornal «Tempo».

Helmuth Kohl «Tempo» 5.1.84

«Foi uma anormalidade a vitória do Porto na Luz».

«Record» 3.1.84

«RTP no banco dos réus. Rocha e Sporting querem 20 milhões».

«A Capital» 5.1.84

«Não é pelo dinheiro...»

Idem

«Cheques carecas inundam a Judiciária».

Idem

«Para ser político e governante é necessário ser-se humilde».

S. Est. Carlos Pimenta «Povo Livre» 4.1.84

«Temos em Portugal uma razão de sobra para não sermos indiferentes ao futuro da África do Sul: vivem e trabalham lá, ainda que tratados como cidadãos de 2.ª classe, mais de 400 mil portugueses».

Rui Cartaxana «DP» 5.1.84

«Lucas Pires tem peso que chegue».

«Diário Popular» 5.1.84

«Portugal é um paraíso para os futebolistas!»

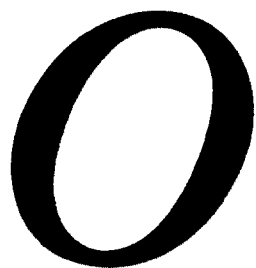
Herman Stessl «GD» 6.1.84

Infernos

Indícios de degelo entre o Leste e o Oeste?

George Shultz e Andrei Gromyko encontrar-se-ão no dia 18 de Janeiro em Estocolmo, por ocasião de Conferência sobre o Desarmamento na Europa. Este encontro poderia proporcionar-lhes uma ocasião para relançarem o diálogo americano-soviético, comprometido por quatro meses de crise.

Bernard Brigouleix ● Daniel Vernet



O anúncio de um próximo encontro entre os dois responsáveis das diplomacias americana e soviética, George Shultz e Andrei Gromyko, poderia não passar de um encontro banal, se não viesse coroar um período particularmente agitado nas relações Leste-Oeste. O cenário de referência será dado pela Conferência sobre as medidas de confiança e segurança e sobre o desarmamento na Europa, geralmente apresentada pela sigla abreviada de CDE, que deve iniciar-se no dia 17 de Janeiro em Estocolmo. No dia seguinte, o secretário de Estado americano e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros deverão ter um encontro. Aquele período de crise fora aberto com grande estardalhaço, pela destruição do Boeing sul-coreano no dia 31 de Agosto do ano passado, pela força aérea soviética. Evidentemente, as relações entre os dois grandes não tinham esperado por este episódio particularmente dramático, em que 269 pessoas, entre as quais umas seis dezenas de americanos, perderam a vida, para assumirem em 1983 um tom sensivelmente mais tenso. E, particularmente à medida que o fracasso das negociações euro-estratégicas de Genebra se tornava provável, e depois patente.

Mas o caso do Boeing ficaria a assinalar o início de uma fase nitidamente mais crítica nas relações entre Moscovo e Washington, tanto mais que o Kremlin repudiara com energia todas as acusações formuladas contra si, e contra-atacava acusando os Estados Unidos de responsáveis pela real dimensão do drama.

Além disto, o diálogo americano-soviético não cessara de registar novos indícios de degradação, mesmo se, na realidade, o caso do Boeing não provocou, em si mesmo, a grande crise internacional que se poderia recear. Na altura do encerramento da C.S.C.E. (Conferência sobre Segurança e Co-Operação na Europa), no começo de Setembro em Madrid, o encontro entre Shultz e Gromyko — o último até à data — foi particularmente frio.

Os dois políticos saíram da sala de rosto fechado, enrijecidos num silêncio hostil, após se terem citado mutua-

mente o ponto de vista dos respectivos governos. As suas intervenções na conferência puseram a nu, quer se tratasse do drama das Sakhalinas ou dos direitos do homem na Polónia ou no Afeganistão, a profundidade dos desacordos.

Pouco depois, uma outra conferência, a de Genebra, relativamente às forças nucleares intermédias (FNI), ficaria caracterizada, em Novembro, pela retirada soviética, imediatamente seguida de um adiamento da outra série de conversações em Genebra sobre os armamentos, os START, sempre por iniciativa de Moscovo. Os primeiros euromísseis previstos pela «dupla decisão» da OTAN começavam a ser instalados na República Federal Alemã. Finalmente, em Viena, as negociações MBFR sobre os armamentos convencionais instalados na Europa Central, eram igualmente suspensas a 15 de Dezembro por iniciativa dos países do Pacto de Varsóvia, após terem atingido, sem progressos sensíveis, o décimo aniversário... Entretanto, a operação-relâmpago desencadeada pelos Estados Unidos em Granada não contribuiria em nada para afastar esta degradação nas relações Leste-Oeste, mesmo se, ainda neste campo, não gerou nenhuma crise internacional de relevo.

Reencontro

É após vários meses de tensão crescente entre Moscovo e Washington, e enquanto é anunciada em Bona a entrada em serviço operacional dos primeiros foguetões da OTAN instalados após o fracasso das negociações de Genebra, que Shultz e Gromyko vão retomar em Estocolmo um diálogo que bem necessitado está, pelo menos, desse novo fôlego. Evidentemente, não é razoável esperar deste encontro mais do que ele pode dar. A CDE, com efeito, não tem por objectivo a redução dos armamentos nucleares, mas convencionais. Os euromísseis não estarão em discussão na ordem de trabalhos, e muito menos a situação no Próximo e Médio Oriente, ou na América Latina.

Pode-se, todavia, imaginar que tal encontro entre os dois responsáveis dos Negócios Estrangeiros, sobretudo se se prolongar à margem da conferência propriamente dita, lhes permita proceder ao que os comunicados chamam tradicionalmente «uma ampla passagem em revista da situação internacional». Seria necessário muito mais do que isso para se chegar a um acordo mesmo limitado a alguns pontos, e nada indica que a CDE garanta esse sucesso. Mas a

simples circunstância de que possa servir de cenário para esse reencontro americano-soviético, por menos cordial que este frente-a-frente o seja, já é em si mesmo encorajador.

Em todo o caso, confirma o que havia de bem fundamentado nas esperanças que a França e outros países, tinham depositado na organização deste «forum» Leste-Oeste, no qual participariam, tal como na CSCE, os «Trinta e Cinco» (isto é, todos os países da Europa, à excepção da Albânia, e a que se juntam os Estados Unidos e o Canadá). Paris pode orgulhar-se de estar na origem da reunião, cujo princípio fora sugerido pela primeira vez por Giscard d'Estaing nas Nações Unidas em Maio de 1978, e retomada por Mitterrand.

Este último, sem querer formular abertamente esperanças demasiadas, contava que a conferência de Estocolmo fosse uma ocasião para relançar o diálogo entre Moscovo e Washington, sem que esse encontro neutralizasse os restantes trabalhos da conferência. O anúncio deste encontro Shultz-Gromyko, e sem alimentar demasiadas ilusões quanto aos seus possíveis resultados, é a prova de que a firmeza patenteada pelos Ocidentais não impede o diálogo Leste-Oeste.

É essa a leitura feita em Washington. Com efeito, após o caso do Boeing sul-coreano, o presidente Reagan evitara criar uma situação irreversível, apesar do vigor dos seus protestos. As sanções americanas foram limitadas, apesar do incidente que levou Gromyko, no passado mês de Setembro, a recusar-se a ir a Nova Iorque por ocasião da Assembleia-Geral das Nações Unidas, pois o seu avião só poderia aterrar numa base militar demasiado afastada da cidade.

O mesmo sucedeu por ocasião da retirada soviética das conversações de Genebra. Enquanto Moscovo se aplicava em persuadir o resto do mundo — com uma insistência particular no sentido da opinião pública dos países onde deveriam ser implantados os euromísseis da OTAN — de que esta ruptura podia ter consequências muito graves, Washington esforçava-se, pelo contrário, em desdramatizar a situação. Incluindo quanto à ruptura das negociações F.N.I. se juntou a dos START, e depois do M.B.F.R.A Casa Branca e o Departamento de Estado afirmavam, com uma convicção cuja serenidade se destinava a apaziguar aquela mesma opinião pública ocidental, que o Kremlin seria obrigado, apesar do que afirmava, a negociar.

É ainda muito cedo, sem dúvida, para saber se este desafio foi ganho. Mas o facto de Gromyko ter aceitado dirigir-se a Estocolmo (pelo menos, se isso for oficialmente confirmado pelos soviéticos), é no mínimo encorajador. Reagan, nesta fase de tensão, pode gabar-se de dispor pelo menos de três vantagens.

A primeira consiste na firmeza da maioria dos parceiros europeus dos Estados Unidos no

seio da Aliança Atlântica. A declaração de Mitterrand do dia 20 de Janeiro do ano passado perante o Bundestag a favor de uma modernização do aparelho de defesa ocidental face ao sobreamento soviético, fora um primeiro indício dessa realidade, mesmo se a França não é directamente parte interessada. O chanceler Kohl, num contexto difícil, não cedeu, nem sequer procurou os «arranjos» que lhe era sugeridos com insistência no seu próprio país. A senhora Thatcher também não, nem Martens na Bélgica, que acaba de reafirmar que as implantações de euromísseis devem prosseguir segundo o calendário previsto. A situação é menos clara na Holanda, mas em Itália os primeiros elementos dos foguetões nucleares da OTAN foram instalados sem dificuldades políticas ou técnicas assinaláveis.

O segundo elemento que joga a favor dos Estados Unidos é o esvaziamento perceptível da contestação «pacifista». A maioria dos governos ocidentais esperavam um «outono quente», como uma prova temível. Os desfiles dos adversários da dupla decisão da OTAN assumiram por vezes, é verdade, uma amplitude considerável, e vários partidos políticos importantes, como o SPD oeste-alemão ou o Labour britânico fizeram campanha a diversos níveis contra a instalação dos euromísseis. Mas, no conjunto, também a firmeza parece ter resultado. E o anúncio das primeiras instalações, que poderia ter dado o sinal ao reacender da contestação violenta, desferiu, pelo contrário, um sério golpe nesta corrente, pelo menos por agora.

Finalmente, o presidente Reagan — é uma novidade na Casa Branca — tem por si, pelo menos segundo todas as probabilidades — a continuação do mandato. Numa avaliação geral, Shultz não enfrenta este encontro de Estocolmo em más condições.

Um prazo de reflexão

Que procuram exactamente os soviéticos? Não é a moção sobre política externa adoptada por unanimidade pelo Soviete Supremo da passada quinta-feira que permitirá responder à pergunta. Retomando quase palavra a palavra a declaração de Andropov de 24 de Novembro, expandindo a ruptura das negociações de Genebra, o texto lança um apelo aos Estados Unidos e à OTAN no sentido de abandonarem a sua «política baseada na força». Crítica os ocidentais de procurarem a «superioridade militar» sobre a URSS e aprova as medidas de retaliação decididas por Moscovo em resposta ao desenvolvimento dos primeiros Pershing-2 e mísseis de cruzeiro americanos na Europa Ocidental.

Portanto, nada de novo. Certos observadores esperavam que os dirigentes soviéticos aproveitassem a ocasião do plenário do comité central e a sessão do So-

viete Supremo para exporem a sua concepção das relações Leste-Oeste, mas para além destas reuniões de Inverno serem tradicionalmente consagradas às questões económicas, o Kremlin necessita certamente de algum tempo para definir a sua atitude face à nova situação internacional.

A ausência prolongada de Andropov constitui ainda um elemento suplementar de incerteza, mesmo se a partir do seu leito o secretário-geral acompanha com atenção a diplomacia e desenvolvimento da política interna. A política externa da URSS não é o produto de um só homem nem um clã, embora os militares tenha sido levados nos últimos meses a assumir expressão pública dessa política. Ela é o fruto de uma vontade colegial do «bureau» político, o que lhe dá essa continuidade perfeita-mente encarnada por Gromyko.

Os soviéticos lamentaram repetidamente que os presidentes americanos estejam sujeitos à reeleição todos os quatro anos, e não tenham por isso tempo para pensar a longo prazo. Agora, é o chefe do Kremlin que, por força da sua doença, é pressionado pelo tempo. Se ele não quer ficar como o dirigente que presidiu à ruptura do diálogo Leste-Oeste, necessita de tomar uma iniciativa em prazos não muito amplos.

A conferência de Estocolmo poderá fornecer essa oportunidade? O desenvolvimento das armas americanas de médio alcance na Europa constituiu um fracasso político para os soviéticos, que não podem, sem dar a impressão de recuarem, retomar pura e simplesmente as conversações de Genebra. Precisam de respeitar um «prazo de vácuo». Quando todas ou parte das medidas de represália que decidiram serem tomadas, poderão ainda explicar que o equilíbrio pretensamente rompido pela OTAN foi restabelecido, e que em consequência disso, poderão retomar as conversações para a redução dos armamentos num plano de igualdade.

Proporão a «fusão» dos START e dos F.N.I. como foi pretendido em dada altura? Ou preferirão a «fórmula Trudeau» de uma reunião das cinco potências nucleares? A segunda solução apresenta a vantagem de implicar a China, mas principalmente a França e a Grã-Bretanha, cujos arsenais nucleares deveriam ser tomados em conta, nas negociações sobre armas de médio alcance, a pedido dos soviéticos. As manifestações reticências de Paris e a dificuldade ainda maior de se entenderem a cinco do que a dois, tornam a iniciativa muito aleatória. Acontece ainda que os soviéticos estão prioritariamente interessados num acordo com os americanos.

No entanto, o Kremlin terá todas as possibilidades de manobrar para tentar introduzir algumas dissensões no campo ocidental, quanto mais não fosse utilizando o temor, já perceptível aqui e ali, dos perigos que em si mesmo teria o isolamento face à URSS.

Actual-

Video e Audio: É possível comprar o Compact-Disc em Portugal?

Paulo Jorge Cruz

DEPOIS duma abordagem essencialmente técnica efectuada na passada semana abordamos hoje a situação portuguesa do «Compact Disc».

Numa primeira fase, e dos cerca de trinta leitores já comercializados na Europa, Portugal, por dimensões de mercado, verá apenas três marcas. Curiosamente, duas delas utilizando a mesma tecnologia da terceira. As duas são a Marantz e a Grundig, a terceira é a Philips. A Marantz é, digamos assim, um «agente tecnológico e comercial» da Philips, no Japão. A Grundig tinha já há algum tempo sido parcialmente comprada pela Philips, e agora vai mesmo ser gerida totalmente pela multinacional holandesa. Portanto, quaisquer dos três aparelhos terão uma tecnologia semelhante, para não dizer «igual» (os aparelhos da Grundig são iguais aos Philips, o primeiro da Marantz idem e o segundo, diferente por fora e igual por dentro).

Portugal terá assim uma linha de qualidade homogénea (de resto, todas as outras marcas possuem grandes afinidades) o que por um lado traduz a qualidade do sistema e por outra, a sua grande compatibilidade.

Os leitores são ligados a qualquer amplificador pela tomada de auxiliar, é bom não esquecer. Por outro lado, numa segunda fase, a Pioneer e pelo menos a Denon, farão também a sua entrada.

Preços

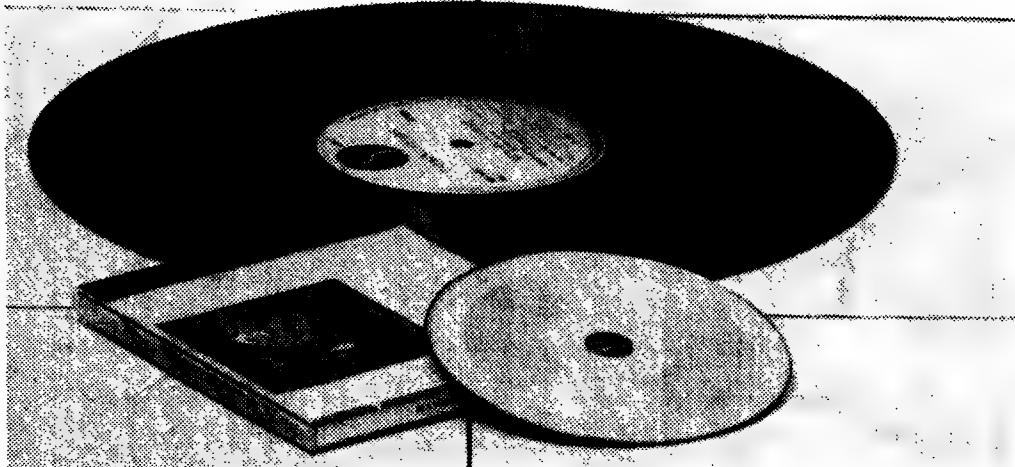
O preço é o calcanhar de Aquiles do sistema.

Para não assustar já, começamos por dizer que eles custam em média o equivalente a um bom conjunto de alta-fidelidade. Esta tendência não é portuguesa, mas geral. Em escudos, isto traduz-se por cerca de 160 contos para o Philips e 190 para o Marantz. É caro, é verdade, mas acima de tudo estamos nos primeiros meses de divulgação e aqui pagar-se-á a novidade. Porém, e no caso da Philips, esta marca pensa poder apresentar um modelo mais barato mantendo a qualidade e apenas retirando alguns extras menos importantes. Além disso, é de esperar que o aumento de vendas, e a consequente maior produção, façam baixar os preços.

Evidentemente, não poderemos pensar que um sistema destes poderá ser tão barato como hoje o são os gira-discos, existem distâncias pontuais, quer tecnológicas quer de qualidade, que o impedem. Em Portugal, um bom gira-discos custa mais de 60 contos, se conseguirmos ter um «CD» a 90 ou a 100 contos, já será bom (na Grã-Bretanha ele custa em média 70 contos, para um poder de compra 4 ou 5 vezes superior...). No fundo é um preço que o melómano exigente tem de pagar mas garantimos que compensa.

Discos...

Também num primeiro lançamento, Portugal recebe, através da Polygram, 45 títulos, tendo cada título cerca de 20 unidades para venda.



O antigo e o novo



O Marantz CD73: tecnologia e modelo do Philips CD-100

3820\$00 por disco, convite ao contrabando

Quanto ao preço, algumas coisas têm de ser ditas. E mais uma vez neste país se caminha pelo terreno mais difícil. Fomos falar com um responsável da Polygram e ficámos a saber que o disco (como muitas outras coisas) após entrar no país sofre uma inflação total na ordem dos trezentos e cinquenta por cento, no meio existe um factor proeminente, uma sobretaxa de 60% que penaliza as importações, o consumo, e também a cultura. Aliás, a cultura é um caso estafado entre nós, no entanto permanente e indiscutível.

Quer isto dizer que o Disco Compacto não custará muito mais de mil escudos à entrada na fronteira, chegando à vítima (o consumidor) por quatro mil escudos. Que pensar, a cultura paga a mesma taxa do perfume. Os discos são música, a música é cultura. Pode-se talvez argumentar que existem os outros discos. Evidentemente, se não se tivesse inventado o automóvel ainda andávamos de burro... Além disso, convidamos à observação dos preços dos «outros» discos importados: entre 1600\$00 e 1900\$00!

Cheguemos a conclusões de facto. Ninguém em pleno juízo compra discos a quatro contos — a

menos que «ache giro», tao «pequeninos e brilhantes» — depois, toda a gente vai ao estrangeiro, e se não há sempre o amigo que vai; a seguir, o tal «pequenino» custa por lá, sempre menos de dois mil escudos; finalmente, eles até cabem no bolso do casaco — e o casaco tem tantos bolsos — depois, depois, ninguém chateia por meia dúzia de discos.

Eis portanto fomentado o contrabando perante a simples política de tudo se querer ganhar. Se cada disco custasse, digamos, dois mil e oitocentos escudos, muitos mais se venderiam por cá, assim muito menos se venderá, em consequência, mais divisas para fora, as discotecas cheias e as casas também. Enfim, mais não dizemos para não sermos acusados de fomentar o contrabando.

O «Compact-Disc» aí está, bonito, novo, bom. Todos os melhores adjetivos. Os que o ouvirem sabem que falamos verdade, os que o ouvirem passarão a concordar, os que o comprarem estão cheios de sorte. Este é o futuro feito para o consumidor, um pouco da vertigem da década da luz, da revolução tecnológica. O «CD», é um pouco o «ET» de Spielberg, um novo conceito no audio/cinema, uma nova imagem da civilização, perdoem-nos a analogia, mas o sintoma é real, é o presente que alcança o futuro.

Mensagens pessoais

Objectos

Vendo sofá-cama, mesa de cozinha e televisor grande (a preto e branco) tudo em muito bom estado. Telef. 2430952.

Casas

Vendo na Moita com 3 anos, 138 m², 5 assoalhadas, 2 casas de banho. Preço a fixar pelos Serviços de Habitação da Câmara Municipal da Moita, entre 1700 a 1900 contos aproximadamente. Contactar os Serviços de Habitação da Câmara M. da Moita.

Vendo apartamento na Encosta de Palmela, com 4 assoalhadas, 2 casas banho. Acessos rápidos. Construção com 2 anos. Comércio perto. Preço 2.500 contos com empréstimo garantido. Condições a combinar. Contactar Isabel Andrade das 11h às 18h, de 2.^a a 6.^a feira, Telf 667716, R: Saraiva de Carvalho, n.º 244 r/c Esq. 1300 Lisboa.

Arco

Vendo arco YAMAHA YTSL, 34, 64 polegadas, óptimo estado, inclui mira. Contactar com Miguel Pedro — Telf. 785179 — Lisboa

Trespasse

Trespasse loja vazia, na Lad. Rego Bonfim, 7 (ao Largo da Conchada) em Coimbra por 650.000\$00 — renda 6000\$00 — Resposta a Manuel R. Cruz — R. Guilherme Gomes Fernandes, N.º 2 (à Conchada) Coimbra

Fotografia

Vendo ampliador fotográfico Zenith, para negativos até 35 mm, P.B., por Esc. 10.000\$00. Escrever para António Manuel Freiria — Rua das Giestas, 6-1.º Dto — Paço de Arcos — 2780 Oeiras, ou telefonar, de 2.^a a 6.^a feira, para 723013 ou , ao fim-de-semana, para 2434099.

Férias

Você não é nem americano, nem alemão, nem inglês e quer fazer férias no Algarve. Fantasia? Impossível? Nada disso. Reserve já o seu quarto ou apartamento. Bons preços. E na zona mais típica, Lagos. Escreva ou telefone A:

A.M.C.S. R. Dr. António Guerreiro Tello, n.º 17-4.º E. 8600 Lagos Tel. 082/60525

Fumadores

Não fume nos barcos do Barreiro nos locais onde está colocada placa de proibição. Respeite os que não querem fumar, as crianças e os doentes das vias respiratórias. Não incentive outros fumadores a seguirem-lhe o exemplo.

Esmeralda Neves — Barreiro.

COMPACTO HI-FI
3-IN-1
RÁDIO-GRÁVADOR-G. 2.ª e 3.ª
29.990.00
2761631
BEPALIZ
R. Capitão Leites 47a ALMADA

AOS CONDUTORES
"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Mensagens pessoais

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Sete
Ponto
Sete

doces crónicas

Clp

A DEOLINDA AN-
DAVA NUMA
AZAFAMA!



COMPRAVA AQUI,
COMPRAVA
ALI!



OS SALDOS
ERAM UM ACONTE-
CIMENTO
ÚNICO!



ERA PRECISO
APROVEITA-LOS!



SAIA DIARIAMENTE,
DURANTE AQUELA
SEMANA, MUITO
CEDO!



FIGAVA A PORTA,
NA BICHA, A ES-
PERA QUE ABRIS-
SE!



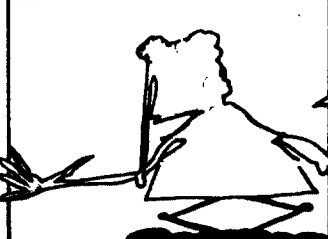
DEPOIS ENTRAVA
DE SOPE-
TAO!



COM AS OUTRAS
COLEGAS DE
CIRCUN-
STANCIA!



ERA PRECISO
TER OLHO!



AS VEZES POR
UM SEGUNDO
PERDIA-SE UMA
PECHIN-
CHA!



A DEOLINDA
CORRIA DE UM
LADO PARA O
OUTRO!



ENCHENDO A
SACA!



"É INCRÍVEL!" - DI-
ZIA DEPOIS ELA
EM CASA!



"A GENTE ZULGA
QUE TEM TUDO
O QUE PRECI-
SA..."



...MAS VAI-SE AOS
SALDOS E É O
QUE SE VÊ!



"CAMISAS QUE
CUSTAVAM MIL, A
CUSTAR QUI-
NHENTOS!"



"TAMBÉM É VERDA-
DE QUE NÃO TI-
NHAM O SEU
NÚMERO!" -



-DISSE VOLTANDO-
SE PARA O MARI-
DO!



E CONTINUANDO
EXCLAMOU:



"MAS C'UM RAIÓ,
METADE DO PREÇO,
NÃO PODIA DEIXA-
LAS LA FICAR!"



Libano: que futuro?

CAMINHAR-SE-Á para o desaparecimento da força multinacional no Líbano? A pergunta não pode ser ignorada, apesar das negativas, muitas vezes embaraçadas, de Washington e de Paris.

No dia 23 de Dezembro, com aquela arte da «gaffe» que lhe é peculiar, o presidente italiano, Sandro Pertini pôs os pontos nos ii, anunciando, durante uma

conversa tida com varios jorna-
listas, que reclamará na sua
mensagem do fim do ano, a reti-
rada dos 2200 soldados italianos
estacionados em Beirute.

*Enquanto lá estavam os
Palestinianos e havia o pe-
rigo de um choque directo
entre eles e os israelitas, a
nossa presença no Líbano,
tinha um sentido claro, ex-
plicou. Mas por que deveriam
morrer os nossos soldados,
mesmo voluntários? pergun-
tou depois de ter afirmado que o
contingente americano está no
Líbano para defender Israel e*

nao a Paz.

A intervenção de Pertini num
debate já velho de algumas se-
manas, tem todas as possibili-
dades de se saldar com a partida
do contingente italiano. No
princípio do mês, o ministro
italiano dos Negócios Estran-
geiros, Giulio Andreotti, já dera
claramente a entender que os
efectivos italianos iam ser re-
duzidos para metade.

Na verdade, a maior parte dos
responsáveis políticos italianos
— do PCI à democracia-cristão,
sem esquecer certos elementos
do Vaticano — opõem-se cada
vez mais à presença italiana no

Líbano. A única excepção im-
portante é Bettino Craxi, o pre-
sidente do Conselho, mas ele
não poderá aguentar-se durante
muito tempo na contracorrente,
mesmo que o seu amigo Mitter-
rand lho peça com insistência.

As pessoas dão-se perfeita-
mente conta dessa situação em
Paris, onde se regista com
grande inquietação mas também
com impotência a marcha dos
acontecimentos. Aquilo a que se
chama pudicamente o «aumen-
to» do contingente francês vai,
de facto, corresponder a uma
redução das suas actividades e do
seu perimetro de acção.

● Violoncelo e clarinete
baixo são dois instrumen-
tos que pode ouvir (e bem)
durante esta semana.
Hoje, às 18 e 30, na Gul-
benkian, Carlos Prieto
(violoncelo) acompanhado
pelo pianista Angel Soller
interpreta a Sonata em Ré
Maior de Back, a Sonata
para Violoncelo Solo de
Kodaly, a op. 40 de Chos-
takovitch e Pezzo Capric-
cioso de Tchaikovsky. Na
quarta-feira, o holandês
Harry Spermay (clarinete
baixo) interpreta a solo
obras de Stockhausen,
Fernyough e Ysunuos
Yun. Na Gulbenkian, às
18 e 30.

● O reinício do ciclo John
Ford, no Grande Auditório
da Gulbenkian e George
Cukor na RTP são as boas
novas no que respeita a «fi-
tas»: hoje, no Grande Au-
ditório da Gulbenkian,
«As Vinhas da Ira» com
Henry Fonda e inspirado
no célebre romance de
Steinbeck, inaugura o
ciclo Ford, desta vez dedi-
cado aos seus filmes dos
anos 40. Na quarta-feira,
às 21 e 15, na RTP 1, Ge-
orge Cukor com «Jantar às
8».

Mas ainda não é tudo.
Hoje, às 18 e 30, na Cine-
mateca, Cary Grant e Im-
grid Bergman em «Difa-
mação» de Hitchcock (que
ainda à pouco esteve em
exibição num cinema lis-
boeta). Às 20 e 30, na RTP
2, de novo Orson Welles.
Desta vez com «Filming
Othello». E, à porta do
fim-de-semana, dois fil-
mes tardios, no Quarteto:
«Intruso» de Visconti e
«Dois vultos na Paisagem»
de Losey. Sexta-feira às
23.30.

● Se dispõe das suas ma-
nhãs aproveite para passar
na terça-feira, às 11 horas,
pelo Anfiteatro I da Facul-
dade de Letras de Lisboa,
onde Umberto Eco realiza
uma conferência sobre a
sua obra.

Entretanto, e se não teve
lugar no Coliseu, pode
hoje ver, às 21 e 15, na
RTP-1, um documentário
sobre a passagem por Lis-
boa da bailarina Maya
Plisetskaya. Na quinta-
feira, também na RTP-1,
às 22 e 15, pode ainda ver e
ouvir Testemunhos com o
escritor argentino Jorge
Luís Borges.

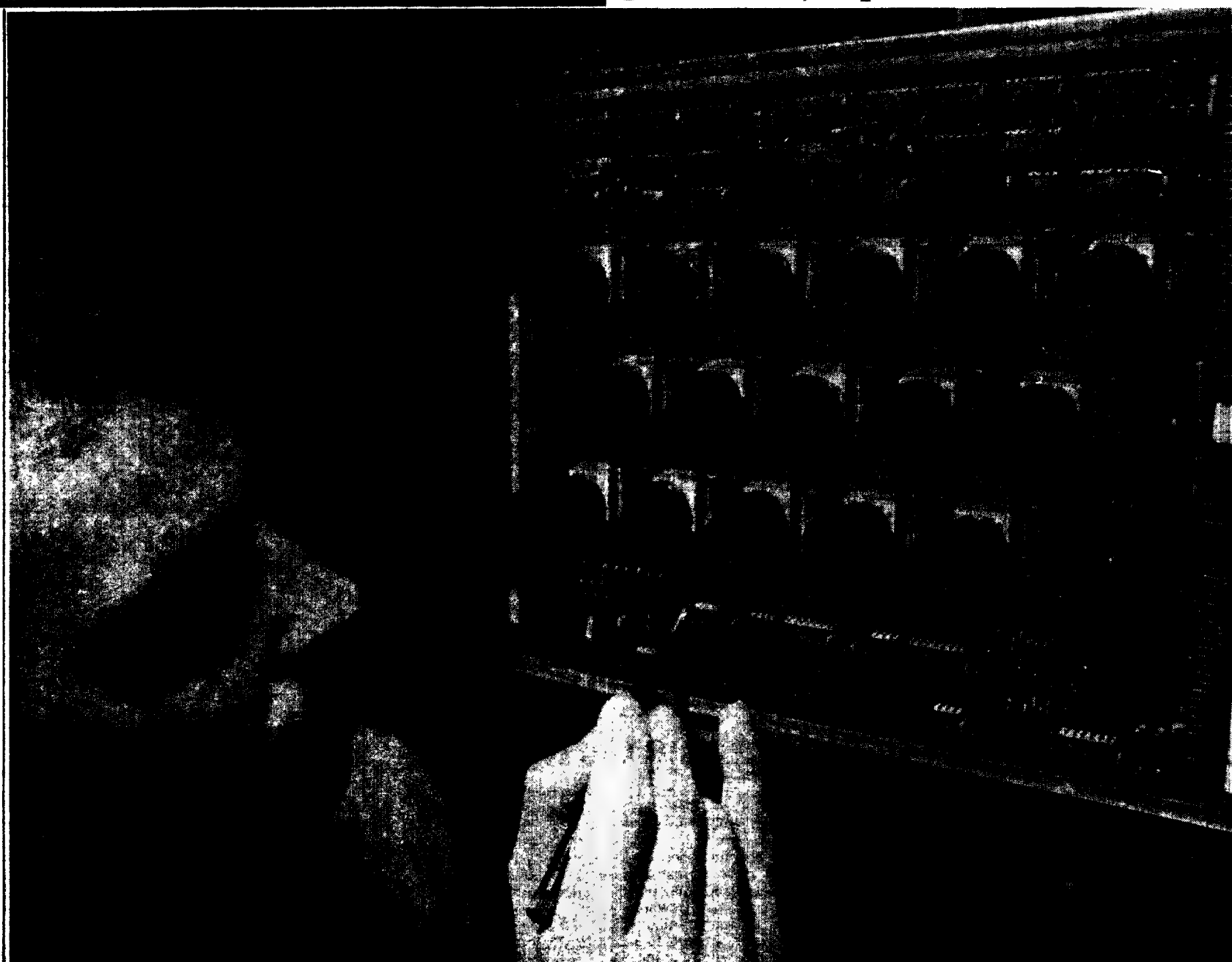
Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais



Fernando Dacosta:
profissão, repórter

Págs. 4 e 5



Comunicações: deserto ou floresta no horizonte 2000?

Pág. 6

Sociedade

Dinamarca

O "serviço anti-tortura" do hospital de Copenhaga

Os torturados contam-se por dezenas de milhares. Para reparar os terríveis prejuízos físicos e psíquicos que os torcionários lhes inflingiram, só há no mundo um serviço hospitalar especializado com...duas camas. O que deveria ser mais bem conhecido e, principalmente, imitado fora da Dinamarca.

Jean Marie Macabrey

E

passou pelas mãos de maníacos da faca ou da seringa, ficará em pânico, perante qualquer extracção de sangue para análise.

A vítima do suplício da banheira recusar-se-á a entrar na piscina onde pretendem fazer-lhe exercícios de reeducação. Quanto à cadeira do dentista, mais de um ex-supliciado fica aterrorizado só de a ver.

dos com a sorte dos outros do que com a sua.

Uma das nossas maiores recompensas, continua a doutora Genefke, é ouvir um paciente anunciar, uma bela manhã, que dormiu bem e teve bons sonhos, depois de anos de noites agitadas. A partir daí os progressos aceleram-se.

O verdadeiro problema é a falta de dinheiro. Com falta de meios — o Centro vive da generosidade de algumas fundações —, a equipa só pode tratar dois doentes e as respectivas famílias nas duas camas que tem no hospital e nos escritórios que o Governo dinamarquês pôs à sua disposição. A doutora Genefke necessitava de um maior apoio financeiro para atingir o seu triplo objectivo: restaurar um velho edifício que fica perto de Rigshospitalet, podendo então receber mais doentes, formar médicos estrangeiros a fim de permitir a criação de outros centros de cuidados no mundo, de preferência perto das «zonas de tortura», e também desenvolver a investigação no domínio do tratamento médico. Em Outubro passado, o Centro de Copenhague organizou um colóquio internacional sobre este tema, graças ao auxílio de um fundo especial das Nações Unidas, criado há dois anos para encorajar iniciativas deste tipo. Dos cento e cinquenta e dois Estados membros da ONU, só dez, entre eles a França, aceitaram contribuir para este fundo «antitortura».

Porque as consequências da tortura ultrapassam a pessoa das suas vítimas directas, o Centro do Rigshospitalet estende o seu auxílio às famílias dos seus pacientes, pelo menos às que vivem na Dinamarca. Muitas vezes os filhos têm perturbações psíquicas, por exemplo, em consequência da sua presença na altura da prisão do pai, e da revista pelos políciais, ao domicílio familiar. Os pediatras e as enfermeiras especializados no tratamento dessas crianças constataram que a sua cura estava ligada à dos pais. Se a saúde dos pais melhora, as crianças deixam de urinar na cama e têm menos dores de cabeça.

A doutora Genefke não esconde a sua satisfação perante os resultados registados pela sua equipa: **Todos os pacientes fizeram progressos. Quando abrimos o Centro, há três anos, não pensava que tivéssemos tanto êxito. Ele é consequência da força de carácter dos doentes, seres extraordinários, ajudados por um ideal muito forte e mais preocupados**

Um «esquecimento» perigoso

Inge Genefke não pretende ser capaz de apagar do espírito das vítimas a recordação dos tratamentos cruéis de que foram objecto. **Tentamos ensiná-los a viver com os seus tormentos e não fazer com que os esqueçam, diz ela.**

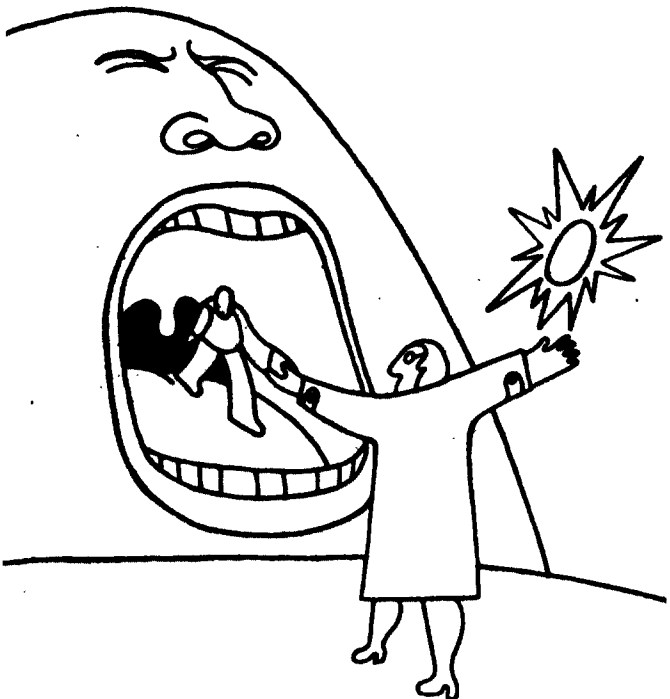
O tratamento, criado pela equipa do Centro começa sistematicamente com longas conversas entre pacientes e terapeutas. O problema da tortura e das suas sequelas é abordado desde o início, mas as vítimas mostram-se muitas vezes reticentes em evocar experiências dolorosas que se esforçaram por esquecer desde que foram postos em liberdade. **A terapia pela palavra tem precisamente o objectivo de encorajar o doente a renunciar à tentação do esquecimento voluntário, fonte de uma maior ansiedade. Outro objectivo é fazer compreender à vítima quais eram as verdadeiras motivações dos seus torcionários.**

Em geral, ela julga que os seus carrascos queriam arrancar-lhe informações, quando o verdadeiro desejo deles era quebrar a sua personalidade de modo a tirar daí prazer e uma compensação para as humilhações de que eles próprios foram vítimas por parte dos seus instrutores. Quando a vítima toma consciência dessa realidade, a sua cura mental torna-se mais fácil, afirma a doutora Genefke.

O medo do tratamento

Os médicos do centro aperceberam-se de que as sequelas psíquicas da tortura eram muito mais difíceis de apagar do que os estigmas físicos.

A maioria dos pensionistas do centro queixam-se de dores nos músculos, nos ossos e na coluna vertebral — a bastonada é, com os electrochoques, a forma de suplício mais generalizada. Neste domínio, a tarefa dos médicos é delicada porque muitas formas de tratamento são susceptíveis de evocar situações de tortura no espírito dos pacientes. Um simples electrocardiograma, com a colocação de electrodos que implica, pode ser extremamente traumatizante para uma pessoa que foi torturada pela electricidade. O que



— S. B. —

«Memórias» Rui Duna
Letras, músicas, arranjos e voz de Rui Duna com Luís Filipe, Toy,
Dalú e Paulino Vieira
ed. Electromóvel
Namíbia/Imbondeiro/Kinama/Zally/Amor de mentira/Bantu/S.
Majestade/Mamy.
1983

À memória de ser negro

Luís Andrade de Sá

Q

UANDO os «barman» empurram o último cliente para a rua, quando já passou a hora habitual das rusgas, quando a noite vai naquela hora perigosa de não ser demasiado tarde nem ainda cedo, há um homem que continua a cantar na imensidão da noite, e prolonga com a sua voz, o prazer dos noctívagos.

Há mais de um ano que ele, todas as noites, acompanhado de cinco músicos, sobe para um estrado e placidamente diz o que tem a dizer. Ele é Rui Duna, angolano, 24 anos, um dos raros cantores da noite, o «patrão» do conjunto negro que anima o «dancing» de S. Bento.

Agora, decidiu editar uma parte do seu trabalho e, no final de 1983 saiu o seu primeiro disco intitulado «Memórias» o qual, mais que não seja, tem a particularidade de anunciar na contracapa o local onde pode ser adquirido: «Afro Music Center, R. de S. Bento, 78.»

É um disco cantado em quibundo e umbundo e que enfermará do ritmo da vida do seu autor, dos permanentes compassos de espera entre a hora do fecho da «Lontra» e a hora da abertura do estúdio: «foi um trabalho extenuante, feito à pressa e cuja parte final foi mal concretizada, o que não impede que o álbum se esteja a vender bem». Se se bem sobretudo nas discotecas dos ghettos negros de S. Bento, S. Paulo e Camões, autênticos armazéns

de discografia preta é também entre a numerosa clientela branca que enche o «dancing» onde ele e o seu grupo, «Jóia Rara», actuam.

Apesar de Rui Duna e do seu grupo, há quem diga que a «Lontra» já foi espaço de vivência negra e que, hoje, faliu enquanto «boite» de pretos.

«Não, os dias é que são diferentes, se você vier cá aos fins-de-semana, há mais um ambiente europeu, enquanto durante a semana isto é só quase o pessoal negro, os casais e, aliás, este meu disco como que reflecte o mestiçar aqui provocado».

Algo se perde na transposição para o acetato das melodias que todas as noites alegram a «boite». Com efeito, a estas «Memórias» (de ser negro) faltam o ambiente de festa, a verossimilhança do real, a participação do ouvinte e, como o próprio nome indica, tornam-se, no gira-discos, o relato solitário e descolado de um homem. Talvez se não goste de ouvir o disco porque já se ouviu. E, contudo, o disco é bom enquanto exemplo de uma música africana feita na emigração, enquanto retorno ao sonho negro, ao ritmo das mornas, dos merengues, ao tropicalismo do «reggae», a demonstrar que não são apenas os grupos que permaneceram na África que detêm o exclusivo da qualidade.

«Nós temos sobre eles a vantagem de não necessitarmos de mostrar que também sabemos cantar como os europeus, os americanos e os brasileiros. Nós porque estamos cá, bastam-nos cantar e sabemos que se canta em África, como nos lembramos.»

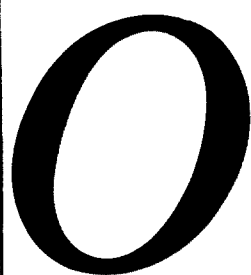
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar: quem não puder ouvi-lo ao vivo, na «Lontra», tente imaginar como é, pelo disco.

Viagem

Animismo e desligação entre o homem e a natureza 3

A "atraente ignorância" de Fourier e o mundo natural de Greimas

João Mendes



O tema da eclosão dos instintos na indústria natural, que, como vimos na semana passada, constitui o cerne da estratégia de Fourier contra a separação, começa por se rebater, curiosamente, no campo da pedagogia. Fourier propõe uma ideia de educação centrada no estudo prático (pelo trabalho) das necessidades que caracterizam o ecossistema:

«Eclosão dos instintos... o regime civilizado sufoca-os através da educação em família e da moral. Uma criança não encontra, nem no ambiente familiar incoerente, nem na indústria desunificada, nenhum meio de desenvolver as suas vocações industriais que muitas vezes lhe dariam um valor vintuplicado» (1). «O problema que a minha teoria resolve, é o de fazer nascer não UMA, mas pelo menos VINTE vocações em qualquer criança de 3 a 4 anos. Aos 5 anos ela deve já integrar-se numa vintena de grupos muito produtivos, inclusive os da cena dramática e lírica; deve ganhar, neles, mais que o necessário à sua alimentação e manutenção, exercendo alternativamente todas as suas capacidades corporais e intelectuais» (2).

No plano da praxis, ou mais precisamente, porque a ideia de praxis é totalmente estranha ao vocabulário fourierista, no plano da estratégia política do falanstério e, mais geralmente, de toda a indústria natural, Fourier defende um «método da distância absoluta» que bem poderia ter sido invocado por alguns marginalismos de há uma dúzia de anos, e que é uma verdadeira «prática política» tal como nos habituámos a defini-la com Poulantzas; uma «luta social pela conquista do poder de Estado», pelo poder de organizar a produção:

«Colombo, para chegar a um novo mundo continental, adoptou a regra da distância absoluta; afastou-se de todas as rotas conhecidas, e avançou por um Oceano Virgem, sem dar atenção aos temores do seu século. Façamos o mesmo, procedamos por distância absoluta: nada é mais fácil, basta ensaiar um mecanismo em contraste com o nosso, em todos os detalhes onde esse contraste seja admissível sem incongruidade» (3).

«Sem incongruência» porque, contrariamente a Owen e a Saint-Simon, que opunham pontualmente aos costumes e às ideologias dominantes propostas «vexatórias» e «escandalosas», Fourier, em conformidade com «as disposições da natureza», preferia que ópticas contraditórias (modos de vida e de produzir contraditórios) pudessem coexistir até que o julgamento e a preferência das populações acabassem por decidir sobre qual ou quais se deveriam manter e desenvolver.

Vale a pena transcrever parcialmente, e a título meramente heurístico, o seu «Quadro da distância absoluta em processos industriais» (4), e compará-lo, por exemplo, com um outro, de 1974, produzido por Robin Clark, do grupo *Bio-technic Research and Development*, para manifestar as contradições mais significativas entre as tecnologias ditas pesadas, ou duras, e as ditas ligeiras, ou doces (5). A extrema polissemia de algumas das alíneas de Fourier dá bem conta da vontade de reconduzir a produção à esfera natural (de que seria necessário elucidar os conteúdos).

«Quadro da distância absoluta em processos industriais»

«Método repugnante:

1. Reunião mínima, uma só família despro-

vida de capitais, de crédito e de mecânica. Ausência do regime de acções, do bem societário e das suas imensas economias.

Método atraente:

Reunião máxima de 350 a 400 famílias bem providas de capitais, crédito e meios. Fundo societário, dinheiro, terras, animais e utensílios, etc., representados em acções negociáveis e reembolsáveis.

Método repugnante:

Separação e colisão das três indústrias primordiais, cultura, fábrica e doméstica.

Método atraente:

Fusão das indústrias primordiais, com serviço doméstico em diferentes graus.

Método repugnante:

2. Sessões longas, tristes, individuais, sem intriga. Solidão, monotonia de funções, instintos sufocados. Emprego confuso dos sexos, das idades e dos terrenos.

Método atraente:

Sessões curtas e variadas, em grupos com intriga. Multiplicidade de empregos de opção para todos os instintos. Distribuição oportuna dos sexos, idades, terrenos, etc.

(...)

Método repugnante:

7. Operário excluído da propriedade e do consumo. Escravidão indirecta, através da pobreza. (...)

Método atraente:

Fácil acesso à propriedade por acções e ao bem-estar. Liberdade pelo mínimo assegurado. (...)

Método repugnante:

9. Ridículo e ruína pela prática da verdade. Perda de fortuna e da saúde pelos prazeres. Concurso da degradação climática e sanitária. (...)

Método atraente:

Via de fortuna pela verdade e a justiça. Via de saúde e de benefícios pelo abandono aos prazeres. Restauração sanitária pela unidade de acção. (...)

Barthes dizia que ironizar sobre as enumerações de Fourier é sempre «censurar o significado» (6), mas devemos entender-nos, sem ironia, sobre a ideia de natureza que se adivinha por detrás do écran barroco do seu discurso: não é fácil distinguir, na retórica fourierista, uma ordem humana ou social, ou diferente de, uma ordem natural contrária. Em Fourier, tudo se passa como se a instituição, pelo nosso imaginário, do real, fosse incapaz de as separar, de as desatar, «como se o real fosse ao mesmo tempo mais magro e mais essencial do que as sobrestruturas de que o recobrimos» (7). A natureza, em Fourier, é indistintamente a natureza separada, a natureza do homem, a natureza das coisas sociais, ou ainda, e sobretudo, as três ao mesmo tempo — é aí que reside a sua irreverência fundamental, e a sua «ignorância» fundamental também: ele esqueceu-se das sedimentações paradigmáticas, desprezou as filiações e todas as bibliotecas, para fazer uso da palavra a partir do vivido e dos seus sentidos pulsionais. O seu ideário emerge, assim, cheio de sistematizações selvagens. Ele lê como um iconoclasta, e essa leitura, que é o essencial do trabalho fourierista, subsume toda a natureza — sociedades, sentimentos, formas, reinos naturalistas — enquanto espaço total da «harmonia» porque o homem, para Fourier, está absolutamente incorporado no Universo, incluindo os astros» (8). O homem de Fourier é aquele que, segundo o vocabulário de Gilles Deleuze, «faz máquina» com a natureza, antes mesmo de saber classificar, segundo os seus poderes, os objectos que nela encontra. Neste sentido, ele delira-a como o presidente Schreber a delirava.

Greimas e o mundo natural

Deixemos esta reflexão fazer um desvio pelo papel da linguagem na partilha natureza/cultura. Vimos que, em Fourier, a resposta à questão das pertenças de um e de outro não pode existir, como se a questão estivesse, ela própria, mal

colocada, por rejeitar a solidariedade constitutiva dos dois moldes e por ignorar a simbiose profunda que permanentemente remete uma para a outra.

Encontraremos esta posição de Fourier até à antropologia contemporânea, ao constatar como é possível situar a espécie humana face à natureza como elemento dela, encontrando a sua definição no interior do sistema natural.

Mas reconheçamos primeiro que é através da linguagem, e especialmente pela nomeação, que o real se organiza e acaba por subsumir o próprio sujeito. Dois reparos de Greimas clarificam este papel instituinte do significante:

«A posição da lógica neopositivista, afirmando a existência de uma referência dos nomes próprios a objectos do mundo, não pode senão aborrecer o linguista, consciente que este está da participação da língua na construção do mundo dos objectos e da relatividade, correspondente à diversidade das sociedades humanas, da divisão do mundo das significações» (9).

Greimas acrescenta que a postulação neopositivista da pré-existência, em relação ao sentido, de uma ligação entre um nome e uma porção do real, engendra a hipótese da linguagem e a sua identificação com o mundo. Essa postulação é solidária do fantasma da onipotência do pensamento, recuperado pelo racionalismo como indica o exemplo extremo da identificação necessária do real com o racional no sistema hegeliano. Poderíamos criticar as consequências epistemológicas desta posição apoiando-nos em Sartre («Les mots») ou em Foucault («Les mots et les choses»). Mantenhamo-nos, em vez disso, na área de Greimas: é que a semiologia de Greimas propõe o mundo extralinguístico não como referente incondicional, mas sim como lugar da manifestação do sentido, sempre atualizável:

«... É-nos necessário postular a possibilidade de uma semiótica do mundo natural, e a de conceber a relação entre os signos e os sistemas linguísticos, por um lado, e os signos e os sistemas de significação do mundo natural, por outro; não como uma referência do simbólico ao natural, da variável à invariante, mas como uma rede de correlações entre os dois níveis de realidade significante. Paralelamente às ciências da natureza, as ciências do homem podem assim afirmar a sua autonomia, que não provém da «natureza» dos objectos de investigação, palavras ou coisas, natureza ou cultura, mas do método de estudo que os constitui a todos como objectos humanos, quer dizer, significantes para o homem» (10).

Um longo caminho foi percorrido até que Greimas adoptasse, no seu campo, esta mudança radical na leitura do dualismo natureza/cultura. Como vimos ao abordar uma definição da palavra natureza (primeiro artigo), a figura genérica deste dualismo é rebatida, no plano da diacronia, sobre a passagem do «homem natural» ao «homem cultural», que reformula uma outra, mais própria do evolucionismo histórico de Morgan e de Engels, da «barbárie» à «civilização». A história da cultura é por isso apresentada como um processo de emancipação do homem, que se teria libertado da natureza. *Ausgang aus der Natur in die Kultur* para Kant, *Heraustreten aus den Tierreich* para Hegel, segundo uma tradição que terá nascido explicitamente com Hobbes, em reacção contra a mitologia do bom selvagem (a qual herdava das narrativas maravilhosas da criação, e que alimentou uma corrente moralista desde Montaigne a Daniel Defoe).

Com Kant e Hegel, o progresso da cultura torna-se, por outro lado, sinónimo de progresso da liberdade, por oposição à *Unfreiheit* do estado natural, a que estão sujeitos os animais.

Também encontramos este paradigma na matriz do materialismo histórico, com a diferença de que para Engels, e para Marx, é o trabalho, e uma praxis adequada à organização/dominação da natureza pela produção socializada, que vêm tomar o lugar da *Fortschritt im Bewusstsein der Freiheit* (progresso na consciência da liberdade).

Com Malinowski, a antropologia viria a esboçar um passo decisivo contra a manutenção da dicotomia: Ao construir um quadro, bastante behaviorista aliás, das «necessidades elementares»

do homem e das «respostas culturais» correspondentes, ele inclui, na lista destas últimas, práticas que nada têm de «cultural», se referirmos o sentido da palavra ao que ela adquiriu no discurso filosófico entre os séculos XVII e XIX (11). Malinowski foi acusado de ter esboçado, não um quadro de «respostas culturais», mas sim uma lista das funções naturais comuns a todos os mamíferos e a um grande número de outros vertebrados. Sem o ter talvez desejado, ele situava assim o homem no seio na natureza, e a «cultura» seguia esse movimento.

Lévi-Strauss viria a manifestar uma atitude extremamente curiosa perante esta problemática: depois de ter estudado a passagem da natureza à cultura nos sistemas de parentesco, pondo de lado as determinações biológicas mesmo em casos como o da interdição do incesto (12), como se os mecanismos «culturais» fossem, à partida, autónomos em relação à natureza, ele acaba por afirmar a necessidade de «reintegrar a cultura na natureza», e finalmente a vida no conjunto das suas condições físico-químicas (13). Não discutiremos aqui a validade da base de redução assim proposta, e é portanto a primeira metade do reparo que sublinho. Há, aliás, no último Lévi-Strauss, um gosto pela referência à natureza inanimada, à «mineralização», a que não é estranho um horizonte condicionado pela hegemonia da pulsão de morte e que, para além de constituir provavelmente um princípio de leitura da sua obra rica em consequências, interessa especialmente aos estudiosos da «posição de desejo da ficção científica»...

Mas, basta de ironia:

Estas primeiras indicações, dispersas e nãoexaustivas, sobre o rebentamento da dicotomia natureza/cultura, vindas de diferentes registos discursivos (Fourier, Greimas, Malinowski, Lévi-Strauss), têm no entanto um valor unicamente indicativo, e não permitem uma tematização suficiente da nossa problemática. No entanto, elas deixam sem dúvida entrever os pontos fracos do edifício em questão e, na sua rebeldia parcelar, testemunham o desejo de um sujeito que «faça máquina» com o universo e com o *socius* sem que isso signifique um regresso à «barbárie».

A tematização da natureza não-separada só se torna possível a partir do trabalho de Serge Moscovici, trabalho «perspectivista» no sentido nietzscheano da palavra, como teremos oportunidade de ver, e que se funda numa leitura diacrónica do sistema das forças produtivas tido como parte da definição de cada estado de natureza.

Este trabalho, onde a definição das forças produtivas está a meio caminho entre a do marxismo e a de Mauss, porque o lugar do «Know How» e dos conhecimentos técnicos e científicos desempenha nelas um papel preponderante, abre, aliás, a porta àquela que foi, nos últimos anos, uma antropologia como a de Edgar Morin. ■

Notas:

1) *La fausse Industrie*, Fourier, Paris 1835, p. 397

2) Idem

3) Idem, p. 52

4) Idem, pp. 54, 55

5) Quadro citado por David Dickson in *Alternative Technology and The Politics of Technical Change*, Fontana, London 1974, pp. 103, 1046) *Sade, Fourier, Loyola*, Roland Barthes, Du Seuil 1970, p. 92

7) Idem, p. 98

8) Idem, p. 101

9) *Conditions d'une Sémiotique du Monde Naturel*, A. J. Greimas, in *Langages* n.º 5

10) Idem

11) A série «maldita» de Malinowski: metabolismo, reprodução, bem-estar corporal, segurança, movimento, crescimento, saúde/subsistência, parentesco, abrigo, protecção, actividade, educação, higiene.

12) *Les structures élémentaires de la parenté*, Claude Lévi-Strauss, P. U. F. 1949

A seguir:

Moscovici e as naturezas orgânica mecânica e cibernética

Fernando Dac profissão: rep

Aos que recusam o poder, a esses seres notabilíssimos, dedica Fernando Dacosta um livro de ficção política que poderia ter sido uma peça de teatro se o autor não estivesse desencantado com as incursões que fez nesse domínio. Escrever teatro, nunca mais — decidiu. «Nunca pensei que os dramaturgos fossem tão desprezados neste país.»

Já que os grupos parecem preferir, de caras, os autores estrangeiros, ele não se intromete nos seus gostos e afeições. Deixa-os gozar o privilégio da escolha e escapa-se, muito discretamente, para o romance. Basta de massacre: «não sou masoquista», diz — arremessando-me um sorriso onde a ironia se toca com a finura.

Cá está. Com «Sequestraram o Senhor Presidente», ficção política que não é tanto ficção como isso. Os personagens e as situações são-nos familiares, têm um certo sabor de

«déjà vu». Reconhecemos neles rostos, embora sobrepostos, de alguns dos nossos políticos, cenas vividas e também facetas do povo português. E depois, muito nítido, no papel de manobrador de «marionetes», o jornalista. Não um jornalista qualquer mas o mítico, aquele que Fernando Dacosta acha que deveria ser a imagem de todos os jornalistas e com o qual se pretende identificar.

Convencidos de que a Imprensa é, segundo um lugar comum, o quarto poder, muitos jornalistas esfarrapam-se para atingir o topo e, assim, se sentirem importantes, soberanos ainda que efêmeros de um reino onde campeia a intreiga, a habilidade, a esperteza salaioia. «Muitos encaram o jornalismo como um degrau para o poder. Vestem-se como os políticos de serviço, falam como eles e frequentam os mesmos bares... O poder não é só o Governo: é a universidade, a igreja... as instituições. Já reparaste, certamente, como a informação política predomina dos jornais e como aliena não só os leitores como os próprios jornalistas limitando o desenvolvimento cultural da sociedade em que estamos?»

Há política e políticas. Fernando Dacosta fala destas, com que nos defrontamos, diariamente, na informação: «Os

jogos de poder, interesses partidários e maquinações diversas. Felizmente que o povo está cansado e começa a dar aos políticos a importância que eles realmente têm — a de meros servidores dos interesses gerais.»

O livro «Sequestraram o Senhor Presidente» pode ser encarado como uma homenagem aos políticos utopistas e idealistas que foram cilindrados pelos outros.

Os outros que são? «Estes com que convivemos. Os politiquinhos, os censores, os candongueiros que acabaram por atirar — ou ainda conservavam uma certa pureza, pela borda fora.»

— Galifões?
— É essa a palavra...

Símbolo

No livro, Fernando Dacosta diverte-se. Tal como nos divertimos os dois, entrevistadora e entrevistado, no bar de um hotel antigo com memória de misteriosos hóspedes, do tempo da última guerra quando Lisboa era uma espécie de ninho de espões e aventureiros. Num tom de voz muito baixo, vai-me conformando o que a leitura do livro me tinha sugerido. Mas o presidente é... «Um símbolo e, por isso, morre no final.»

Teatro: estar perante uma peça de teatro foi a impressão com que fiquei do livro. Aliás, a intenção é essa. O autor não resistiu ao fascínio que o teatro produz nele. E, afinal, no poder e nos mecanismos que o sustentam não há o artifício do teatro? «Evidentemente que me apercebi de toda a encenação de que o poder se rodeia. Verifiquei, por outro lado, que os políticos são uns desgraçados. E como desgraçados que são tentam compensar-se com os rituais que têm à mão. Daí que sintam a necessidade de ver os jornalistas aos seus pés. Que os vejam como máquinas ao seu dispor tal como os automóveis oficiais.»

Estou a ver, vejo-os acabrunhados quando caem em desgraça. Como sou boazinha, tenho pena, quase choro. Não digas mais, pára, Fernando. Não me ouve, tão enfronhado se encontra no discurso... «A tal ponto que se tornam patéticos no seu apego ao poder. Temos uma série de políticos desempregados que vivem com a nostalgia no tempo em que eram ministros, secretários de Estado ou conselheiros. É curioso: parecem cães vadios à procura do dono pelos bares e colóquios. Se os olharmos nos olhos descobrimos uma melancolia. Já os cheguei a encontrar em quatro sítios no mesmo dia... Não têm calor próprio e precisam do calor dos outros para se aquecerem. Lembro-me do actor que ne-

cessita do público. Aqui o público é simbolizado pelas massas, os flashes dos fotógrafos, as câmaras da televisão.»

Então o repórter (no livro) narra. Conta-nos como se comporta um presidente que até é sensível, não de todo desumanizado, num cerco montado por manifestantes que reivindicam melhores salários. O sequestro de que o livro fala. «Como não está comprometido com questões egoístas, o repórter tenta compreender e não julgar...»

— O teu livro é um jogo...
— Sim, mas construído a partir de factos.

— O teu presidente tem a ver com o Mário Soares, não tem?

— Tem mas também com outros: com o Álvaro Cunhal e Costa Gomes...

— Verdade. No passado político do presidente detectámos um lado de Álvaro Cunhal, na prisão, e o ascetismo que o caracteriza.

O jornalista és tu...
— Talvez.

Actor

A propósito de Mário Soares recordo-me de ter lido as reportagens de Fernando Dacosta sobre as peripécias da última campanha eleitoral, em que ele acompanhou o ainda candidato a Primeiro-Ministro. Nesses textos que escreveu transparecia uma dose de simpatia pelo chefe socialista. Por ele ou pelo seu teatro? «Assumo isso. Foi fascinante esse trabalho. Aliás Mário Soares é uma personalidade complexa e, sem dúvida, um excelente actor que interpreta a sua personagem de acordo com as situações. E, como bom actor que é torna a ficção sincera. No contacto com as multidões revela-se um indivíduo de uma extraordinária comunicabilidade. Descobri já depois das eleições que o fenómeno social verificado à volta de Mário Soares não era dirigido à pessoa dele mas a um pai-salvador que trouxesse um pouco de esperança e crença à vida das pessoas.»

— E Mário Soares é genial a interpretar esse papel, não é?

— Inegável.

— Tu também foste apanhado por essa representação... ou fita, se quisermos.

— Fui porque tinha muita força. Foi um dos melhores espectáculos a que assisti na minha vida. Vi também a espantosa capacidade de fé que o povo português tem, o que pode ser perigoso porque assim está à mercê de qualquer ditador atraente que saiba convencê-lo. Digo como Fernando Pessoa: a religião portuguesa não é o cristianismo mas sim o sebastianismo.

Do livro «Sequestraram o Senhor Presidente» escorre, para além de uma certa acidez, muita

ternura. Pelo presidente. O que vai fazer senhor Presidente? Resposta: «Interpretar até ao fim o meu papel.» Era um tipo com imaginação. Que em miúdo, na sua aldeia se imaginava um pequeno príncipe ali abandonado, um ser diferente que sonhava que «um dia havia de aparecer uma comitiva de grandes automóveis e gente poderosa a buscar-me, a aldeia viria à estrada a ver-me partir, lançaria foguetes».

Nessa altura sonhava, ainda, com fadas. Ternura também a mostra pelo Manifestante que em criança sonhava na sua terra, ser motorista de praça. Que em casa, no seio de uma família pobríssima e numerosa, «comia milho, meses seguidos». O manifestante, porta-voz dos outros manifestantes, perde a agressividade perante o presidente quando conversam. Até

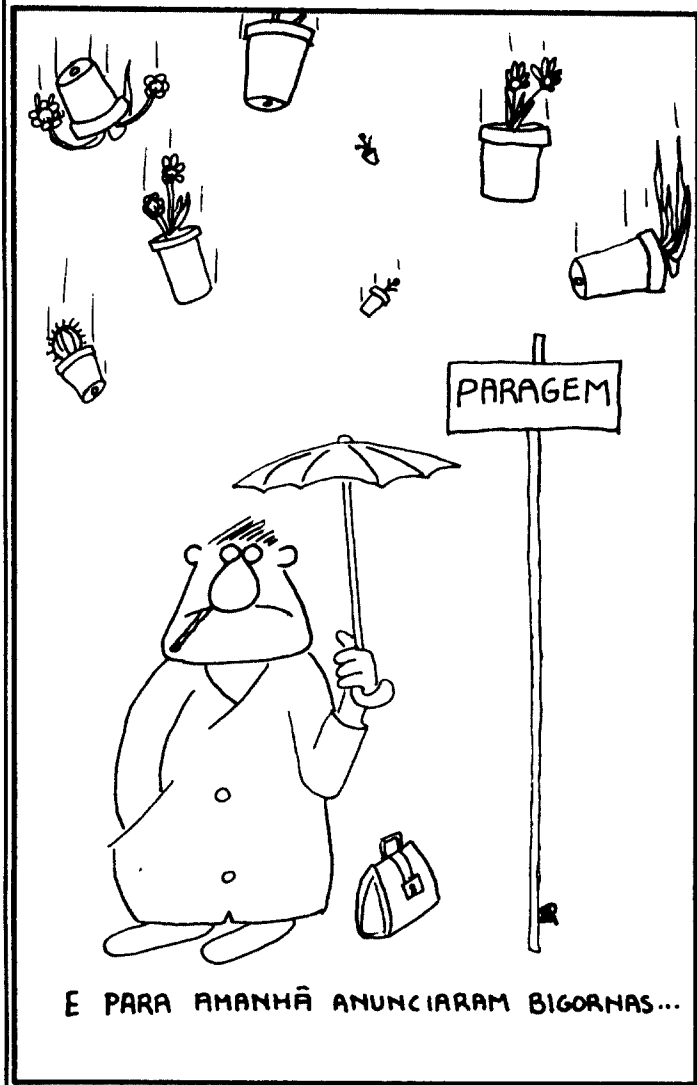
simpatiza com ele mas... não é possível retroceder. Há os outros lá fora a aguardar o resultado. O que lhe vai dizer? «Uns acusam-me de estar feito con-sigo, outros de esquerdismo, de aventureirismo.»

Tudo acaba com um «paralítico», material para o futuro julgar. O corpo do presidente imóvel, parado, no exacto instante em que são disparados os «flashes» ou as balas.

Provavelmente os jornalistas reais iriam a correr para as redacções como vampiros. O repórter do livro abandona o palco com amargura. «A nossa profissão está muito degradada. Ser jornalista neste país é menos do que nada. Nisto a esquerda teve culpas: nunca

Lourd

O poder não pode passar ser



rgatórios

costa, órtter

urd's Féria

o é mexeu uma palha. Com refinadíssima maldade, hipocrisia e estupidez, todos os governos têm impedido a dignificação da Imprensa. O político, ao pressentir que a Imprensa pode ser um contrapoder, quer sabotá-lo. Então utiliza o jornalista como muito bem lhe apetece: ou o alicia, lhe paga principescamente e o corrompe; ou o põe na prateleira, lhe paga os mínimos e fecha-lhe o jornal.»

— E se aparecesse em Portugal, um grande jornal a jogar na qualidade... resultaria?

«Com certeza. Por ironia, enquanto os jornalistas andam quase na miséria, uma boa parte dos jornais portugueses são negócios da China e

os que o não são deve-se ao facto de destilarem um recionarismo tão arcaico que já ninguém lhe pega. Quanto aos jornais estatizados nenhum governo levantou um dedo para os tornar rentáveis. Pelo contrário: fundiram-nos uns com os outros e asfixiaram-nos à força de lhes imporem administrações e direcções ignorantes. Entretanto vão-lhes dando, a conta-gotas, o oxigénio dos subsídios, enquanto lhe põem em cima do pescoço o cutelo do encerramento.»

Jornalismo criativo é a aposta de Fernando Dacosta. O que persegue, se o deixarem. Mas como? Se tudo se processa num ritmo frenético, sem o mínimo de preparação. Nem sequer de vontade. Como tratar dos assuntos cuidadosamente, pensá-los, recolher material que os apoie se nos exigem uma peça para ama-

nhã ou para logo? «Nos semanários franceses um jornalista tem um mês para tratar de um tema. Aqui pedem-nos para o fazer em três ou quatro dias... Impossível. Qualquer jornal diário deveria ter o dobro da gente que tem. Por outro lado, um jornalista criativo só está em desvantagem em relação aos outros que parem peças a metro. E quando é irreverente olham-no com reservas, trazem-no debaixo de olho. Outras vezes se vêem que é bom sobrecarregarem-no com trabalho sem ao menos lhe darem qualquer compensação material.

— Entretanto, quem recebe os cheques debaixo da mesa, são os outros os que não levantam problemas, os respeitadores da ordem e do Poder...

— Pois, pois. Quando se começa a levantar ondas colocam-nos na prateleira...

E bico calado. Há desemprego entre os advogados e os arquitectos, o que faz com que um jornalista insatisfeito pense duas vezes antes de se demitir. Sabendo da frustração profissional de muitos de nós, Fernando Dacosta meteu-se na aventura de editar os «Cadernos de Reportagem». Uma novidade no panorama pobre e sonso da informação. «Pensei que seria bom alargar os campos de actuação ao jornalista. Lembrei-me de ter lido bons textos nos jornais e que se perdem. Como gosto muito da reportagem — é criativo — achei que era interessante fazer cadernos que fixassem bons momentos dessa forma de escrita.»

Prémio

Por sorte Fernando Dacosta tinha recebido um prémio de reportagem. Cem contos, o que há três anos ainda era dinheiro. Como a sua índole não lhe pende para a ganância resolveu investir o dinheiro numa cooperativa de edições chamada «Relógio D'Água». Com os livros as coisas não têm corrido lá muito bem. «Somos inexperientes e andamos um pouco às apalpadelas na tentativa de encontrar um caminho.» Quanto aos Cadernos, tem-se registado uma subida nas suas tiragens, o que começa a ser gratificante. Já estão cá fora três e o quarto, em breve, virá à luz do dia.

Após a experiência do teatro, duas peças publicadas (uma delas «Um Jeep em segunda mão», galardoado com o Prémio de Teatro de 79 instituído pela Televisão), Fernando Dacosta vira-se para o romance onde quer surgir como autor capaz de contar histórias. «O imaginário português é muito rico. Julgo que as pessoas gostam de ouvir histórias... neste momento o nosso romance é

um dos mais criativos da Europa. Aliás o ressurgimento, em Portugal, da literatura deve-se à mulher que sabe contar histórias com afectividade. Agustina Bessa Luís diz que temos a cultura da afectividade como outros países têm a cultura da matemática.»

— Também há muitos homens à escrita... com afecto.

— Por arrastamento. Elas abriram o caminho, levaram os homens à desinibição e eles agora já não têm vergonha de escrever sem sexo.

— Ou com o «phalus...»

— Sim... ou isso.

Menino de caracóis (ainda hoje os conserva), Fernando Dacosta veio, aos quatro anos, de Angola para a região do Douro. Ali onde as terras produzem um vinho doce, perfumado, cor castanho de ouro. Completa o sétimo ano, no liceu de Lamego, e de seguida vem para Lisboa. «Adoro Lisboa. Considero-a a minha terra adoptiva. Tal como as famílias, as terras também se escolhem... Pertence-se a esta família ou àquela por acidente. Mais tarde elegemos para nossa família quem queremos. E aí que se exerce a liberdade das pessoas. No escolher do mundo que constroem... a sua vida e a sua morte. Tudo o que tenho na vida foi fruto de uma opção.»

Com aquele ar de quem não quebra um prato, Fernando Dacosta é um sujeito determinado. E que exerce o livre-arbítrio, faculdade que muita gente nem sequer sabe que existe. Não se escandalizam, leitores. Vou-lhes revelar um segredo: ele... acha o trabalho uma maçada. Faz-me o elogio da preguiça como Lafargue. «A preguiça é altamente criativa. Adoro o sol, passear nas ruas, ir aos bares, o amor, a conversa, a má língua, os pequenos prazeres... como todos os portugueses que se prezam. Sabes, que nós somos um dos povos mais civilizados do mundo. Já o Jorge de Sena me dizia, vindo de país do Norte da Europa: são uns bárbaros. Tinha toda a razão. São diferentes dos portugueses, um povo que gosta de vinho, de sol, de conversar, de fazer amor...»

Muito recentemente, como quem sopra uma pena de ave, afirma: «Cada vez menos me interessam as carreiras e os cargos. Para mim viver a vida supera, de longe, a política e a arte... tudo coisas menores. Ao contrário de Balzac que lamentava uma noite de amor porque (dizia) era um desperdício. Um tempo que podia ter aproveitado a escrever seis páginas de um livro... eu penso que nem um livro inteiro vale esses momentos.»

Mas que exemplo! Balzac era um «voyeur». E há tantos por aí... infelizmente.

Mensagens Pessoais

Radioamador

COMPRO Antena Vertical multibanda Emissor/Receptor HF Manuel Cerva — CTICZZ Praceta da Calçada, 7, 1.º Esq. 7800 BEJA

Alta fidelidade

Aparelhagem High Fidelity Grundig Compact Center 430-2 com móvel. Vende-se tudo novo. Contactar telefone 2766891

Patins com botas de hockey

Vendo barato em bom estado, n.º 39. Dou 1 par de luvas, caneleiras e 3 pares de meias. Telefonar 640499 a partir das 21 horas. Maria da Luz Silva e Sousa.

Frio

Vendo vitrina frigorífica nova 100 c., máquina café saco nova 50 c., ofereço 1 frigorífico e 1 arca congeladora (precisam reparação). Escreva ou telefone a: AMCS — R. Dr. António Guerreiro Tello, n.º 17-4.º E 8600 LAGOS — Tel. 082-60525.

Windsurf

Vendo tudo ou parte melhor oferta a partir de: Prancha «Sainval Compact» completa a andar: 30 contos. Vela suplementar de regata «Alfa»: 10 contos. Fato neoprene completo tamanho médio incluindo arnês: 10 contos. Tudo a partir de 45 contos. Pode ver Clube Náutico Sines. Propostas para: Mário Oliveira. R. Deputado António Santos Silva, 13-B, 1.º Dt.º 7520 SINES

Caixas e estojos

Tipo ourives em estado novo, lindas embalagens para os mais diversos fins e aplicações. Muitos tamanhos e variedades. Óptimas e originais para colecções e arrumação. Rua João Saraiva, 7-A (Alvalade) Lisboa. Telefone 891061

«Baby-sitter»

Moça oferece-se para tomar conta de crianças, com experiência de trabalho na CERCJ.

Por favor contactar, Cristina Maria Nobre, Telefone 855477 das 9 horas às 17 horas.

Explicações

Jovem universitária dá explicações de Português, Francês e História no Ensino Preparatório e Secundário. Elisabete Martins. Rua Dr. João de Barros n.º 13 5 dt., 1500 Benfica. Telefone 713864

Troca aulas

Professor português escolas línguas dá aulas referida língua em troca de equivalentes inglês/alemão. Nível desde elementar contra sete anos inglês/alemão. Resposta por escrito. António Pereira/Av. 5 de Outubro 31-3.º 1000 Lisboa

Bilhetes teatro

Tenho 5 bilhetes a mais para o espectáculo da actriz brasileira Maria Barreto Leite («Diálogos Comigo») na Academia de Santo Amaro, sábado dia 21 à noite. Dispenso pelo preço do custo (150\$00). Telefonar para C. Soares Costa. Telef. 2420356.

Sala no Barreiro

Alugo sala para consultório médico ou gabinete de trabalho no centro do Barreiro — renda a combinar — um ou mais interessados — Telefone 2079430 depois das 20 h.

Mensagens Pessoais

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

sem a teatralidade

Jean Genet



Flores de estufa

«Não por acaso, está muito difundida a ideia de que o jornalismo aberto, humanizado, moderno, é inseparável da valorização de factos ligados à vida íntima de certas personalidades, ao tratamento obsessivo e sensacionalista do crime, à intriga política, à futurologia, ao comentário sobre a hipótese inconsistente».

Miguel Urbano Rodrigues
«O Diário» 9.1.84

«Acredito que em 1984 (o sr. Mário Soares) cairá da escada sem ter sequer a possibilidade de tentar o assalto à Presidência».

idem

«A Igreja não vai calar-se nem antes nem depois da discussão da proposta de lei de despenalização do aborto na Assembleia da República».

Pacheco de Andrade
«DP» 9.1.84

«Tenho conhecimento de que está a ser feita uma recolha de assinaturas no seio da Igreja Católica contra a despenalização do aborto e eu próprio já assinei».

Ministro da Justiça
«A Capital» 11.1.84

«Os três casos em que o PS aceita despenalizar o aborto, coincidem com situações que, de certo modo, já encontrariam abertura nos princípios gerais do Código Penal em vigor».

Beatriz Cal Brandão
«O Jornal» 13.1.84

«Se o aborto fosse despenalizado só nos restaria por escritos nas fronteiras da Pátria e emigrar, enrodilhados na nossa dor e envoltos na nossa inqualificável vergonha».

Adelino Alves
«O Dia» 13.1.84

«800 milhões de chineses podem gerar problemas».

«O Dia» 12.1.84

«Para a Polónia do ano 2000 o Papa aprovou um programa sócio-religioso».

«O Dia» 10.1.84

«Não há excesso de médicos em Portugal, mas sim falta de vagas».

Ministro da Saúde
«DN» 10.1.84

«PS concordou com a extinção da Anop».

José Alfaia
«DN» 10.1.84

«Portugal exporta treinadores de futebol».

«A Capital» 12.1.84

«A diferença entre mim e o Chalana está na idade».

Futre
«Record» 10.1.84

Futuros

Comunicação: o horizonte 2000 entre o deserto e a floresta

O século vinte e um será o século da Comunicação. Esta predição que já não o é, significa antes de mais que a parte de comunicação do trabalho, os tempos livres e a vida quotidiana vai aumentar com regularidade. Isto também quer dizer que as indústrias e os serviços de comunicação ficarão a ser um dos raros sectores que oferecem perspectivas importantes de emprego. Os peritos calculam em mais de 500 mil milhões de francos, em 1990, o mercado mundial, só da telecomunicação. Nos Estados Unidos, apesar dos problemas devidos a apostas financeiras arriscadas, a taxa de crescimento do volume de negócios da televisão, por cabo, ultrapassa 14% ao ano, e mais de 50 milhões de alojamentos já estão «cercados» (o alojamento cercado é o alojamento onde foi instalada uma ligação por cabo). Em suma, vai-se assistir, nos vinte anos próximos, a uma enorme procura da comunicação. Será preciso dar-lhe resposta, de um ou de outro modo.

também pela frustração dos criadores e as esperas insatisfeitas do público e dos utentes da comunicação.

Para falar cruamente, é preciso negociar a viragem, sob pena de encontrar em poucos anos o camião da comunicação no cenário do fracasso e do bloqueamento institucionalizados.

Nada pode deter a evolução tecnológica. Sobre tudo regras. Um governo lúcido deve prece-der o futuro das técnicas e negociar o melhor possível a sua difusão na sociedade civil. Um governo cego, por mais que imagine o mais belo arsenal de regulamentos, as quotas mais certas e os cadernos de encargos mais bem encadernados, só poderá retardar as coisas até que o sistema acabe por explodir, o que não poderá deixar de ter efeitos perversos e destabilizadores.

As soluções tecnológicas

mento suave e negociado do nosso sistema de comunicação, aparece como a única saída possível, se se quiser evitar a «italianização» do sistema, saindo da estatização que o conduz ao bloqueamento e à sufocação.

Desagregar a comunicação significa antes de mais que é preciso, uma vez por todas, sair da sempiterna influência institucional da comunicação para considerar as funções e os mecanismos que a ligam à sociedade e ao mercado. A este respeito, a lei de 29 de julho de 1982 sobre a comunicação audiovisual teria podido constituir um inegável progresso em relação com a anterior situação, se não se tivesse contentado procedendo à criação de múltiplas estruturas, referentes a decretos de aplicação — que custam a aparecer — a chave do seu modo de funcionamento.

José Freches

Q

Este rápido panorama das duas principais evoluções tecnológicas caracteriza a comunicação de amanhã: plural, global e interactiva.

Esta agitação tecnológica — porque o é — vai provocar uma mudança de natureza do conteúdo da comunicação. *Mutatis mutandis* tratar-se-á, para os países de comunicação — que serão os países industrializados de amanhã — de uma mutação análoga à realizada pelas civilizações que passaram dos hieróglifos para o alfabeto. Então sair-se-á da pré-história da comunicação. Parece pois ilusório encarnarmos-nos a definir com precisão os controlos dos modos de comunicação de amanhã. Podemos em todo o caso saber que eles serão muito diferentes, na forma e no fundo, daquilo que hoje existe. De facto, poucos engenheiros imaginaram o avião a reacção no momento em que se criaram as primeiras máquinas a vapor...

Assim, retrospectivamente, os anos 1980-1990 surgirão, como a zona da transição da antiga comunicação para a nova: é a crise da comunicação, «crise» que deve ser tomada na sua acepção grega (passagem de um estado para outro), que se traduz, não só pelo qual estar (para não dizer a doença) que activamente afecta as estruturas públicas audiovisuais, mas

«copernicianas» que se anunciam no horizonte da comunicação fazem com que a via da lucidez possa estar contida num só termo: desregulação. Com efeito, perante as mutações cujas consequências ninguém pode prever com exactidão, convém que nos mostremos pragmáticos e realistas. Deste ponto de vista pode verificar-se que, no nosso país, o sector da comunicação, quer se trate do audiovisual, da publicidade e até do cinema, vive em bases tão-pouco adaptadas quanto possível às transformações que serão inelutavelmente necessárias. O quadro jurídico em que se insere, mostra-se demasiado rígido. Basta viajar na Europa para descobrir aquilo a que convém chamar-se um verdadeiro anacronismo estrutural. A França conserva uma legislação desusada ao mesmo tempo que tem uma boa posição no domínio tecnológico. Ela constrói o satélite mas recebe a chegada das cadeias estrangeiras. Ela hesita em realizar a evolução mental que deve acompanhar as técnicas que se prepara para pôr em acção.

A oferta e a procura

De tanto querer prever e organizar, dá-se a paralisia ou o fracasso. Assim, o desregra-

O enfoque funcional da comunicação passa por duas noções centrais: a oferta e a procura de comunicação ou então as empresas e o mercado. Isto significa principalmente que todo o produtor de comunicação vê a sua actividade necessariamente regulada pelo jogo da oferta dos emissores — produtores e da procura dos receptores — utentes. Logicamente uma das consequências imediatas do funcionamento deste princípio, traduz-se pela retirada do Estado do sector da produção, da difusão, e da informação audiovisuais. Aí como noutra lugar qualquer, poder público consiste em colocar o poder público no seu justo lugar, o do garante, e não o do elefante, da secção de porcelanas do mercado.

Mas a desestatização é um simples meio entre outros de permitir a plasticidade e a fluidez do ambiente socioeconómico, que são as condições fundamentais da entrada no nosso país na era da comunicação de amanhã. Desregregar também é abolir — mesmo progressivamente — as noções antidiluvianas de quotas, de cadernos de encargos em matéria, de programação, de controle administrativo sobre o audiovisual — que espantam sempre os estrangeiros que vêm a França. Em nome de quê seria necessário

estabelecer «policias» da comunicação e outras autoridades capazes de fazer reinar uma ordem que — faça-se o que se fizer — já não existe? Em menos de dez anos poder-se-á, graças a uma antena que custará menos de 1000 francos, captar as emissões de satélites audiovisuais. Com o satélite e o cabo, a comunicação estará na mesma situação da indústria francesa na altura do Tratado de Roma: abrir-se ou morrer lentamente, com as incalculáveis consequências económicas, sociais e culturais de uma tal escolha.

Claro que a explosão das novas técnicas de comunicação pode causar algumas perturbações, principalmente entre as empresas de Imprensa escrita, se estas não se prepararem a tempo. O grande perigo seria a Imprensa escrita passar a não ser mais do que um adjuvante do audiovisual, «profissionalizam-se» (o que significa uma redução drástica dos seus leitores) para se tornar, em quinze anos, um simples *vade-mecum* para o utente das novas técnicas da comunicação. O futuro pertence aos grupos de Imprensa escrita que souberem diversificar e investir maciçamente nas novas redes tornando-se por sua vez os actores (e que actores!) da nova distribuição tecnológica de cartas, que vai transformar a comunicação. Mais ainda, esta pode contribuir para fazer sair a imprensa escrita do marasmo em que há quinze anos está mergulhada.

A Imprensa escrita verá o seu futuro mais bem assegurado se souber investir as imagens. Tanto aqui como além os reflexos malthusianos não dão nada de bom. A diversificação ainda é a melhor maneira de evitar o declínio.

Entre 1960 e 1970 o crescimento da nossa economia foi provocado pela abertura europeia. Pode dar-se o mesmo, amanhã, com a comunicação. Basta deixar no vestígio os bloqueamentos e os elos que há dez anos se entendem demasiadamente bem.

Se não compreendermos este problema e não conseguirmos meios necessários para gerir a grande mutação dos anos 80-90, arriscamo-nos a não poder escolher entre a aridez do deserto e a sufocação da floresta.



A fibra de vidro, por exemplo: tão fina como um cabelo humano

Video e Audio: que escolher?

Paulo Jorge Cruz

I

NICIAMOS hoje uma série de três artigos destinados a quem adquirir um aparelho de vídeo e, paralelamente desconheça cuidados importantes na sua aquisição e posterior tratamento do material gravado (cassetes). Começamos, justamente, pela compra do principal elemento: o gravador.

Quis a concorrência e a pesquisa individual das marcas embaraçar por uma vez as opções do eventual comprador de um aparelho vídeo. De tal forma que, quem mesmo tiver já o dinheiro na mão e não trouxer qualquer informação de amigos, de certo não saberá o que fazer com o vasto mercado de marcas e modelos que se lhe apresenta pela frente. Depois, é a hesitação, acabando a escolha por recair, talvez, sobre o mais conhecido (o seu mais conhecido), ou, como sucede frequentemente (e com grande teimosia) pelo mais bonito.

Parece-nos evidente que um vídeo doméstico tradicional já é demasiado caro (acima, normalmente dos 80 contos — ainda que este preço represente um abaixamento considerável relativamente ao início da sua comercialização em Portugal), para que, quem o comprou, se arrependa mais tarde. Caro também, para que seja adquirido em função das suas características de **bibelot**.

Por todas estas razões — e serão muitas e grandes — julgamos interessante tentar esclarecer o candidato a comprador, partindo dos tipos de vídeo existentes no mercado.

BETA/VHS/VIDEO 2000

Existem actualmente três formatos (e três concepções) de fabrico de aparelhos vídeo. Cada um destes formatos possui características específicas e incompatíveis. No entanto, em cada um existente um número considerável de fabricantes, o que permite uma opção flexível. Por outro lado, cada formato tem ainda o seu fabricante principal.

Tudo isto não significa que existam diferenças de qualidade consideráveis entre os três formatos. Todos atingiram já uma fase de plena maturidade tecnológica pelo que as diferenças devem ser encarádas pelo lado positivo e não como depreciação de produto. A opção, deve então recair sobre o posto do comprador depois de examinar as características de cada aparelho.

Começamos pelo formato BETA. Este formato oferece uma elevada velocidade de

QUADRO I (Características principais dos 3 formatos existentes)

	Diâmetro do Tambor	Velocidade de Fita	Velocidade de Leitura	Relação Sinal/Ruído Vídeo	Relação Sinal/Ruído Audio
BETA	74,5 mm	1,87 cm/s	5,83 m/s	43 dB (*)	43 dB
VHS	62 mm	2,34 cm/s	4,84 m/s	41 dB	42-46 db (c/filtro)
V 2000	65 mm	2,44 cm/s	5,08 m/s	41 dB	46 dB (c/filtro)

(*) dB = Decibéis

QUADRO II (Principais marcas em cada formato)

BETA	VHS	V 2000
Sony NEC Toshiba Sanyo Zenith Telefunken Etc.	JVC Mitsubishi Canon Hitachi Pentax Blaupunkt Nikon Sharp Panasonic Salora Akai Etc.	Philips Grundig B & O Korting Siemens ITT PYE Etc.

QUADRO III (Transmissões não-compatíveis e Países ou zonas em que se encontram instaladas — lista não exaustiva)

PAL	SECAM	NTSC
Europa Ocidental (excepto França)	França Europa de Leste Norte de África	América do Norte e Central Japão

leitura (quer dizer, visionamento) o que contribui para uma definição superior da qualidade da imagem relativamente aos seus concorrentes. Para além do efeito imediato, a maior velocidade revela-se positiva na tiragem de segundas cópias, considerando que a duplicação implica sempre uma perda da qualidade inicial, neste caso será um pouco atenuada.

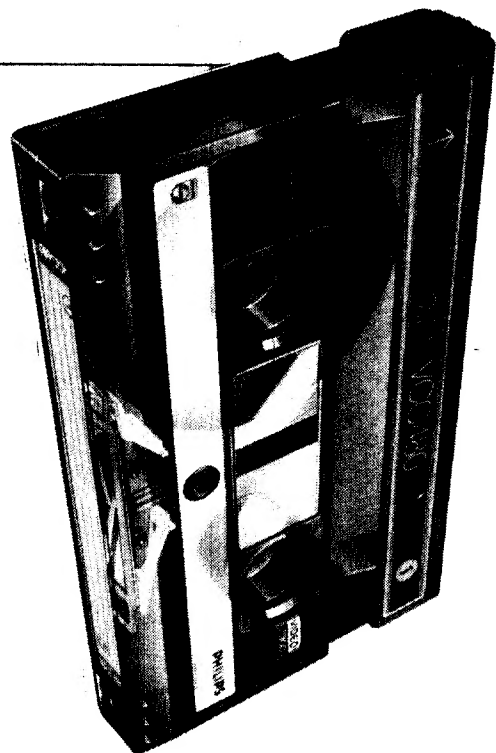
O VHS oferece uma boa estabilidade de imagem e um som superior ao do BETA dado que a velocidade da fita é superior — perdendo um pouco na velocidade de leitura. Para compreender melhor estes aspectos recomendamos a leitura do Quadro I.

O VIDEO 2000 tem uma velocidade de fita ainda superior a qualquer dos outros, pelo que as vantagens globais se revelam maiores. Uma das vantagens do V 2000 é a sua possibilidade de gravar algumas cassetes de ambos os lados duplicando assim a capacidade de gravação, que, no máximo, atinge 8 horas (2X4 horas). Finalmente, um dispo-

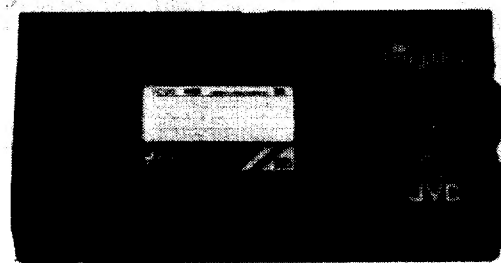
sitivo denominado como «seguimento dinâmico de pista» contribui para uma maior estabilidade de imagem, incluindo as perturbações em «pausa».

Muitas marcas modelos semelhantes

Ao pretender-se comprar um gravador vídeo deve ter-se ainda presente que este deve cumprir e possuir as funções que nós pensamos reservar-lhe. Correr à loja porque este ou aquele modelo permite a transmissão em vários sistemas quando o nosso país apenas utiliza um (falamos deles mais abaixo) e além disso, o que sucede com a maioria dos países europeus, é, evidentemente uma política de desperdício. Como também o é o controlo remoto que não se utiliza, ou vídeo que o possibilita mas cujo comando não se compra. Ou, finalmente, o vídeo estereó quando a televisão não o é e,



«Video 2000», a resposta europeia, com oito horas de autonomia gravadas dos dois lados



«VHS»: maior velocidade de fita e maior expansão

pior ainda, não se sabe quando vira a ser.

Há quem prefira os vídeo portáteis. Muito bem, se tiver ou pensar comprar câmara. Ou então há quem tenha câmara e nunca a utilize. Evidentemente, é escusado ligar a estas recomendações se não tiver um orçamento mensal... em todo o caso eis a sugestão.

Transmissões incompatíveis

Existem actualmente três sistemas de transmissão de TV, incompatíveis. Este problema, pode-se dizer, não existe ao nível do comprador de vídeo, já que cada aparelho comporta as necessárias adaptações para o país a que se destina. Pior será para quem, desprevidadamente, o compre no estrangeiro. Concretamente, e para além da visão do Quadro III, poderemos adiantar que o nosso é o PAL (talvez o melhor) os outros, o SECAM (francês) e o NTSC (EUA). ■

A seguir:
Trate as suas fitas

O que passou de moda no feminismo

Gisèle Moreau

Segundo alguns, depois de a actualidade lhe ter concedido grandes títulos, o feminismo teria «passado de moda». Já não teria a sua razão de ser, o seu combate a realizar, a sua autenticidade, visto ter sido recuperado pelos sindicatos, os partidos, as instituições. Curiosa concepção que faz do movimento das mulheres uma moda, um combate isolado do movimento social, uma vingança. É certo que este feminismo está à beira da ruína. Mas há outra maneira de ver as coisas

L

ongue de estar em regressão essa vontade torna-se, na minha opinião, mais profunda,

mais determinada. Ela exprime-se mais no que diz respeito às questões fundamentais com que as mulheres são confrontadas: serem donas do seu próprio destino, terem condições reais de igualdade no trabalho, no casal, na sociedade. A vontade de ter um emprego, uma verdadeira profissão,

uma formação profissional, uma promoção, não é hoje menos forte do que ontem, pelo contrário. Assim, a grande maioria das jovens deseja ter uma actividade profissional. A exigência de dignidade, de evolução das mentalidades e dos comportamentos, novas relações baseadas na igualdade, o desejo de dominar a fecundidade, são cada vez mais frequentes entre as mulheres.

Elas querem ao mesmo tempo uma profissão interessante, um casal que se entenda, filhos, uma vida social rica. Elas esperam da sociedade que ela crie, como é possível, as condições necessárias para o desenvolvimento da sua personalidade. Não se trata pois de descrever um novo «modelo», estereótipo da mulher liberta, mas antes de es-

clarecer o que diz vontade maioritária. Em todo o caso todas reclamam, a seu modo, os meios para escolher livremente o seu estilo de vida.

Como e a quem o dizem?

Dizem-no através de uma maior participação na vida social e política. Sem o seu apoio a esquerda não teria ganho as eleições de 1981 em França. Elas estão sempre presentes nas lutas sindicais para o emprego, os salários, as condições de trabalho, são activas nas associações, nas organizações mais diversas. As eleições municipais viram um crescimento do número de candidatas e de eleitoras. O PCF foi disso o principal artefacto (1).

Por outro lado, as artes e as letras já não são territórios interditos. As romancistas, as

realizadoras de cinema, as criadoras, são largamente reconhecidas.

Com os seus objectivos específicos de igualdade, a luta das mulheres não pode situar-se «à parte», numa espécie de ghetto onde alguns gostam de se fechar. Ser mais numerosas a lutar, a decidir, será serem recuperadas? O lugar das mulheres ter-se-ia tornado suficiente nos locais de decisão? Fazer a pergunta é dar-lhe resposta: o risco não é, decerto, estar nas instituições em número demasiado grande. O que é certo é o contrário. A democracia perde com isso e as mulheres também.

A herança da direita é muito pesada: as mulheres formam a maioria dos desempregados, têm os salários mais baixos, a diferença das remunerações entre homens e mu-

lheres é de 33%; 80% das operárias são operárias especializadas. Apesar disso as raparigas só são orientadas para trinta tipos de trabalho em trezentos. A igualdade ainda não foi conquistada.

Claro que, com o governo de esquerda há pontos de apoio muito reais para avançar: a lei que diz respeito ao reembolso da interrupção voluntária da gravidez, o projecto de lei anti-sexista, as medidas para a formação profissional das jovens, as medidas em favor das mulheres na função pública, a lei a favor da igualdade profissional. Mas tudo está longe de estar resolvido.

(1) 34% de candidatas nas cidades de mais de 30 000 habitantes.

doces crônicas

CP



Polanski não volta aos EUA

O realizador Roman Polanski numa entrevista concedida em Paris ao diário britânico «The Times», declarou que não tenciona regressar aos Estados Unidos, onde foi pronunciado em 1977 por «relação sexual com uma rapariga de 13 anos».

«Hollywood foi para mim o cenário de demasiados desgostos e tragédias, Nova Iorque não é a capital da indústria cinematográfica e eu não tenho vontade de voltar aos Estados Unidos» disse ele acrescentando que se arriscaria a ser preso mal pisasse o solo americano.

O actor e realizador tinha sido pronunciado por violação na Califórnia, acusação que fora posteriormente reduzida a de

relação sexual ilícita, mas saiu dos Estados Unidos antes de ser condenado.

«Fiz mal em fazer aquilo por causa da lei em vigor na Califórnia mas no plano moral, pode-se censurar o que fazem dois seres unicamente por causa da idade? Não posso acreditar que seja algo de mal» declarou.

Roman Polanski que acaba de publicar a sua autobiografia intitulada «Roman» está a preparar uma película que se chamará «Os Piratas» e cuja rotação deve começar na Tunísia na Primavera próxima.

● A Alliance Française, na Rua Braancamp 13-1.º, será a partir de amanhã um ponto de passagem quase obrigatório para os que tenham um «fraquinho» pela pintura. Ai, e a partir das 18 horas de terça-feira, estará em exposição uma selecção das obras do Museu do Caramulo onde se conta, entre outros, com Chagal, Dali, Miró, Rodin, Dufy, Leger, Sousa Cardoso e Vieira da Silva. Dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 20 horas.

● Se a entrada na penúltima semana do mês já pesa na sua bolsa, a televisão poderá ser um meio de ir entretendo as noites. Só que o acontecimento televisivo está guardado para sexta-feira. Às 21 e 15, Simone (a brasileira) preencherá o programa Aplauso. Um concerto ao vivo da conhecida cantora cuja voz e presença não é fácil esquecer. Hoje, na RTP-2, às 20 e 30, o início de um ciclo dedicado ao cinema negro francês. A estreia está a cargo de Jacques Becker com «Touchez pas au gribi». Os actores são René Dari, Jean Gabin e Jeanne Moreau. Na quarta-feira, na canal 1, às 21.15, Ludwig visto pelo alemão Helmut Kautner. A fotografia é de Douglas Slocombe (o mesmo dos Salteadores da Arca Perdida e Nunca Mais Digas Nunca). Klaus Kinski, no início da carreira, é um dos actores.

● Mas não é só a Televisão que vive de «fitas». Entre a Gulbenkian e a Cinemateca continua o ciclo John Ford do qual pode ver amanhã, às 21 e 30, no primeiro local, Wagonmaster. Mudando de ciclo, porque não passar pelo S. Luiz, às 18.30 de quinta-feira, dia da exibição de «Les Canadienses» de Albert Kish e que integra o ciclo dedicado ao cinema canadiano. Entretanto, recorde-se que no estúdio do AC Santos de Alvalade está em reposição «O Mistério de Oberwald» de Antonioni.

● Pro Art Quartet e Sequeira Costa são as duas sugestões musicais que lhe propomos. Às 18 e 30, terça-feira e quarta-feira, respectivamente, no Grande Auditório da Gulbenkian. Para os intervalos ou dias mortos da semana, equi-pe-se com dois livros de um polaco chamado Stanislaw Lem, editados em português pela Europa América: «Solaris» e o «Regresso das Estrelas» uma boa incursão na ficção científica.